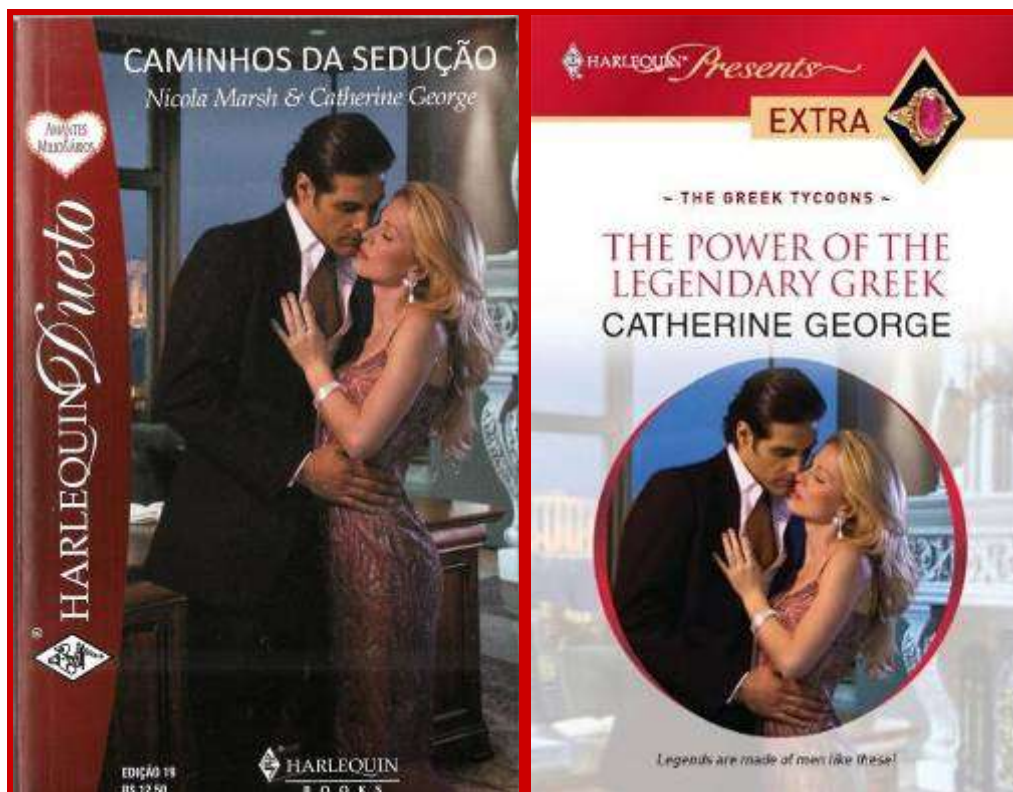


O Poder Do Desejo

The Power Of The Legendary Greek

Catherine George



Harlequin Dueto 19.2

Isobel James mal conseguia acreditar que fora à Grécia por conta própria. Suas férias em uma ilha paradisíaca eram a oportunidade perfeita para relaxar e pintar. Quando o recluso magnata Lukas Andreadis a encontrou ferida em sua praia particular, imaginou que ela fosse mais uma jornalista se passando por “donzela em apuros”. Após levá-la para sua *villa*, ele logo descobriria que Isobel não era uma ameaça a sua vida particular, mas a seu coração...

Digitalização: Rita
Revisão: Alice Akeru





PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II
B.V/S.à.r.1.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE POWER OF THE LEGENDARY GREEK

Copyright © Catherine George 2010

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU' S SYSTEM

Tel: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para: Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

Com passadas largas, ele percorreu o último andar do prédio em direção às portas duplas abertas e saboreou o momento em que entrou na sala para ver, sorridentes, todos os 11 membros do conselho. O 12º membro, a única mulher presente, fitou-o com seus olhos negros enquanto ele se curvava para cumprimentá-la à distância. As imensas janelas da sala descriminavam uma vista panorâmica de Atenas, mas ali todos os olhos estavam voltados para ele enquanto se sentava e abria sua pasta.

A mulher na cabeceira da mesa observava cada movimento dele como um gato que se prepara para dar o bote, mas Luke ignorou. Depois de várias semanas de negociações sigilosas com cada pessoa da sala, a reunião de hoje era uma mera formalidade. Assim que cumprimentou todo mundo, Luke ficou de pé para descrever os detalhes da proposta sem dar atenção à ira da mulher ao encerrar sua exposição. Luke olhou atentamente para cada um.

— Todos estão de acordo?

Imediatamente, todos ergueram a mão, exceto por Melina Andreadis, que se levantou furiosa. Vestida num *tailleur* preto clássico, o cabelo longo com cachos juvenis contrastando com o olhar maduro, Melina lançou um olhar tão venenoso ao seu encontro que quase o transformou em pedra.

— Vocês acham que podem entregar a minha empresa para este *playboy*! — ela gritou e gesticulou com o pulso fechado. — Eu voto *contra*! Recuso-me a aceitar isto.

Mas Luke se limitou a fitá-la.

— Já está feito. Minha generosa proposta já foi aceita pela maioria dos membros do conselho.

— Eles não podem fazer isso. Eu os proíbo. Esta é a minha empresa de aviação — ela disse irada.

— Não, *kyria* — ele disse com um olhar frio. — Esta empresa era do meu avô, nunca foi sua. E agora é minha. Eu, Lukas Andreadis, sou o dono desta empresa por direito de compra e de sangue.

CAPÍTULO UM

O borrão no horizonte lentamente se transformou em uma ilha coalhada de pinheiros num mar azul deslumbrante. À medida que o barco se aproximava, Isobel

já podia ver tavernas com toldos coloridos enfeitando o cais e casas amontoadas morro acima com paredes brancas e telhados cor de canela. Observou as casas ao se aproximar do cais, tentando localizar aquela exibida no folheto que tinha em mãos, mas desistiu quando reparou que quase todas tinham portas azuis e varandas como a que ela procurava. Ao ver o cais chegando, colocou a mochila nas cosias e pegou suas malas, aliviada. Finalmente chegara!

Isobel queria almoçar primeiro para depois procurar o chalé que alugara na ilha paradisíaca de Skyros. A taverna indicada no seu folheto era bem simpática, amontoadas com mesas de gente comendo, bebendo e falando sem parar. Procurou por uma das poucas mesas vazias e instalou-se nela, colocando suas malas junto aos pés enquanto estudava o cardápio. Com um educado "*parakalo*" ela apontou sua escolha para o garçom que logo providenciou uma garrafa de água mineral, pão, uma salada colorida e queijo feta. Começou a devorar a comida, como se não comesse há dias, o que, em parte, era verdade.

— Gostou da *salata*? — perguntou o garçom.

Isobel sorriu ao ouvi-lo falar inglês.

— Estava deliciosa. — Isobel então lhe mostrou o folheto que trazia. — Pode me ajudar, por favor? Disseram-me que eu podia pegar aqui as chaves de um destes chalés.

— Meu pai fica com as chaves — o garçom confirmou. — Ele é o dono do Kalypso. Espere um pouco que eu a levo até ele.

— É muita gentileza sua, mas não quero atrapalhar seu trabalho. Posso perfeitamente pegar um táxi...

— Meu pai chama-se Nikos, e ele também é o dono da taverna. Ficaré feliz se a levar lá. Acabei de voltar do hospital.

— Você esteve doente? — ela perguntou surpresa.

— Não. É o meu trabalho, sou médico. Mas sempre ajudo quando estou em casa. Sou Alex Nicolaides. Se me disser seu nome para passar para meu pai, posso levá-la até o Kalypso.

Disse ser Isobel James e assim que tomou mais um pouco de água e pagou a conta, o prestativo Alex já estava a seu lado novamente, pronto para ajudá-la.

— Podemos ir caminhando, pois é bem próximo daqui — ele disse ao pegar as malas dela, mas Isobel segurou a mochila.

— Pode deixar que eu levo.

— Tem coisas de valor aí? — ele perguntou enquanto percorriam o caminho ao longo da marina.

— De certa forma, sim. O meu material de pintura.

— É uma artista, srta. James?

— Tento ser — ela respondeu sorrindo.

De fato, Kalypso era bem próximo da taverna, mas o sol quente deixou Isobel suada e cansada quando chegaram no conjunto de seis chalés espalhados pelo morro a uma certa distância do cais. Todos tinham sacadas azuis de frente para o mar.

Seu guia examinou a chave que Isobel trazia e o número do chalé para depois perguntar.

— Seu chalé é o último, lá em cima do morro. Será que não vai se sentir

muito sozinha?

Ela balançou a cabeça discordando. Longe disso. A paz e o isolamento eram exatamente o que procurava.

Os outros chalés tinham ficado bem para trás quando o seu guia a conduziu por uma escada íngreme e escorregadia. Ele pousou as malas na varanda, com espreguiçadeiras e uma mesa, e abriu a porta do chalé.

— Bem-vinda a Skyros, srta. James. Tenha uma boa estada.

— Obrigada. Mais uma coisa, onde fica a praia mais perto daqui?

— Ao lado do cais. Mas se descer por aqui tem outra que vai lhe agradar mais. — Ele apontou para uma trilha entre os pinheiros, nos fundos da casa. — A praia é menor, muito bonita e bem vazia por causa do difícil acesso.

— Parece perfeita. Obrigada pela ajuda. — Isobel sorriu ao se despedir e em seguida entrou para examinar o chalé que consistia de um único cômodo, grande e ventilado, de piso branco e paredes pintadas de amarelo. A decoração simples se resumia a um sofá, cortinas azuis, duas camas com colchas brancas e um armário. Mais adiante havia a cozinha e o banheiro. Tudo estava tão limpo e tranquilo que parecia um santuário para Isobel.

Sua amiga Joanna, a companheira de todas as viagens antes de se casar, desaprovava sua escolha e insistiu que ela se hospedasse em um hotel, em algum local agitado como Mykonos. Mas Isobel optara por Skyros, um lugar calmo e idílico onde ela poderia pintar ou até mesmo ficar à toa, sem horários e sem grandes emoções.

Isobel desfez as malas, depois tomou um banho de chuveiro, vestiu um *short* e uma camiseta para então ir à varanda. Enviou uma mensagem para o celular de Joanna, dizendo que chegara bem, e sentou-se para consultar seu guia de viagem com uma toalha sobre os ombros para secar o cabelo antes de penteá-lo. Apaixonada pela mitologia grega desde criança, ela consultou o mapa para descobrir onde estava a ilha de Serifos na qual, segundo a lenda, Perseu e sua mãe Danae foram jogados no mar, mas achou que precisava se recuperar da última viagem antes de se aventurar em outra.

Isobel se recostou na cadeira, feliz por não fazer nada por enquanto, mas logo colocou o caderno de desenho sobre o joelho e iniciou um esboço com os barcos que estavam no cais à sua frente. Ficou ali distraída, e quando percebeu já estava escuro. Espreguiçou-se e resolveu comer o pão e o queijo que havia no chalé, pois era tarde demais para descer até a taverna para jantar. Amanhã será outro dia, como dizia Scarlett O'Hara, do livro *...E o vento levou*.

Ela ficou na varanda observando as luzes dos barcos e das casas no morro. Ao se recostar na cadeira para ver as estrelas que surgiam como diamantes no céu de veludo, o vento trouxe um cheiro de comida e um som de música ao longe. Ao contrário das previsões de Joanna, ela não se sentia sozinha, mas em paz. Pela primeira vez nas últimas semanas, sentia-se leve. E devia haver algo de especial no ar, pois ainda era cedo e ela já estava sonolenta. Não seria nenhum sacrifício ir para a cama.

Acordou cedo no dia seguinte, feliz por ter dormido com tanta facilidade e não ter tido um pesadelo sequer.

Tomou o café da manhã, vestiu uma calça jeans e uma camiseta por cima do biquíni rosa e colocou um boné de beisebol para então passear. Passou pelo cais e foi em direção à praça da cidade, sorrindo para as senhoras vestidas de preto e os senhores sentados em frente às casas. Encontrou uma pequena loja aberta onde comprou alguns cartões-postais, pão, água mineral e uvas viçosas, para então fazer o caminho de volta para casa. Finalmente, munida de óculos escuros e outros itens básicos na mochila, Isobel partiu para conhecer a praia recomendada por Alex Nicolaidis.

E ele estava certo. A trilha era extremamente íngreme em certos trechos, mas a praia era deserta e linda, uma recompensa e tanto poder pisar naquela areia. Isobel olhou em total encantamento para a praia onde o mar variava do verde-esmeralda até o azul-celeste.

A vegetação chegava bem pertinho do mar. Precisava pintar aquela cena, mas seria difícil descer pela trilha com todo o seu material de pintura. Por enquanto ela se contentaria em fazer um esboço, Isobel escolheu o lugar onde havia uma pedra, que funcionaria como mesa, e logo tratou de tirar a calça jeans, a camiseta, lambuzou-se de filtro solar e acomodou-se sobre uma toalha para pintar. Ninguém desceu pelo mesmo caminho que ela, mas cerca de uma hora depois de paz absoluta, pequenos barcos se aproximaram e descarregaram passageiros que se instalaram na praia, munidos de cestas de piquenique e crianças. Foi o fim da sua tranquilidade. Isobel se conformou e já se preparava para enfrentar a difícil escalada de volta quando reparou que havia uma fenda na rocha na outra extremidade da praia e não resistiu em ir até lá para investigar.

A fenda era estreita e escura e coberta de vegetação. Isobel tirou a mochila das costas e entrou pela passagem apertada. Teve dificuldade de passar em um trecho mais espremido e quase desistiu. Mas viu que mais adiante era espaçoso, então foi em frente com seus pés escorregando sobre a pedra úmida até alcançar uma pequena enseada protegida por um penhasco escarpado. E ninguém à vista.

Isobel observou embevecida aquele paraíso. Decidiu almoçar apenas uvas e água, bem ali. Tirou a roupa novamente para ficar só de biquíni e instalou-se embaixo de uma saliência da rocha que mais parecia a forma de um leão desenfreado. Bebeu água e comeu algumas uvas e resolveu tirar um cochilo.

Assim que ela se acomodou, sua paz foi perturbada pelo ronco de um motor. Instintivamente, Isobel subiu na rocha íngreme para perceber um homem de *jet ski* vindo na sua direção, que se desviou no último minuto, rindo muito e se dirigindo para o mar de novo. Com o coração aos pulos, Isobel amaldiçoou tanto o idiota que, ao se virar para descer da pedra, acabou caindo e batendo com a cabeça, e ela não viu mais nada.

* * *

Lukas Andreadis aguardava ansiosamente a oportunidade de poder nadar, jantar e passar uma noite inteira sem discutir negócios. Depois de trabalhar na área de transportes durante toda a sua vida adulta, ele agora ia para o lugar que mais gostava e comemoraria sozinho seu triunfo sobre Melina Andreadis. Começou a relaxar quando sobrevoou de helicóptero o mar azul tão familiar. Como de costume, ele se alegrou ao ver a ilha de Skyros onde, diferentemente de Atenas, remavam a paz e a privacidade. Porém, quando fez um voo rasante em direção a cidade, Luke praguejou frustrado. Uma mulher seminua estava tomando banho de sol na sua

praia particular. De novo.

Luke pousou no heliporto atrás da casa, desligou o motor e pulou da aeronave caminhando curvado até ficar fora do alcance das hélices que ainda giravam. Passou pela piscina e foi em direção às árvores junto ao penhasco e olhou para ver a mulher deitada lá embaixo, imóvel. Por que será que não o deixavam em paz? Virou-se ao perceber a chegada do fiel empregado Spiro, trocando cumprimentos afetuosos antes de apontar para a praia.

— Tem gente na enseada novamente. Que diabos, onde está Milos?

— Precisou se ausentar. Quer que eu pegue o barco e vá até lá?

— Não, deixe comigo. — Luke pegou suas malas e andou com passadas largas pelo caminho cercado de palmeiras e espiroleiras do exuberante jardim. Em vez de pôr em prática seu ritual de respirar a tranquilidade e acolher com alegria seu esconderijo, ele subiu correndo pelas escadas de casa, tirou sua roupa e vestiu um *short*, camiseta e sapato de velejar, sorrindo para Spiro que já começava a guardar as roupas da mala. — Não se preocupe. Não vou machucar a mulher.

— Eu sei disso! — ele respondeu com a intimidade de quem conhecia e amava o patrão desde que nascera. — Não se esqueça de usar seus óculos escuros e não corra demais.

Luke Andreadis pegou dois molhos de chaves, parou na cozinha para falar com Eleni, a esposa de Spiro, depois observou a praia de cima do penhasco novamente e sorriu ao ver que a figura continuava de braços tostado ao sol. Aquela tola estava se arriscando a ter uma insolação, para dizer o mínimo, mas não por muito tempo.

Luke correu pelo jardim, entrou no jipe Cherokee estacionado atrás da casa e seguiu pela estrada sinuosa. Desacelerou ao entrar na cidade e se dirigiu até o cais. Subiu na sua lancha *Athena*, ligou o motor e, assim que saiu da marina, acelerou, passando por praias e banhistas, até chegar à sua praia particular. Atracou sua lancha no cais escondido entre as rochas e olhou para a praia. A mulher ainda estava lá.

— Esta é uma praia particular — ele berrou, mas em seguida percebeu que ela estava inconsciente. Toda desengonçada, a mulher permanecia imóvel e de cabeça para baixo, com longos cabelos cacheados caindo pelos ombros. Ele já ia segurar o seu rosto quando a viu abrir os olhos azuis, cheios de dor, e se assustar com o rosto dele tão próximo do seu.

— Você caiu. O que fazia aqui? — ele perguntou em grego.

— Desculpe... não compreendo — ela disse com voz trêmula, depois se encolheu e gemeu retorcendo o rosto de dor.

— Você caiu. Bateu com a cabeça — ele disse em inglês, depois praguejou ao ver sangue escorrendo pela têmpora dela.

— O tornozelo também está machucado — ela disse. — Escorreguei na pedra quando você surgiu no mar vindo na minha direção naquele jet *ski*...

— *Jet ski*? — Luke olhou fixo para ela. — Está delirando, deve ser uma consequência da queda, *kyria*. Não possuo tal veículo. Eu vim de lancha. — Ele examinou o pé dela e viu que estava preso numa fenda da rocha. — Preciso soltar seu pé, mas isso vai doer.

Ela trincou os dentes e virou o rosto para o outro lado. Luke desamarrou as tiras do tênis, mas, ao tentar soltar o pé, ela gemeu de dor.

— Por favor, seja rápido!

E assim ele fez, só que quando soltou o pé da moça, ela desmaiou de novo. Praguejando, Luke rapidamente procurou seu celular no bolso de trás.

— Spiro, a mulher se acidentou. Ela está desmaiada. Como a esta hora a clínica já deve estar fechada, terei de levá-la para casa. Ligue para o dr. Riga, por favor. Diga que é urgente.

Luke achou melhor deixá-la desacordada. Sem graça de vê-la tão despida, usando apenas um biquíni reduzido, ele pegou a toalha que estava ao lado, sacudiu-a e cobriu a moça. Remexeu a mochila dela e encontrou um bloco de papel e lápis. Além disso, apenas uma bolsinha com uns trocados e um romance em inglês. Nenhum documento. Quando já ia pegá-la no colo, ela abriu os olhos, apavorada.

— Não tenha medo — ele disse impaciente. — Vou levá-la para a minha lancha.

Luke a carregou com muito cuidado pela praia e ela desmaiou mais uma vez até ele conseguir colocá-la na lancha. Mal-humorado, ele ligou a embarcação e acelerou pela curta distância até a marina, feliz por seu ancoradouro ser bem longe do movimento das tavernas. Temendo que a moça tivesse fraturado o crânio, ele a pegou com todo o cuidado, mas mesmo sendo magrinha, estava bem pesada. Com cautela, ele a levou até o carro e a acomodou no banco do carona. Cobriu-a com a toalha, jogou a mochila no banco de trás e rumou para a cidade.

Spiro e Eleni vieram ao encontro dele, seguidos por Milos, o jardineiro, todos assustados com a passageira desacordada.

— Perdoe-me, *kyrie* — disse Milos cheio de culpa. — Minha mãe precisou de mim. O que houve com a moça?

— Caiu nas pedras — ele respondeu ao pular do carro.

— Dr. Riga saiu para atender um paciente — Spiro informou preocupado.

— Será que demora? — Luke indagou.

— Vi Alex Nicolaides esta manhã, ele está em casa, *kyrie*. Posso ir buscá-lo — sugeriu Milos.

— Vá o mais rápido possível, por favor.

— Pobre moça! — Eleni se curvou para limpar o sangue na têmpora da moça enquanto Milos saiu correndo para buscar o médico. — Machucou seu rostinho lindo.

— Posso levá-la para o andar de cima — ofereceu Spiro, mas Luke logo reagiu.

— Deixe que eu faço isso. Vou precisar de você, Eleni. — Quando ele soltou o cinto de segurança, a moça acordou e tentou se endireitar, fugindo de Luke com olhar de medo.

— Está em segurança — ele disse impaciente. — Trouxe você para a minha casa.

— Preciso voltar para o meu chalé — Isobel protestou horrorizada. E tentou sair do carro antes que ele pudesse segurá-la, mas gemeu ao tentar apoiar o calcanhar no chão.

Zangado, Luke a pegou no colo e ignorou os apelos de Eleni quando viu a toalha cair. Ele subiu com ela para o quarto e a colocou em uma poltrona.

— Vou deixá-la aqui com a minha governanta — disse Luke antes de sair do

quarto.

— Meu nome é Eleni — ela disse sorrindo. — Falo um pouco de inglês. — Eleni pegou no braço da moça para ajudá-la a deitar-se na cama, mas Isobel não quis.

— Estou enjoada — Isobel disse e colocou a mão sobre a boca, e Eleni rapidamente a ajudou a pular até o banheiro. Depois de passar pelo episódio humilhante, Isobel acabou aceitando a ajuda de Eleni para ajudá-la a tirar o biquíni, limpá-la com uma esponja e vesti-la com um roupão branco atalhado. — Obrigada — disse Isobel trêmula quando Eleni a deitou na cama.

— Vou lavar isso — ela disse ao pegar o biquíni. — Você, descanse.

A dor que Isobel sentia na cabeça piorou bastante depois de passar mal no banheiro. Ela tentou se recordar do que acontecera, mas só lembrava do idiota vindo em sua direção, num *jet ski*, depois bater com a cabeça e nada mais, então viu um rosto bonito e zangado de um estranho que ela achava ser o culpado daquilo. Ao ver a porta do quarto se abrir e ele se aproximar da cama, ela ficou tensa.

— Como se sente?

— Não muito bem. Desculpe-me se estou lhe dando trabalho, mas será que pode me dar um pouco de água?

— Claro.

Isobel observou aquele homem ao sair do quarto. Era alto e forte, e se estivesse bem-humorado seria muito bonito. Porém, não era sua hostilidade que a preocupava, mas o que fazer para sair daquela casa e voltar para o chalé que lhe custara um bom dinheiro. E já perdera um dia de suas férias. Isobel segurou o choro, pois não queria sentir pena de si mesma. Logo seu anfitrião voltou com sua mochila, seguido pela governanta que trazia uma bandeja. Eleni entregou um copo com água para Isobel e depois, entendendo o olhar do patrão, ela saiu do quarto deixando a porta bem aberta.

— Eleni tem cuidado da minha família há muitos anos — ele disse.

— Ela é gentil — disse enquanto bebia um pouco de água.

— Por acaso eu não sou?

— Claro que sim. Sou muito grata a você. Estou constrangida por estar dando tanto trabalho.

— Qual o seu nome?

— Isobel James. — Ela bebeu o resto da água e depois pressionou o copo frio contra sua face. — E o seu?

Luke riu com desdém.

— Então não sabe?

— Infelizmente, não. Só cheguei aqui ontem.

— Então o que fazia na minha praia? Pagou a alguém com uma lancha para trazê-la?

— Não. Eu descii pela trilha atrás do meu chalé até a praia do lado. Mas por volta do meio-dia, ela ficou cheia demais e foi então que eu vi uma passagem na rocha e resolvi explorá-la.

— Mas aquela passagem está bloqueada!

— Nem tanto, eu consegui passar.

— Estava assim tão determinada a invadir a minha privacidade?

— De forma alguma — Isobel respondeu. — Não sabia que era uma praia particular, e muito menos que fosse sua. Peço que me desculpe, humildemente, por ter invadido sua propriedade. Agora, se me chamar um táxi, eu me visto e vou embora.

— E como acha que vai conseguir andar?

— Darei um jeito — respondeu Isobel, rezando para dar certo.

Neste momento, Eleni bateu na porta aberta e deixou entrar uma figura familiar portando uma maleta de médico. Os dois homens se abraçaram antes de Alex Nicolaides se aproximar de sua cama e se espantar de vê-la ali.

— Srta. James! O que aconteceu? — Depois, virou-se para Luke e deve ter feito a mesma pergunta, na língua deles.

E Luke respondeu em inglês.

— A moça invadiu minha praia particular e sofreu uma queda. Estava inconsciente quando a encontrei. Obrigado por ter vindo, doutor. Examine-a e diga-me o que devo fazer.

— Preciso que Eleni fique do meu lado, por favor — disse Isobel, nervosa.

Luke fez sinal para a governanta, mas não saiu do quarto. Eleni segurou sua mão enquanto o médico a examinava.

— Que falta de sorte, srta. James — Alex disse baixinho.

Sua sensibilidade foi tão sincera que Isobel começou a chorar. Eleni secou seu rosto com lenços de papel enquanto Alex examinava seu ferimento, depois ele testou seus olhos com uma lanterna, suspendeu um dedo e a pediu para segui-lo com um olho de cada vez.

— Você vomitou?

— Sim.

— A cabeça dói muito?

— Sim.

— Ela também machucou o pé — disse Luke entediado.

Alex franziu o cenho ao ver o tornozelo inchado.

— Terei que examinar para ver se você fraturou o tornozelo — ele avisou Isobel. — Serei bem rápido.

— Cuidado — alertou Luke. — Ela desmaia à toa.

À toa? Até hoje ela nunca havia desmaiado em sua vida! Isobel trincou os dentes, pois não queria desmaiar enquanto Alex a examinava, mas chegou bem perto.

— Você apenas torceu o tornozelo, srta. James — Alex lhe assegurou. — Vou colocar uma faixa provisória e pedir ao dr. Riga que tire um raios X para confirmar o diagnóstico. Também vou colocar um curativo no seu rosto e receitar um analgésico para aliviar a dor. Tome bastante líquido.

— Obrigada. — Isobel tentou ficar relaxada enquanto o médico enfaixava seu pé. — Veio até aqui de carro, doutor?

— Não — ele olhou surpreso. — Vim na garupa da moto de Milos. Por que a pergunta?

— Pensei que pudesse me dar uma carona de volta para o chalé — ela

respondeu desapontada. — Será que me faria a gentileza de chamar um táxi?

Alex olhou para Luke, que logo sorriu.

— Srta. James, pode ficar aqui o tempo que quiser.

Só que ela não ficaria nem um minuto a mais se pudesse evitar.

— É muita gentileza sua — ela disse com frieza. — Mas eu não quero dar tanto trabalho. Pode me chamar um táxi, então, doutor?

Alex estava tão sem graça que Luke teve pena dele.

— Eu mesmo vou levá-la, srta. James — ele disse. — Mas só quando estiver em condições de se arranjar sozinha. Faça uma demonstração para nós.

Isobel juntou toda a sua força de vontade para sentar na cama. Fez uma pausa para respirar, depois virou o corpo, pôs o pé saudável no chão e segurou a mão estendida de Eleni para se levantar.

— Viram? Agora, se os cavaleiros fizerem a gentileza de sair do quarto, vou me vestir.

— Srta. James, esta não é uma boa ideia — disse Alex achando que ela poderia desfalecer a qualquer momento.

— Preciso tentar. O chalé não tem escada. Tenho comida lá, então se o senhor... — Ela fitou seu anfitrião. — Perdoe-me, não sei seu nome.

— Não? — Ele franziu o cenho incrédulo. — Sou Lukas Andreadis.

— Muito prazer. — Então ela se virou para Alex. — Se o sr. Andreadis me levar, eu ficarei muito bem. — Em seguida ela teve que conter uma ânsia de vômito, chegou a cambalear ligeiramente e apertou a mão de Eleni.

Mas Luke se negou a fazer o que ela pedia.

— Eu a levarei quando estiver bem de fato, srta. James, mas isto obviamente não será hoje. Coloque-a de volta na cama, Eleni.

— Também acho melhor, Luke — disse Alex aliviado.

Isobel desistiu de argumentar e deixou que Eleni a conduzisse de volta para a cama. Sua tão esperada odisseia chegara ao fim antes mesmo de começar. Ela ignorou a conversa que os dois homens tiveram na língua deles, querendo que fossem logo embora e a deixassem sozinha para curtir sua desgraça.

— Srta. James — disse Alex junto a sua cama.

— Sim?

— Pode me entregar as suas chaves, vou levar a minha irmã até lá para juntar os seus pertences.

— As chaves estão na minha mochila. Obrigada.

— Terei o maior prazer em fazer isso, mas a ideia foi de Luke.

— Então, obrigada a você também, sr. Andreadis.

— Aqui na Grécia temos o hábito de ajudar os viajantes — Luke respondeu com indiferença.

— A não ser que invadam a sua praia.

— É verdade. — Ele abriu um ligeiro sorriso. — Venha, Alex, vou levá-lo até lá.

Eleni fechou a porta, depois colocou um suco no copo e deu para Isobel tomar junto com dois comprimidos.

— Beba, *kyria* — ela disse com firmeza.

Obediente, Isobel engoliu o remédio com o suco.

— *Efcharisto*, Eleni — ela disse sorrindo. — Pode me chamar de Isobel, por favor.

Eleni repetiu o nome dela timidamente, depois colocou o copo sobre a mesa e abriu um copinho de iogurte.

— Desculpe-me, mas não posso comer nada por enquanto — disse Isobel.

— *Ochee*, não é para comer. É para o seu rosto. Está queimando, não está?

— Sim, está — Isobel disse aliviada.

Eleni colocou o iogurte gelado sobre seu rosto, deixou ficar por um tempo e depois o retirou com lenço de papel.

— Mais tarde faço isso de novo — ela prometeu. — Agora você deve dormir um pouco, Isobel. — Eleni sorriu e saiu do quarto deixando a porta aberta.

Passado algum tempo, os comprimidos aliviaram suas dores e Isobel pôde observar o ambiente em que estava. As portas de vidro que se abriam para uma varanda tinham cortinas brancas esvoaçantes, e o quarto era decorado com elegância e simplicidade. Ela gemeu ao pensar que viera até Skyros com o intuito de recuperar sua autoestima, no entanto, logo no primeiro dia de suas férias estava aqui presa na casa de um estranho, rico, mas hostil, sem esperança de sair enquanto não ficasse mais independente. Por quê será que o homem tinha tanta certeza que ela o conhecia? E pareceu incomodado com isso. Talvez ele fosse alguma celebridade na Grécia. Não precisava se preocupar com ela, pois mesmo ele sendo bonito, era tão arrogante que deixava de ser atraente como homem...

Quando Isobel voltou a abrir os olhos, viu outro estranho a fitando.

— Isobel, este é o dr. Riga — disse Eleni, apressando-se para ajudá-la a se sentar na cama.

O homem grande de óculos sorriu para ela.

— *Kalispera*. Como se sente? — perguntou em inglês, mas com forte sotaque ao tomar seu pulso.

— Não muito bem — ela teve que admitir. O olhar solidário do médico a fez chorar.

— Desculpe-me, doutor. — Isobel pegou o lenço que Eleni a entregava para secar suas lágrimas.

— Sente dor e está sozinha num país estranho, srta. James. É natural que chore — ele a consolou. — Preciso levá-la para minha clínica para fazer um exame de raio X. Eleni vai ajudá-la a se vestir — dito isso, ele sorriu e saiu do quarto.

— Eleni, você me ajuda a me lavar novamente? O senhor Andreadis trouxe minhas roupas?

A mulher inclinou a cabeça confirmando e ajudou Isobel a descer da cama e pular num pé só até o banheiro.

— Precisei passar sua roupa — ela disse. — Alyssa Nicolaidis foi muito apressada ao arrumar sua mala.

— Obrigada pelo carinho, Eleni. Não quero deixar o doutor esperando.

— Não tenha tanta pressa, ele já foi embora. *Kyrie Luke* vai levá-la — ela avisou.

Depois de se lavar, Isobel se sentiu mais apresentável vestindo saia branca e camiseta azul, apesar de usar apenas um pé da sandália. Continuava enjoada e sua cabeça latejava. Eleni a sentou diante da penteadeira, passou-lhe mais iogurte sobre o rosto, limpou e depois lhe entregou sua mala. Resignada de ver que tinha apenas um pequeno machucado embaixo do olho, Isobel passou cuidadosamente o pente no cabelo e sorriu para Eleni.

— Estou pronta.

— Vou avisá-lo.

Luke surgiu usando jeans e uma bonita camisa social branca, provavelmente feita sob medida, e Isobel lamentou não poder descer as escadas com os próprios pés.

— Como se sente agora?

— Mais apresentável.

— Mas ainda sente dor.

— Sinto.

— Farei o possível para não fazê-la sofrer ainda mais — ele disse ao pegá-la no colo.

— Igualmente, sr. Andreadis — ela respondeu.

— Como assim?

— Tenho medo de prejudicar sua coluna ao me carregar para cima e para baixo.

Ele sorriu ao descer com ela pela escada sinuosa e alcançar o hall de mármore onde havia uma estátua de Perseu cortando uma das cabeças da terrível Medusa.

— Eu sobreviverei. Você não é assim tão pesada.

— Assim que puder, eu volto para o meu chalé.

— Logo que o dr. Riga permitir — ele disse ao passar com ela por uma estufa de plantas a caminho do jipe estacionado nos fundos da casa.

— Você tem uma casa muito bonita — ela disse educadamente quando Luke entrou no jipe ao lado dela.

— *Efcharisto*. Eu a comprei faz alguns anos e fiz algumas mudanças do meu gosto. A casa e a praia são o meu refúgio particular.

— Por quê ficou tão furioso quando me viu lá na praia?

— É muito comum as pessoas invadirem a minha praia.

— Mais uma vez lhe peço desculpas.

Isobel não se surpreendeu de ver que Luke Andreadis dirigia cautelosamente. Mesmo assim, ela começou a passar mal, pois a estrada era sinuosa demais e teve que pedir que ele parasse.

Luke freou o carro e correu para ajudá-la a descer e a amparou enquanto vomitava no acostamento.

— Podemos voltar para o carro? — ele perguntou ao vê-la se recompor.

— Sim — ela disse, rezando para estar bem.

Ele a colocou de volta no jipe.

— Vou tentar dirigir bem devagar de agora em diante.

— Obrigada — ela disse com dificuldade, pois sua cabeça doía tanto que mal podia falar.

Assim que chegaram à moderna clínica, o médico veio recebê-los.

— Vocês demoraram. Estava preocupado.

— Tivemos que parar no caminho, pois a srta. James sentiu-se mal — disse Luke. — Estou tão acostumado com essa estrada que corri demais.

— Traga a moça, Lukas, o radiologista está esperando assim como a enfermeira Pappas com a cadeira de rodas.

Luke tirou Isobel do carro e a acomodou na cadeira de rodas e notou o constrangimento dela.

— Acho que vai gostar mais disso.

Pode apostar que sim, pensou Isobel, quando a simpática enfermeira a conduziu para dentro da clínica. Depois de tirar as radiografias, ela vomitou mais uma vez. Devidamente limpa e vestida, ela tomou alguns analgésicos e foi conduzida de volta à recepção.

— Não existem fraturas, nem no crânio nem no tornozelo, mas você tem uma pequena concussão cerebral — afirmou o sorridente dr. Riga, encorajando Isobel. — Precisa de uma alimentação leve e muito repouso. Vou lhe prescrever uma medicação para a dor de cabeça, mas não tome nada até a hora de dormir. E a enfermeira Pappas vai lhe dar uma muleta.

— Obrigada — disse Isobel, sorrindo para ambos.

— Podemos ir? — Luke jogou a muleta na parte de trás do carro e acomodou Isobel no banco do carona. Sua expressão ficou séria e ele dirigiu de volta com tanta precaução que Isobel se sentiu na obrigação de dizer alguma coisa.

— Sou muito grata a você, sr. Andreadis — ela falou cerimoniosamente. — Poderia me entregar a conta do dr. Riga, por favor?

— Já cuidei disso.

— Então, quero acertar contas com você.

Acostumado a lidar com mulheres que lhe faziam pagar contas bem mais caras que a do dr. Riga, Luke Andreadis achou graça.

— Não quero seu dinheiro, srta. James.

Isobel estava fraca demais para discutir, mas a incomodava muito saber que estava em dívida com esse homem.

Ao chegarem em casa, Luke a ajudou a descer do carro e entregou-lhe a muleta.

— Bem-vinda de volta à Villa Medusa — ele disse. — Vai saber usar isto?

— Sim, obrigada. — Mesmo que fosse torturá-la. Mas, ao percorrer o caminho de volta, passando pela estufa, Isobel ficou tão exausta que nem protestou quando Luke a pegou no colo e subiu com ela para o andar de cima.

CAPÍTULO DOIS

Eleni e Spiro seguiram Luke, ouvindo em grego as instruções dadas pelo dr. Riga.

— Eleni quer saber quando foi que você comeu pela última vez — ele disse ao colocá-la na poltrona do quarto.

— Esta manhã, na praia. — Não se deu ao trabalho de dizer que comera apenas uvas e nem que já vomitara tudo e mais um pouco ao longo do dia.

— Vou lhe trazer alguma coisa para comer, Isobel — prometeu Eleni.

Aliviada por ter alguém que decidisse o assunto por ela, Isobel sorriu.

— *Efcharisto*, Eleni. Mas eu não estou com fome.

Luke pegou a muleta das mãos de Spiro e a apoiou na poltrona.

— Precisa de mais alguma coisa? — ele quis saber.

Cansada de ser levada de um lado para o outro por um homem que via nisso um fardo, Isobel fez um esforço para ser educada.

— Não preciso de mais nada, obrigada. Não quero lhe dar mais trabalho.

— Desde a primeira vez que a vi, quando voei sobre a praia, você só me dá trabalho.

— Voou?

— De helicóptero. Tenho o hábito de observar a praia antes de pousar.

— Para afugentar os invasores? Sem querer soar repetitiva, peço-lhe perdão mais uma vez, sr. Andreadis. Tendo em vista as consequências do meu ato, pode estar certo que isso jamais se repetirá.

— Mesmo que tenha fracassado no seu objetivo?

— Não compreendo.

Luke percebeu que Spiro estava do seu lado e que não pretendia arredar o pé dali enquanto seu patrão não saísse.

— Com licença, srta. James — ele disse então. — Eu voltarei depois que tiver se alimentado. Quero conversar com você.

Isobel inclinou ligeiramente sua cabeça dolorida. Como se pudesse dizer não!

Ao se ver sozinha, seu corpo relaxou aliviado, mas ela logo reagiu e resolveu experimentar a muleta. Para sua satisfação, descobriu que mesmo com a cabeça e o tornozelo doendo, agora conquistara uma certa liberdade. Aleluia! Depois da conversa hostil com o sr. Andreadis, uma carona para o seu chalé era só o que queria dele agora.

Quando Eleni entrou no quarto, seguida por Spiro que trazia uma bandeja, Isobel sorriu e apontou para a porta da varanda.

— Poderia comer ali fora, por favor?

— Mas já está escuro — disse a mulher intrigada.

— Há luz suficiente das estrelas e das lâmpadas daqui de dentro.

— Como quiser, *kyria* — disse Spiro.

Ele levou a bandeja para a pequena mesa da varanda, tirou as cadeiras do caminho, abriu bem as portas para facilitar o acesso e curvou-se sorrindo para ela.

— *Efcharisto*, Spiro — disse Isobel agradecida. Ela coxeou até a varanda, sentou-se e sorriu triunfante para Eleni ao colocar a muleta de lado.

— Você está melhor. Que bom. Agora, coma. — Eleni exibiu uma apetitosa omelete para Isobel e saiu, deixando-a sozinha.

À primeira garfada, Isobel percebeu que na verdade estava com muita fome. Comeu a omelete toda, um pouco da salada e o pão que veio junto e chegou à conclusão que comer tinha ajudava a abrir seu apetite. Isobel bebeu um pouco de água, recostou-se para admirar o jardim e concentrou-se na piscina iluminada por holofotes. Adoraria poder nadar ali antes de voltar para seu chalé. Mas isso seria impossível com seu anfitrião.

Quando alguém bateu na sua porta e a despertou do seu devaneio. Isobel se levantou, pegou sua muleta e se encaminhou lentamente para abrir a porta para Eleni.

— O jantar estava delicioso. Tomei o remédio e me sinto bem melhor agora.

— Que bom — disse a governanta sorrindo. — Trouxe mais iogurte para colocar no seu rosto. Passe-o antes de deitar. Quer que eu a ajude no banheiro agora?

— Não, obrigada. Posso ir sozinha.

— Então voltarei na hora em que você for se deitar.

— Está bem, Eleni — Isobel cedeu. — Antes de sair, poderia colocar a poltrona ao lado da porta da varanda? *Efcharisto poli*.

Isobel se olhou no grande espelho do banheiro. O seu olho estava roxo, mas já abria e seu bronzado desbotara graças às aplicações de iogurte de Eleni. Satisfeita com sua mobilidade, Isobel coxeou de volta para o quarto e sentou-se na poltrona para admirar a noite enquanto aguardava sua visita.

— Pode entrar — ela respondeu à batida na porta, algum tempo depois.

— *Kalispera*. Você parece bem melhor — Luke disse ao entrar. — Eleni me disse que você comeu todo o jantar.

— Sim. Estava muito gostoso. — Isobel ficou imóvel e tensa, imaginando que assunto ele poderia querer discutir com ela.

— Posso me sentar?

— Claro.

Luke puxou um banquinho para sentar ao lado de Isobel e parou por um momento.

— Devo pegar seu bloco de anotações? Decidi lhe conceder a entrevista, tendo em vista o seu esforço.

Isobel olhou para ele atônita.

— Entrevista?

— Fui eu que peguei seus pertences na praia. Havia um bloco de anotações e vários lápis na sua bolsa. Vai negar que seja jornalista, srta. James?

Isobel respirou fundo, depois pegou o bloco de dentro da sua mochila e o entregou a ele.

— Fique à vontade para examinar.

— O que é isso? — Luke ficou confuso.

— Acho que está bem claro, sr. Andreadis. São barcos que desenhei da

varanda do meu chalé, logo que cheguei, e o outro desenho fiz esta manhã na praia ao lado da sua. Gostaria de ter usado aquarela, mas não poderia trazer material pela trilha. — Isobel o fitou com frieza. — Tem gente que gosta de tirar fotos durante suas férias. Eu prefiro desenhar.

— Que por sinal estão muito bem feitos — Luke disse lentamente ao examiná-los mais uma vez.

— Obrigada.

Luke passou a mão nos cabelos e então a fitou por tanto tempo que Isobel ficou impaciente.

— Agora sou eu quem devo lhe pedir desculpas — ele finalmente falou com dificuldade.

— Está desculpado. Você não gosta de jornalistas e preza muito sua privacidade, sr. Andreadis. Por acaso é alguma celebridade aqui na Grécia?

— Não, apenas um empresário de sucesso, srta. James. Trabalho no ramo da navegação, mas tenho estado na mídia ultimamente graças ao sucesso da compra de uma empresa de aviação. — De repente ele ficou sério. — Além do mais, sou um homem solteiro, o que também serve para atrair a atenção da imprensa.

— E especulam que você seja gay? — ela perguntou e se divertiu com seu olhar ofendido.

— *Ochee!* Posso não ter esposa, mas todos sabem que gosto da companhia das mulheres. Por acaso você achou que eu era gay?

— É difícil dizer quando se conhece tão pouco uma pessoa.

— Mesmo com todo o contato físico que tivemos desde o primeiro momento em que nos encontramos?

— Quando isso aconteceu, eu estava inconsciente na maioria das vezes — disse Isobel ruborizada. — E agora que já me recuperei, não preciso mais desse tipo de contato. Mas não me entenda mal, sou muito grata a você.

— Não tive escolha, srta. James — ele disse encolhendo os ombros.

— Já deixou isso bem claro. Mesmo assim lhe sou grata.

— Suas férias começaram mal — ele disse tentando amenizar a situação.

— Tem razão. Se puder me levar de carro até o meu chalé, eu ficarei muito agradecida, sr. Andreadis.

— Você ainda não pode ficar lá sozinha.

— Claro que posso. Terei a mesma facilidade de me locomover no chalé que tenho aqui.

— E como vai se alimentar?

— Se Eleni puder comprar alguma comida para mim antes da minha partida, saberei me cuidar muito bem. Meu tornozelo já está bem melhor — ela mentiu. — Mais um dia ou dois e eu estarei recuperada.

Luke a fitou por alguns segundos.

— Antes de escapar de Villa Medusa, mate a minha curiosidade. Diga-me uma coisa. Pelos seus desenhos, deduzo que tenha interesse pela arte, srta. James.

— Sim. Estudei na escola de belas-artes.

— E você leciona?

— Não. Sou gerente de uma galeria de arte e moro num apartamento no

andar de cima como parte do acordo. E além de vender meus trabalhos particularmente, esse acordo também me dá o direito de vender meus quadros na galeria.

— Mora perto da sua família?

— Não. Fui criada pelos meus avós, que já morreram.

— E seus pais?

— Não os conheci. Morreram num acidente quando eu ainda era um bebê.

— Que história triste — ele disse sombrio. — Pelo menos teve a sorte de ter avós para cuidarem de você.

— Tem razão. Eles foram verdadeiros pais para mim, os melhores que eu poderia ter. Mas, apesar de não ter família, tenho bons amigos — disse Isobel tentando ignorar sua dor de cabeça. — Antigamente eu passava minhas férias com uma delas, mas desde que ela se casou eu passei a viajar sozinha.

— Já avisou esta amiga do seu acidente? — disse Luke se levantando.

— Achei melhor não preocupá-la. Logo estarei bem.

— Mas você não está bem agora. Sua cabeça dói, não é mesmo?

— Infelizmente, dói — ela admitiu.

— Vou pedir a Eleni que venha ajudá-la a se deitar. — E levantou a mão para impedi-la de falar. — Sei que você pode muito bem fazer isso sozinha, mas Eleni insistiu. Quer que ela lhe traga alguma coisa?

— Adoraria tomar um chá — ela pediu sorrindo.

— Claro. Terá seu chá em breve. *Kalmychta*, boa noite, srta. James.

Depois que ele saiu, Isobel se perguntou o motivo de tantas perguntas. Ficou desconfiada de Luke Andreadis, principalmente por sua reação quando ela questionou sua sexualidade. Mas, em sua visão de artista, ele era um belo exemplar de homem, com feições e físico dignos das estátuas gregas que havia estudado na faculdade. Mais parecido com os homens musculosos da época renascentista do que a versão andrógena de Apolo Belvedere, da Grécia antiga. O cabelo encaracolado talvez fosse da época antiga, mas Luke Andreadis era visivelmente másculo, com impressionante estrutura física que demonstrou quando a carregou de um lado para o outro. Ela imaginava que seu cabelo fosse negro, como os olhos, mas eram castanhos com mechas mais claras por causa do sol. De fato ele era muito bonito, mas quando o viu pela primeira vez, na praia, estava tão zangado que a assustou.

Quando Eleni chegou com o chá, Isobel tomou os analgésicos, submeteu-se ao tratamento com iogurte e deixou que a gentil mulher a ajudasse a se deitar. Agradeceu afetosamente a Eleni, desejando boa noite e recostou-se nos travesseiros imaginando que ficaria acordada por muito tempo com suas dores, mas logo caiu num sono profundo.

CAPÍTULO TRÊS

Lukas Andreadis pediu a Eleni que levasse chá para sua hóspede e, em seguida, foi para o seu quarto, mas estava agitado demais para dormir. Foi até a varanda do quarto com um copo de conhaque e apoiou-se no parapeito aproveitando o ar noturno. Depois do estresse que vivera nas últimas semanas, já sentia falta da adrenalina do trabalho. Lembrou-se com prazer da sua vitória sobre Melina Andreadis. Ela devia estar furiosa neste momento por ter perdido o controle da empresa de aviação. Adquirida pelo marido, ele a presenteou a sua segunda esposa como se fosse um brinquedo. Mas agora, Luke pensou triunfante, ela ficara impotente. Perdeu a empresa para o neto que Theo Andreadis se negou a reconhecer.

Luke ergueu seu copo para brindar as estrelas ao se lembrar da fúria de Melina, do seu rosto envelhecido, vermelho de raiva. Todos os anos de muito trabalho tinham valido a pena só para ver a cara daquela harpia quando foi derrotada nos votos. Quem disse que a vingança é um prato que se come frio, estava certo. Sua longa batalha para se vingar de Melina deixara pouco tempo para relacionamentos afetivos. Mas isso não tinha muita importância agora, pois finalmente realizara sua vingança. A única coisa que o entristecia era sua mãe não estar viva para compartilhar do seu triunfo. E o fato de ela não estar viva ainda, também era culpa do seu avô. Theo Andreadis tinha criado sua filha órfã com tanto rigor que fez dela uma rebelde. E quando soube que a filha estava grávida, ele ficou tão zangado que a expulsou de casa. Desesperada, a moça fugiu de Atenas e se refugiou com a antiga babá em Skyros. Assim, Olympia Andreadis, filha de um dos homens mais ricos da Grécia, se sustentou trabalhando na cozinha da taverna de Basil Nikolaides, pai do atual dono, Nikos.

Os olhos de Luke ficaram tristes ao se lembrar da sua bela e frágil mãe, que tinha fugido de casa levando apenas as jóias que herdara de sua mãe. Este tesouro se transformou em uma poupança que guardou para seu filho enquanto ele crescia e se transformava em um jovem esperto e determinado, que logo se sobressaiu em meio aos colegas da escola. O jovem Lukas assimilava conhecimento como uma esponja e, com a ajuda de um professor jovem e entusiasmado, tornou-se fluente em inglês, aumentando sua aptidão às outras disciplinas do seu currículo. Firmemente decidido a ajudar sua mãe, depois da escola ele trabalhava na taverna para ganhar algum dinheiro e, durante os fins de semana, contra a vontade da mãe, saía com os pescadores da região com a mesma finalidade. Faria qualquer coisa para proteger sua mãe das abordagens amorosas de Costas Petrides, o homem mais rico da ilha. Costas queria tanto se casar com a refinada e culta Olympia que tinha até expressado sua intenção de aceitar seu filho bastardo como parte do negócio. Mas ela nunca aceitou sua proposta, preferia permanecer sobre a proteção de Spiro, o filho de sua antiga babá, e com o apoio de Basil Nikolaides, e seu filho Nikos, que juntos administravam a taverna. Mas Luke sabia que Costas o culpava por Olympia não ter aceitado um bom partido como ele.

Luke cresceu em um lar onde havia muito amor e pouco dinheiro. Ao se tornar adulto, ele decidiu que faria de tudo para dar uma vida de luxo para sua mãe, recompensaria Spiro e a família Nikolaides por sua gentileza e, finalmente, se vingaria de todos que prejudicaram sua mãe, com Melina Andreadis encabeçando a lista.

E ele foi bem-sucedido. Deixou Melina impotente, tirando-lhe o apoio do

conselho fiscal da empresa. Ele sorriu de satisfação ao se lembrar da revolta dela, derrotada quando foi voto vencido. Naquele momento ele achou que poderia ser agredido por ela, com aquelas unhas vermelhas quando se deu conta que a empresa tinha sido arrancada das suas mãos. Agora Lukas Andreadis era quem tinha o poder da Air Skyros, o nome que ele dera à empresa do avô. Futuramente, em vez de lucrar com inúmeros voos baratos como fazia Melina, ele daria ênfase à segurança, à confiabilidade e ao luxo, que seriam as características que a Air Skyros ofereceria quando os novos aviões entrassem em operação.

Luke bebeu os últimos goles do seu conhaque e voltou para o quarto sentindo dores musculares. E sorriu. Ele se orgulhava de sua forma física, que mantinha praticando natação diariamente, mas não era todo dia que ele resgatava donzelas. Aliás, uma bonita donzela, mesmo quando cabelos louros e olhos azuis não fossem os atributos femininos que mais o atraíssem. Ele gostava das morenas, temperamentais e curvilíneas, mas ficou feliz de não ter que carregar uma mulher com aquela descrição ou estaria muito mais dolorido agora. Mesmo que a srta. Isobel James parecesse inocente, ele ainda tinha dúvidas quanto a presença dela na sua praia nessa manhã. No entanto, seu estoicismo e independência, e a sensação do seu corpo esbelto nos braços dele, agradava-o bastante. Mas ela, obviamente, encontrava certa dificuldade em ser grata a um homem de quem parecia não gostar. Uma experiência nova para ele em assunto de mulheres. Agora que ficaria ali por alguns dias, seria divertido ver quanto tempo levaria para conquistar Isobel. Precisava elaborar uma estratégia para mantê-la por perto até que ele alcançasse seu objetivo. O que mais o atraía nela mulher era sua imunidade ao charme dele, um desafio que ele não resistia.

Sem desconfiar dos planos de Luke para seu futuro imediato, Isobel acordou cedo na manhã seguinte e levou alguns instantes para se lembrar onde estava até que avistou a muleta encostada ao pé da cama. Ficou ali deitada pensando nos acontecimentos do dia anterior, espantada por ter passado uma noite sem os pesadelos que a afligiam ultimamente. Talvez tivesse se livrado deles afinal. Sentia-se tão confortável que relutou em sair da cama. Mas, como ela não tinha outra opção, sentou-se cuidadosamente e virou o corpo de lado na cama, depois esticou o braço para alcançar a muleta e pôs o pé no chão.

Vinte minutos mais tarde, ela já estava sentada junto às portas da varanda, de cabelo penteado, dentes escovados, rosto lavado e medicada. Mesmo que ainda sentisse dor, tanto na cabeça quanto no tornozelo, o desconforto era bem tolerável para permitir que ela voltasse para o chalé.

Quando Eleni apareceu com a bandeja do café da manhã, ela sorriu.

— Bom dia!

— *Kalimera* — Eleni respondeu timidamente. — Como se sente hoje, Isobel?

— Bem melhor — Isobel a assegurou. — Obrigada, Eleni.

— Você foi incrível.

Eleni levou a bandeja para a varanda, deixando as portas bem abertas para Isobel.

— Alimente-se direito — ela ordenou antes de sair para Isobel aproveitar sua refeição no ar fresco da manhã de Skyros.

Feliz ao constatar que não enjoava mais, Isobel comeu um pão e tomou o chá olhando para a piscina através da grade da varanda. De repente viu surgir um corpo bronzeado dentro da água; era Lukas que atravessava a piscina como se fosse um peixe, com uma rapidez que deixou Isobel cansada só de olhar. Finalmente ele saiu da piscina e ficou de pé, de braços esticados e rosto voltado para o sol por alguns segundos antes de embrulhar seu corpo espetacular num roupão atalhado.

Isobel se perguntou como fazer para sair da varanda sem chamar sua atenção. Mas antes que pudesse se mexer, ele se virou, fez uma reverência para ela e entrou em casa.

Ruborizada, Isobel capengou de volta para o quarto para tirar sua camisola. Pegou uma roupa na mala e foi se lavar no banheiro. Fez uma lambança, mas acabou executando a árdua tarefa sem molhar o pé enfaixado, e sentiu-se bem satisfeita quando tudo terminou. Colocou um pouco de creme no corpo, lutou para vestir a roupa de baixo, depois enfiou o vestido de malha amarelo e, com a ajuda da muleta, voltou ao quarto ao mesmo tempo em que Eleni entrava correndo.

— Vim para ajudá-la — ela disse.

— Desculpe, mas precisava fazer a experiência sozinha. Tenho que voltar para o chalé hoje. Mas acho que usei toalhas demais.

A mulher fez um gesto como se isso não tivesse importância e foi até o banheiro recolher as toalhas.

— Fique quieta agora. Vou lhe trazer um café.

Isobel voltou a se sentar na varanda, decidida a não permanecer perto de Lukas Andreadis mais tempo do que o necessário. Quando Eleni voltasse com o café, pediria que solicitasse uma visita do dono da casa, de preferência quando estivesse vestido, para lhe pedir uma carona até o chalé. Depois disso, nunca mais precisaria vê-lo. O que era bom, pois sua presença a perturbava. Primeiro por ele ser homem e segundo porque acreditava que ela pretendia alguma coisa ao invadir sua preciosa praia. Quando tudo que ela queria dele era uma carona para voltar ao seu chalé para aproveitar o resto de suas férias, que foi o motivo de ter vindo de tão longe.

Alguém bateu na porta do quarto, e ela sentiu um cheiro de café fresco. Mas, em vez de Eleni, foi Luke Andreadis que surgiu trazendo o café, vestido de jeans e camiseta.

— *Kalimera* — ele a cumprimentou ao colocar a bandeja sobre a mesa da varanda. — Posso me sentar com você?

— Claro — ela respondeu disfarçando seu desânimo. — Bom dia.

— Como se sente hoje?

— Bem melhor.

— Eleni me contou que você nem esperou por ela para se vestir — ele falou casualmente.

— Precisava tentar me arranjar sozinha.

Luke a serviu de café e depois puxou uma cadeira para se sentar do seu lado.

— A atadura do pé ainda está seca?

— Coloquei um saco plástico para não molhá-la. — Ela sorriu educada. — Já estou independente. Então, se puder me levar até o chalé esta manhã, vou deixá-lo em paz.

- Está manhã, não — ele disse balançando a cabeça molhada.
- Então, à tarde?
- Antes de deixá-la sozinha, precisamos comprar comida para você.
- Então vou lhe dar o dinheiro para Eleni fazer as compras — ela logo se prontificou.
- Além disso, preciso antes verificar se o chalé oferece o conforto necessário.
- Isso não será preciso, sr. Andreadis. Se posso me arranjar aqui, também não terei dificuldades no chalé.
- Vai poder cozinhar, também?
- Se tiver verduras para uma salada, pão e queijo, não terei que cozinhar por uns dois dias. Depois disso, estarei usando meus dois pés.
- Se me entregar as chaves, darei um pulo no chalé — disse Luke. — Depois, então, discutiremos o assunto.
- Se você insiste. Mas imaginava que estivesse com pressa de se livrar de mim.
- Ele abriu um sorriso que mexeu com ela.
- Como já lhe disse, srta. James, aqui na Grécia tratamos os viajantes com muita consideração.
- Você não me tratou com consideração quando me encontrou na praia!
- Isso porque a julguei mal. — E também duvidei da sua história sobre o *jet ski*. — Frequentemente a minha praia é invadida por jornalistas, homens e mulheres, e várias moças já ficaram presas lá.
- Na esperança de alguém socorrê-las?
- Geralmente esperam mais do que isso, ou menos — ele disse contrariado.
- Mas não me iludo, sei que não estão atrás de mim. Só querem o meu dinheiro.
- E o poder que tem de acumulá-lo. Por acaso o poder não é afrodisíaco? — Isobel sorriu educadamente. — Vocês gregos tem uma palavra para tudo.
- O mundo nos deve muito.
- O que acontece com quem invade a praia na sua ausência?
- Milos resolve este assunto. Ele foi do exército e, oficialmente, trabalha aqui como jardineiro. Mas sua função principal é cuidar da segurança. Ontem ele estava de folga, caso contrário você teria sido expulsa antes da minha chegada.
- E teria lhe poupado todo este trabalho.
- Mas também teria me privado do prazer de conhecê-la — Luke abriu um sorriso sedutor.
- Isobel deu de ombros.
- O seu inglês é muito bom.
- Obrigado. Tive um bom professor de inglês na escola e, graças a ele, pude fazer meu MBA em Londres. — Luke se levantou. — Que bom que você não é jornalista. Geralmente, não revelo detalhes da minha vida.
- Não vou divulgá-los a ninguém — ela o tranquilizou.
- Não é nenhum segredo. Nasci aqui em Skyros. Todos conhecem o meu passado.

— Mesmo assim, eu não falo grego, portanto não vou falar com ninguém a seu respeito.

— Nem mesmo com Alex Nicolaides? Ele fala inglês.

— Ele mal me conhece! Embora tenha sido bastante prestativo.

— Não devia se surpreender com isso.

Isobel ergueu as sobrancelhas sem entender.

— Olhe-se no espelho e saberá o motivo — ele a informou.

— Estou com um olho preto, sr. Andreadis, caso não tenha notado.

— Notei, sim, mas já está clareando e isso não chega a comprometer sua aparência, srta. James.

— Obrigada — ela disse e abaixou-se para pegar a bolsa. — Aqui estão as chaves. Pode me dar seu veredicto o mais rápido possível?

— Está assim tão impaciente para deixar a minha casa?

— Não posso *invadir* a sua casa por mais tempo.

— Fala como se quisesse jogar as palavras sobre mim! — Ele disfarçou o riso. — Eu a verei na hora do almoço.

Isobel amarrou a cara ao vê-lo sair do quarto, sentindo-se confusa. Lukas Andreadis era irritante, mesmo quando amigável. No entanto, saber um pouco da sua história atiçou sua curiosidade. Mas Eleni era a única pessoa a quem ela poderia perguntar, por isso não tinha como saber exceto se ele mesmo lhe contasse. E como iria embora hoje, era pouco provável saber alguma coisa além. Mas não poderia sair enquanto Luke Andreadis não a levasse de carro até o chalé, por isso ela faria o que sempre fazia quando tinha tempo sobrando.

Isobel se instalou na varanda, pegou um dos seus blocos grandes, apoiou-o na grade e começou a desenhar a piscina. Na luz forte da manhã, ela brilhava como uma jóia azul emoldurada por coqueiros, espirradeiras e tamariscos cor-de-rosa. E logo ela ficou tão concentrada que Eleni teve que bater as mãos bem alto para chamar sua atenção.

— Almoço, Isobel.

Isobel fechou seu bloco de desenho e se virou sorridente para Eleni.

— Não percebi que já era tão tarde.

— Vá se lavar, agora — ela disse. — O almoço está quase pronto. Precisa de ajuda?

— Não, eu posso me arranjar sozinha, obrigada.

Isobel levou alguns minutos no banheiro se arrumando e, quando voltou para o quarto, viu que Luke estava no corredor esperando por ela.

— Eleni disse que você deve descer imediatamente, ou a comida vai estragar. Vim para carregá-la lá para baixo.

— Pensei que eu fosse comer aqui em cima.

— Bem, achei que gostaria de almoçar no terraço. Mesmo que tivesse que suportar a minha companhia.

Isobel o fitou irritada. Se ela soubesse com antecedência, poderia ter se arrumado mais. O inchaço do rosto estava cedendo e a contusão clareara abaixo do olho, que já abria totalmente, mas ainda era assustador diante do espelho.

— Não precisa me carregar. Posso descer com a ajuda da muleta.

— Isto vai demorar muito e Eleni ficará zangada se a comida esfriar — ele avisou.

E Luke a pegou no colo, ignorando o que ela dissera. Isobel ficou tensa com a proximidade dele. Sentiu-se presa ao seu corpo quente e cheiroso e teve vontade de rechaçá-lo com seus punhos fechados.

— Eleni não me avisou — ela disse enquanto Luke descia com ela pelas escadas.

— Eu disse a ela para não avisar.

— Por quê?

— Porque teria recusado.

— Não sou tão mal-educada assim, sr. Andreadis!

Ele passou com ela pelas portas de vidro e chegou à pérgula enfeitada de trepadeiras no canto do terraço com vista para a piscina. E a acomodou na mesa posta para o almoço.

— Acho que diante das circunstâncias, podemos abrir mão de formalidades. Meu nome é Luke.

— Sou Isobel — ela disse relutante.

— Assim é bem melhor — ele disse ao se sentar em frente a ela. — Aceita uma taça de vinho?

— Acho melhor me limitar a beber água, por causa da minha cabeça.

— Ah, claro, perdoe minha distração. — Ele entrou na casa novamente e voltou com uma bengala. — Leve esta bengala emprestada. Vai achar muito útil quando não precisar mais da muleta.

Os olhos de Isobel brilharam.

— Será ótimo, obrigada. — Ela enganchou a bengala na cadeira. — Que maravilha. Agora sou totalmente independente. O que achou do chalé?

Luke sorriu antes de responder.

— Eu já conhecia. Acompanhei toda a construção dos chalés com Nikos Nicolaides.

— Sendo assim, já sabia que eu estaria bem acomodada.

— Mais ou menos — ele disse ao servi-la de água.

— Então, leve-me para lá hoje à tarde, por favor?

Em vez de responder, Luke abriu um largo sorriso para Eleni, que chegava carregando uma grande travessa que exalava um cheiro delicioso.

— Ah, *garides saganaki*, ou, para nossa hóspede inglesa, camarões com queijo feta, ao molho de tomate, e mais alguns temperos que só a cozinheira conhece — ele anunciou. — *Efcharisto*, Eleni.

— Comam enquanto está quente — ela ordenou ao sair.

— O cheiro está divino — comentou Isobel.

Luke se levantou para pegar a tigela que Isobel servira para ele.

— Gosta da comida grega?

— É a segunda vez que vou experimentar. Mas isto está simplesmente maravilhoso — ela disse depois de provar o camarão. — Eu adoro frutos do mar.

— Ainda bem — disse Luke. — Esqueci de lhe perguntar se era alérgica a

mariscos.

— Não sou, não. Aliás, nunca tive alergia a nada até hoje. Tenho um estômago perfeito. — Então ela corou. — Foi por isso que fiquei arrasada ontem ao passar mal a caminho da clínica. Foi uma experiência completamente nova para mim.

— Para mim também — disse Luke comovido, olhando-a nos olhos. — Já superou esse problema?

— Totalmente. Caso contrário não estaria me banquetando com este prato de camarão. Eleni é uma excelente cozinheira. Está com você há muito tempo?

— Minha vida inteira. Ela ajudou minha mãe a me criar, desde quando eu era bebê. E Spiro é filho de Sofia, a antiga babá da minha mãe. Como lhe disse, todos em Skyros conhecem a minha história.

— Deve ser uma sensação muito boa, como se formassem uma grande família.

— Esse é o motivo de passar mais tempo aqui, quando o trabalho me permite. Sou bem conhecido em Atenas e Tessalonica, mas poucos conhecem o verdadeiro Lukas Andreadis.

— E prefere que seja assim?

— De certa forma, sim. Mas também tenho bons amigos, como você. Homens com interesses iguais aos meus.

— Contou-me que seu interesse por mulheres é notório — ela o lembrou.

Ao falar, Luke a fitou nos olhos.

— Mas elas são, ou foram, amigas de travesseiro. Sempre deixo bem claro que não quero casamento e compromisso.

Isobel ficou intrigada. Por que será que estava dizendo isso? Ela não estava interessada nele. Nem em outro homem qualquer tão cedo.

— Achei que um homem como você gostaria de ter um filho para deixar seu império. Mas, claro, isso não me diz respeito.

— E você, Isobel? Pensa em formar uma família? — Luke a surpreendeu com aquela pergunta.

— Por enquanto, não.

— Jamais conheceu alguém que lhe despertasse essa vontade?

— Não — ela respondeu rapidamente e sorriu quando viu Eleni chegar com uma tigela de frutas. — O camarão estava delicioso — ela disse ao mostrar seu prato vazio.

Eleni parecia satisfeita ao voltar para a cozinha.

— Vi dr. Riga quando fui à cidade, hoje — disse Luke casualmente. — Ele acha que é melhor você permanecer aqui por mais alguns dias, em vez de ficar sozinha no chalé.

— Mas por quê? — Isobel o fitou atônita. — Não há nada de errado comigo, a não ser pelo pé. E tendo a muleta e mais esta bengala, ficarei muito bem sozinha.

— Ainda assim, ele a aconselha a ficar aqui até que esteja completamente recuperada. — Ele deu de ombros. — Uma pancada na cabeça pode trazer complicações.

— Como assim?

— Um coágulo no cérebro, por exemplo. Recentemente houve um caso de um garoto que se queixava de dor na cabeça após uma queda. O médico teve de operá-lo para salvar-lhe a vida.

Isobel ficou pálida.

Então Luke abriu um sorriso tranquilizador.

— Mas você não apresentou fratura e o médico disse que não há risco. Mesmo assim, ele acha melhor você ficar aqui e eu também. — Por motivos diferentes, no entanto. — E Eleni é da mesma opinião.

Isobel deu um longo suspiro, abalada com a possibilidade de um coágulo.

— Coitada da Eleni. Tenho sido um estorvo para ela.

— Mas ela não pensa assim, Isobel — ele a assegurou, enquanto descascava uma laranja. — Aliás, Eleni acha que você é uma moça encantadora, e Spiro também. — Ele fez uma breve pausa para encará-la. — E eu concordo com eles.

— Obrigada — disse Isobel de olhos baixos. — Se tinha mesmo que passar por isso, tive sorte de me acidentar na sua praia. Todos têm sido muito gentis.

— Inclusive eu?

— Depois de saber que eu não era jornalista, sim, você foi, e é, generoso. Autoritário, também, mas imagino que essa seja a sua maneira de ser.

— Se fosse mesmo autoritário eu exigiria, simplesmente, que você ficasse aqui. Mas acho que seria antipático da minha parte. Por isso, repito o convite. Fique aqui por mais algum tempo.

Isobel suspirou.

— Agora que me alertou dos riscos que corro, a solidão do chalé não me seduz mais. Por isso, vou aceitar ficar por mais um dia ou dois.

— Sábia decisão. E quando você for embora, vou mandar alguém visitá-la no chalé diariamente. — E quando a viu sorrindo ironicamente, ele emendou. — Qual é a graça?

— Está sendo autoritário novamente, sr. Andreadis.

— Não posso evitar ser quem eu sou — ele sorriu. — Voltarei para Atenas em breve, portanto você poderá permanecer aqui para se recuperar em paz, Isobel. E quando estiver pronta para partir, Spiro a levará.

CAPÍTULO QUATRO

Isobel ficou animada com aquela notícia. Ficaria bem mais tranquila em Villa Medusa sem a presença temível do dono da casa. Mas sentiria sua falta.

— O que se passa por trás destes lindos olhos azuis? — Luke perguntou, deixando-a surpresa. — Estou quase ouvindo sua cabecinha funcionar. Sentirá minha falta, para carregá-la?

— Sim — ela disse francamente.

— Achei que sentiria. Cheguei a pensar em pedir ajuda a Milos, mas depois decidi o contrário.

— Por quê?

Luke a fitou em silêncio por alguns segundos.

— Não seria uma boa ideia — ele resolveu dizer. — Pensei melhor e decidi transferi-la para um quarto aqui em baixo.

— E posso saber o motivo de não ter feito isso desde o início?

— Não havia cama aqui embaixo, mas agora já tem. E será bem mais prático para Eleni, também. Vai evitar que ela suba constantemente para vê-la.

— Será melhor para todos — ela concordou. — Obrigada.

— Quer ver o quarto agora?

— Quero, sim. — Ela pegou sua muleta e se levantou da cadeira.

— Se a carregar no colo ficará mais fácil — disse Luke se aproximando.

— Não é necessário. Já adquiri agilidade com a muleta. Pode indicar o caminho que vou segui-lo, sr. Andreadis.

Ele a conduziu pela casa, percorrendo um corredor, entrando em uma sala de portas envidraçadas que se abriam para um terraço coberto por um toldo. A mobília fora removida para dar espaço para a cama, estrategicamente colocada de frente para o jardim.

Isobel observou a arrumação.

— Está ótimo, mas não é aqui que você fica à noite?

— Raramente. Prefiro ficar na estufa, ou no meu escritório, na outra extremidade do corredor. Às vezes fico no terraço até a hora de me deitar. Fique aqui pelo tempo que desejar, Isobel. O banheiro deste andar fica bem próximo. Eleni e Spiro usam outro banheiro, portanto terá total privacidade.

Isobel examinou suas instalações em silêncio. Seus pertences já estavam sobre a escrivaninha e suas roupas penduradas em uma arara ao lado.

— Programei minhas férias por recomendação de uma cliente que veio se recuperar de um divórcio — Isobel disse. — Ela me garantiu que em Skyros eu encontraria muita paz e tranquilidade mas, no meu caso, foi um engano.

— E por que motivo você estava precisando de paz e tranquilidade? — perguntou Luke ao abrir as portas para o terraço. — Alguma decepção amorosa?

— Não — mentiu Isobel. — Meu chefe fez uma grande reforma na galeria, recentemente. Além disso, tive muito trabalho com a venda de um lote de aquarelas e organizando a exposição de um artista para a reabertura da galeria. — Ela sorriu. — Nada do calibre dos seus negócios de aquisições, mas, depois de tudo terminado, esta folga foi muito bem-vinda.

— Então é bem melhor que fique aqui por um tempo e deixe que Eleni e Spiro tomem conta de você. Tem celular?

— Tenho sim. Pelo menos espero que sim — ela capengou até a escrivaninha e vasculhou sua bolsa. — Está aqui, ainda bem. Com tanta confusão, ontem, pensei que o tivesse perdido.

— Diga o número — ele ordenou ao tirar o próprio telefone do bolso. Armazenou o número dela e depois quis que ela anotasse o seu.

— Não preciso do seu número — ela falou.

— Talvez precise. Sua cabeça dói?

— Sim.

— Já tinha percebido. Vou mandar Eleni trazer um chá. Tome seu remédio e descanse um pouco. Vejo você na hora do jantar.

Quando Eleni chegou com o chá, Isobel perguntou pelo banheiro e depois, deitada na cama admirando o jardim, ela pensou que seria bom ficar mais um pouco já que o dono da casa iria se ausentar. Ele a assustara ao falar sobre os possíveis desdobramentos da sua queda. Se estivesse sozinha no chalé, qualquer dor de cabeça a deixaria nervosa.

Ficando em Villa Medusa, ela passaria os dias comendo e descansando, que era a sua verdadeira intenção ao ir para a Grécia, além de pintar algumas aquarelas para vender na galeria. Joanna a fez mudar de ideia, argumentando que férias foram feitas para descansar e se divertir. Mas, para Isobel, pintar também era uma diversão. Por isso, no dia seguinte, assim que Luke Andreadis fosse para Atenas, ela pintaria uma aquarela da piscina com toda aquela vegetação e, se achasse o resultado bom, deixaria para ele como presente de agradecimento. Apesar de ter sido tão hostil no início, ele a socorreu, a levou ao médico e depois a hospedou em sua casa.

Isobel dormiu um pouco, e quando acordou permaneceu deitada saboreando o prazer de se sentir melhor. Passado algum tempo, ela se levantou com a ajuda da muleta e saiu para o terraço, lamentando não estar com seus óculos escuros que, provavelmente, teriam ficado na praia. Isobel aventurou-se a caminhar até a piscina, onde ficou por um tempo olhando para a água e, em seguida, se virou para percorrer a varanda que circundava a casa. Mas, quando virou, a muleta ficou presa em uma fresta do piso e ela caiu sobre a grama e gritou.

Rapidamente ela foi erguida por alguém de braços fortes e falando grego. Profundamente envergonhada, Isobel tentou dizer a Milos que não tinha se machucado. Mais envergonhada ela ficou quando viu Luke surgir de braços estendidos, obrigando Milos a entregá-la para ele. Milos apanhou a muleta no chão, verificou o estado dela e depois a entregou ao patrão, que carregou Isobel para casa.

— Desculpe pela confusão — ela disse.

— Seja sincera, você não se machucou?

— Não. Caí sobre a grama macia — ela sorriu, mas ele estava sério.

— E você queria voltar para o chalé para ficar sozinha!

— Mas quando estou lá, eu fico dentro de casa — ela protestou. — Só quis ver de perto seu lindo jardim.

— Você poderia ter caído dentro da piscina!

— Isto não seria problema, eu sei nadar muito bem.

— Excelente. Ao menos não terei que me preocupar de você se afogar na minha ausência. — Virou-se para servir um copo de suco para ela e depois se apoiou na beirada da mesa e a fitou enquanto ela bebia.

— Peça desculpas a Milos por mim — disse Isobel.

— Não será necessário. Milos sem dúvida ficou bem agradecido com a chance de poder pegá-la no colo.

— Acha que eu caí de propósito?

— E caiu?

— Não — ela disse depois de tomar o suco todo para se acalmar. — Obrigada pelo suco. Você pode me dar licença, agora? — Ela se levantou, se apoiou na muleta e saiu mancando para o quarto, louca para atacar Luke Andreadis, que insistia em andar do lado dela. Isobel abriu um sorriso frio quando ele lhe abriu a porta. — Obrigada. Poderia pedir a Eleni para vir até aqui quando tiver tempo?

— Claro. Posso fazer alguma coisa por você. — Luke a fitou enquanto balançava a cabeça, negando. — Está zangada?

— Nem um pouco — ela mentiu.

— Não? — Ele também não acreditou. — Vou buscar Eleni.

— Muito obrigada.

Isobel olhou fixo para o jardim, furiosa. Será que Luke achava que ela caíra só para que Milos a segurasse? Ou até coisa pior, para que o patrão viesse socorrê-la novamente? Ela trincou os dentes. Luke a tinha tirado dos braços de Milos como se ela fosse um embrulho.

— Isobel? — Eleni surgiu apressada. — Machucou-se?

— Não. Estou bem.

— Milos me falou que você caiu.

— Caí porque a muleta prendeu no piso.

— Está precisando de quê?

— Não quero lhe dar trabalho, mas gostaria de jantar aqui no meu quarto. Pode ser?

— Você se machucou! — ela disse ansiosa.

— Não, não. Só quero comer aqui, sozinha. Pode ser?

Eleni endireitou os travesseiros enquanto olhava desconfiada para ela.

— Deite-se e descanse. Falta muito tempo para o jantar.

— *Efcharisto*, Eleni.

Mesmo que ela optasse por jantar longe do amo e senhor de Villa Medusa, um encontro com ele mais tarde seria inevitável. Para se preparar, Isobel se lavou cuidadosamente no banheiro e depois colocou um vestido azul de algodão. Penteou o cabelo e se recostou na cama. A muleta era de grande ajuda, mas também a deixava bem cansada. Quis telefonar para Joanna, mas se o fizesse, ela ficaria desconfiada e insistiria para Isobel confessar. Contaria tudo quando voltasse para casa. Fechou os olhos e sentiu saudades de casa. Ao abri-los novamente, viu Luke espiando-a pelas portas do terraço.

— Posso entrar?

— A casa é sua.

— Mas é o seu quarto.

Ela deu de ombros.

— Entre, se quiser.

Luke entrou no quarto, se aproximou e olhou para ela.

— Eleni disse que você não quer jantar comigo.

— É verdade. Prefiro jantar aqui.

— Mas por quê?

— Você me insultou, sr. Andreadis.

— Fiquei chocado ao ver Milos carregando você nos braços. Pensei que tivesse se machucado.

— Não. Você pensou que eu estava fingindo, só para ele me pegar no colo.

— Apenas por um momento, — Ele sorriu. — Pode me perdoar?

Só em sonhos!

— Claro que sim.

— Então, janta comigo?

— Não, obrigada.

Mas, para o desassossego de Isobel, ele puxou uma cadeira e sentou-se do lado dela.

— Sendo assim, jantarei aqui.

— Eleni não vai gostar nada disso — ela disse contrariada.

— Então jante comigo no terraço. — Ele ficou em silêncio. — Desculpe-me, Isobel. Não sei o que me deu ao vê-la nos braços de Milos. Fiquei zangado de vê-lo tocando você.

— Que coisa ridícula — ela disse. — Milos só estava sendo gentil.

— Você deve evitar esse tipo de gentileza no futuro!

Isobel o fitou.

— Vou fazer de tudo para que nem ele, nem você, sr. Andreadis, precisem me carregar novamente.

— Segurá-la nos meus braços é um grande prazer, Isobel. Mesmo que você faça questão de deixar claro que o prazer não é mútuo. — Ele sorriu. — Jante comigo esta noite. Caso contrário, a coitada de Eleni será obrigada a servir o jantar em dois lugares diferentes. Em três, se contar onde ela e Spiro comem.

Isobel entregou os pontos. Eleni fora tão atenciosa que não queria lhe dar mais trabalho. E Luke logo estaria longe. Mesmo que voltasse enquanto ela ainda estivesse ali, ela ficaria no chalé e não na *villa*. Ela lhe estendeu sua mão.

— Está bem, então — ela disse. — Mas só para poupar Eleni.

Luke sorriu vitorioso.

— Ótimo. Descanse até a hora do jantar. Venho buscá-la mais tarde.

Sozinha novamente, Isobel se pôs a pensar enquanto olhava para o jardim pelas portas envidraçadas. Luke estava se comportando de forma estranha. Será que esperava algum tipo de retribuição pela hospedagem? Luke era muito atraente, mas ela não tinha intenção de se envolver com ele, nem com ninguém. Será que ele tinha sentido ciúmes só porque Milos a socorrera? Ainda bem que ele iria viajar no dia seguinte, ou poderia interpretar sua permanência como vontade de se tornar sua amiga de travesseiro, seja lá o que isso significasse. O que não era impossível. No momento parecia abatida, mas estava acostumada com os homens sentindo atração por ela. Geralmente as consequências eram desastrosas. Isobel sentiu um calafrio. Se não havia ninguém em sua vida, era por opção dela. E pretendia continuar assim.

Isobel gostaria de poder lavar a cabeça, mas escovou bem o cabelo e colocou

maquiagem para disfarçar o olho roxo. Apesar do tombo, ela não sentia dor na cabeça, o tornozelo doía bem menos e ela conseguia se movimentar pelo quarto apenas com a ajuda da bengala. Mas usaria a muleta para chegar ao terraço em vez de esperar que Luke a buscasse.

Luke apareceu no terraço, de calça de linho escura e camisa social, deslumbrante, com ar interrogativo.

— Fui até seu quarto, mas o meu passarinho tinha fugido.

— Preciso me exercitar.

— E eu tinha esperança de poder carregá-la — ele disse ao se sentar. — A dor na cabeça melhorou?

— Parece que foi embora definitivamente.

— Que boa notícia. Neste caso, bebe vinho comigo? É um vinho da região, mas acho que vai gostar.

— Claro, obrigada.

— Eu é que devo lhe agradecer por jantar comigo depois do que fiz.

Ela o fitou de olhos baixos, intrigada com aquela mudança de atitude. Isobel ergueu a taça que ele servira de vinho.

— Vamos aproveitar, já que partirá em breve.

Luke também ergueu sua taça.

— É verdade, mas volto de Atenas antes de você partir.

— É mesmo? Pensei que fosse ficar ocupado com sua nova aquisição.

— Estarei mesmo. Mas tenho funcionários eficientes trabalhando para mim. Até a Air Skyros, meu filho mais novo, tem um departamento de especialistas para cuidar dela e pode funcionar sem mim por algum tempo. Se precisar de alguma coisa, basta me telefonar que farei o possível para ajudá-la. E caso se sinta mal, avise a Spiro para entrar em contato com dr. Riga, imediatamente.

— Não vou precisar de mais nada. Obrigada pela atenção.

— Você valoriza bastante sua independência. Não existe nenhum homem na sua vida, Isobel?

— Não.

— Que estranho. E por que não?

— Não conheci ninguém interessante ultimamente.

— Quanta frieza! Um amante precisa ser mais do que apenas interessante. Jamais conheceu um homem que fizesse seu coração disparar?

Sim, mas pelas razões erradas.

— Tive um relacionamento pouco tempo atrás — ela admitiu.

Ele esperou, mas ela bebeu seu vinho e não disse mais nada.

— E o que aconteceu? — ele perguntou frustrado.

— Terminamos por diferenças irreconciliáveis. — Ela deu de ombros. — Eu queria sua amizade e ele tinha fixação no meu corpo. Ele não conseguia ver nada além do meu físico, não enxergava minha personalidade e minha inteligência.

— Mas não deve ser difícil encontrar um homem que se sinta atraído por sua aparência e também pela sua inteligência.

— Infelizmente, são poucos.

Luke a ofereceu azeitonas em um prato.

— Precisa comer bem esta noite para recuperar suas forças. Está magra demais, Isobel.

— Mas deve ter gostado disso quando me carregou!

— Isso é verdade. A maioria das mulheres que conheço são mais pesadas — ele riu. — Quando estiver em Atenas, vou pensar em você comendo aqui sozinha.

— Estará cansado demais.

— Nem tão cansado assim, Isobel — ele a assegurou com um olhar sedutor.

— Que assombroso!

— O que é assombroso?

— Como você está diferente daquele homem tão furioso que me encontrou na praia. Se estivesse apenas tomando sol, em vez de ferida e inconsciente, o que teria feito?

— Normalmente, eu repreendo a pessoa e depois a mando embora. — Ele a fitou pensativo. — Acho que teria feito o mesmo com você, mas é difícil imaginar isso agora.

— Tenho certeza de que agiria assim, como fez com os outros.

— Não sei.

Isobel se refugiou no vinho. Tudo indicava que Luke estava querendo seduzi-la. E por tê-la socorrido e abrigado, provavelmente achava que tinha esse direito. E se o rejeitasse, ela poderia ficar em uma situação difícil. Só que ela o rejeitaria.

— Está quieta demais — ele comentou.

— Aguardando o jantar. E lá vem Eleni com a comida — ela acrescentou aliviada.

— Espero que coma, caso contrário ficará fraca e não poderá voltar para o chalé. Concorde comigo, Eleni?

A mulher balançou a cabeça vigorosamente para concordar.

— Melhor ficar aqui — disse Eleni batendo de leve no ombro de Isobel.

— Eleni é muito atenciosa — disse Isobel.

— Vou contar para ela o que você disse. Ela vai gostar de saber, você caiu nas graças dela. — Ele deu de ombros. — Nunca trouxe uma mulher para cá. Ela está gostando desta nova experiência.

Para desespero de Isobel, ela gostou de saber disso. Que tolice! A vida social dele não lhe interessava.

— Você reserva esse lado da sua vida para Atenas?

— Que lado da minha vida?

— Das amigas de travesseiro.

— Uso este termo para me referir às amigas que se satisfazem em jantar, tomar um vinho e passar a noite comigo, ocasionalmente. Deixo sempre bem claro quais são as minhas intenções — ele acrescentou. — Não pretendo enganar e nem magoar ninguém.

Ela não tinha tanta certeza disso. Provavelmente todas tinham esperança de que jantar, beber vinho e dormir fosse apenas um ensaio para conquistar para sempre um homem como Lukas Andreadis, que tinha beleza, sucesso e riqueza entre seus principais atrativos. Uma combinação irresistível demais para Isobel.

Terminado o jantar, Luke sugeriu que ela se sentasse em uma das espreguiçadeiras ao lado da piscina.

E antes que ela pudesse se manifestar, ele a pegou no colo e a levou até uma das cadeiras.

— Está confortável, assim?

— Sim, obrigada.

— Tem alguma coisa errada, Isobel? — ele perguntou ao se sentar do lado dela.

— Não, como poderia. Aqui é tão bonito.

— É verdade... — ele gemeu ao ouvir seu telefone tocar. — Com licença — ele pediu ao identificar a chamada. — Preciso atender esta ligação.

— Claro. — Isobel o observou enquanto se encaminhava para dentro de casa e percebeu pelo seu tom que estava recebendo más notícias, mesmo falando em outra língua. Ela se recostou na cadeira e tentou controlar suas emoções olhando para a piscina e seus reflexos de luz.

Luke parecia aborrecido ao voltar do telefonema.

— Terei que partir para Atenas ao amanhecer.

— Algum problema?

— De certa forma, sim. Durante o processo de aquisição, houve um único voto contra mim.

— E ele está criando problemas para você?

— Ela — ele corrigiu, visivelmente contrariado. — A mulher que tinha o controle da empresa de aviação. Quando percebeu que não tinha como me impedir de assumir o controle, ela ficou tão desesperada que sofreu um derrame cerebral. Acabei de saber que ela morreu.

— Está se sentindo culpado?

Luke olhou surpreso para ela.

— Não. Se os deuses se voltaram contra ela, foi seu destino.

— Uma reação tipicamente grega.

Luke deu de ombros.

— Mesmo que eu fosse culpado pelo derrame e pela morte dela, eu fui apenas o instrumento escolhido pelo destino para isso.

— Você obviamente não gostava dela.

— Se gostava dela? — Ele riu debochado. — Talvez fique chocada com o que vai ouvir, mas eu a odiava tanto que estou feliz que tenha morrido.

— Vai ao funeral dela?

— Claro. Todo mundo espera me ver lá. Os funerais aqui acontecem logo após o óbito, portanto esta noite haverá o *Trisagion*, ou vigília, com orações para o defunto. A este evento eu não iria comparecer mesmo se estivesse lá, mas amanhã estarei na igreja vestido de acordo com a ocasião, com uma faixa preta no braço. A não ser que o marido dela impeça a minha entrada.

— Mas se a mulher dele teve um derrame cerebral, não é razoável culpá-lo pela morte dela!

— Ele nunca foi um homem razoável.

— Você o conhece tão bem assim?

— Conheço a vida dele muito bem!

— Ele estava envolvido na sua última aquisição?

Luke sorriu pensativo.

— Por algum motivo, ele resolveu não aparecer. Deixou que a mulher negociasse, o que foi um erro. Se ele próprio tivesse conduzido as negociações, talvez as coisas não terminassem tão bem para mim. Mas desde o dia em que decidi passar para ela o controle da empresa, Melina se indispôs com cada membro do conselho. Como resultado disso, todos foram unânimes em aceitar a minha proposta de compra.

— Ela não era uma senhora agradável?

— Nem um pouco, Isobel.

— Mas seu marido deve estar sofrendo, mesmo assim.

— É bem possível. Mas ele tem muitos negócios para se ocupar. Duvido que sofra por muito tempo.

— Que frieza! Você também não gosta dele.

— Gostar é uma palavra tépida demais, Isobel.

— Então você o conhece bem?

— Não. Se o encontrar amanhã será pela primeira vez. Porém, Theodore Andreadis é meu avô.

CAPÍTULO CINCO

Isobel arregalou os olhos, espantada.

— Seu avô? E você nunca se encontrou com ele?

— Ele não me reconhece como seu neto — Luke falou. — Não quero que o faça, nem pretendo me aproveitar do fato de ser seu neto. Para mim ele é apenas um velho tirânico a quem não perdoo pelo tratamento que dispensou à minha mãe. Se eu lhe contar o que ele fez, talvez você me entenda. — Ele se virou para encará-la. — Mas normalmente não falo sobre este assunto.

— Seu desabafo estará seguro comigo, eu lhe prometo.

— Não tenho dúvida disso. Deixe-me explicar essa desavença. Minha avó abandonou o marido, Theo Andreadis, e a filha deles ainda bebê, para ir atrás do amante, mas morreu pouco depois. Traumatizado com isso, meu avô criou minha mãe, Olympia, com severidade, obrigando-a a estudar em casa e não na escola e só permitiu que tivesse contato com uma amiga que ele achava adequada. Um dia, ele se casou com Melina, que se revelou a típica madrasta má. Ela fez da vida de minha mãe um inferno.

— É por isso que a detesta!

— Espere, tem mais. Influenciada pela amiga, Olympia fugiu de casa e foi

para uma festa onde conheceu um homem. Depois disso, ela passou a fugir sempre para se encontrar com o tal homem. Ninguém notava sua ausência, pois Olympia era protegida pelos criados que a adoravam. Certo dia, minha mãe engravidou. Quando Melina descobriu sobre a gravidez, ela obrigou Theodore Andreadis a expulsar a filha de casa por ter sujado o nome dele assim como fizera a mãe alguns anos antes. E assim ele fez.

Isobel o fitou horrorizada.

— E como ela fez para sobreviver?

— Com a ajuda da amiga fiel, Chloe, ela conseguiu chegar até sua antiga babá, aqui em Skyros, e pediu um emprego para Basil Nikolaides na cozinha de sua taverna. Depois que eu nasci, ela continuou trabalhando e economizando tudo que podia para os meus estudos, e eu também comecei a trabalhar depois da aula e nos fins de semana com os pescadores. Tudo que minha mãe trouxe de Atenas foram as joias deixadas pela minha avó, e com a venda delas minha mãe pagou minha universidade e meu MBA. Infelizmente, minha mãe morreu antes que eu começasse a ganhar dinheiro com meus cargueiros. — Luke parecia triste. — Por isso não sinto nenhum amor por Theo Andreadis, e menos ainda pela megera de sua mulher.

Isobel ficou em silêncio.

— Quando foi que você começou a pensar em vingança?

— Desde que conheci a história de minha mãe.

— Deve ter sido difícil para ela lhe contar.

— Não foi ela quem me contou. Foi Sofia, que tinha ódio de Theo Andreadis e Melina. Então jurei que me vingaria. Mas não com mortes, como Sofia gostaria. Tinha algo mais astuto e doloroso em mente. Tomar a empresa de aviação das mãos de Melina seria uma maneira perfeita para deixá-la humilhada. Ela ficou tão descontrolada naquele dia que não me surpreendi que tivesse um derrame em seguida. Nem sou tão hipócrita para fingir arrependimento por sua morte.

Isobel, sentindo calafrios, ficou calada e virou-se para admirar o céu estrelado.

— Ficou chocada?

— Acho que estou espantada. Parece uma tragédia de Sócrates. — Ela se virou para encará-lo. — Você já conseguiu se vingar de Melina, mas e quanto ao seu avó? Acha que a morte da mulher dele já é suficiente ou tem outros planos para ele?

— Não planejei a morte de Melina, o destino se encarregou disso. E na certa o destino fará o mesmo por Theo Andreadis algum dia. Mesmo que eu não sinta amor por ele, não vou me vingar de uma pessoa do meu sangue — Luke a assegurou e abriu um discreto sorriso. — Isobel, você não fez a pergunta mais importante.

— Nem ousou lhe fazer qualquer pergunta. Já estou agradecida por ter contado tanta coisa para uma estranha como eu.

— Não é um assunto muito adequado para o jantar — ele concordou. — Mas deve estar curiosa para saber a identidade do meu pai.

— Claro que estou. Mas só se você quiser me contar.

Luke se surpreendeu em perceber que ele queria lhe contar.

— Chloe, a amiga que levou Olympia para a festa, tinha um irmão que praticava atletismo. Ele apresentou um amigo à tímida Olympia, um medalhista de ouro em natação que trouxera para a festa. Foi amor à primeira vista. Depois de

alguns encontros secretos, com a ajuda da amiga Chloe, o namorado partiu para treinar para um campeonato prometendo voltar logo e se casar com Olympia.

— Acho que não vou gostar do final — tentou adivinhar Isobel. — Ele não voltou, obviamente.

— Não. O avião dele caiu.

— Nossa, Luke. Que história triste!

— Só lhe sobraram as medalhas de ouro e o filho. Soube que sou muito parecido com ele. — E ele acrescentou rindo. — E sempre nadei muito bem.

— Já lhe vi nadando.

— Sim, eu sei, Isobel. — Ele riu. — Ficou impressionada?

— Fiquei — ela respondeu. — Mas morri de vergonha quando você me surpreendeu. — Ela bocejou de repente, mais de nervosismo do que de cansaço. — Perdão.

— Está na hora de se deitar. — E sem dar atenção aos seus protestos, ele a pegou no colo e a carregou para o quarto, mas ao fazer isso ele percebeu que estava muito sensível depois de lhe revelar detalhes de sua vida íntima. Somado ao prazer de ter o corpo esbelto de Isobel nos braços dele, teve uma necessidade urgente do carinho que só uma mulher pode dar e, em vez de a colocar no chão, ele se sentou na poltrona com ela no colo.

— Quando um homem socorre uma donzela em dificuldades, ele merece uma recompensa, não é mesmo?

Isobel, assustada, se encolheu.

— Que tipo de recompensa?

— Um beijo de boa-noite.

Isobel balançou a cabeça com tanta veemência, que Luke se levantou sério e a colocou na cama.

— Não me olhe assim — ele disse para a pálida Isobel — Não vou estuprá-la.

— Talvez não. — Ela abraçou o próprio corpo e permaneceu de olhos baixos. — Mas eu também não pretendo ocupar o posto de uma amiga de travesseiro.

Luke ficou imóvel por alguns instantes.

— Vou lhe dar um conselho, Isobel — ele disse. — Espere ser convidada a ocupar esse posto para depois recusar.

Ela escondeu o rosto no travesseiro, mortificada enquanto ele saía do quarto. Ainda bem que ele viajaria no dia seguinte. E quando voltasse, ela já estaria no seu chalé. De repente, ela se assustou ao vê-lo de volta, entrando pelo terraço com a sua muleta nas mãos.

— Vou mandar Eleni trazer um chá para você — Luke se limitou a dizer.

— Não! Por favor, diga-lhe que não preciso de mais nada esta noite.

— Como quiser. — Luke acenou a cabeça cerimoniosamente. — Vou partir amanhã bem cedo. Vou me despedir agora.

— Adeus. — Ela recuperou a compostura. — Mais uma vez obrigada pela ajuda.

Ele deu de ombros ao se encaminhar para a porta.

— Não foi nada.

Isobel se jogou nos travesseiros, controlando o choro. Se chorasse, a dor de

cabeça poderia voltar, mas, com ou sem risco de complicações, amanhã ela iria embora de Villa Medusa. Mas ainda era cedo e ela não estava com sono. Muito pelo contrário. O episódio com Luke a deixara tão transtornada que provavelmente não conseguiria dormir antes de o dia clarear.

Confortavelmente deitada, Isobel estava feliz por sua cabeça não doer e ela poder ler um livro. Ao menos não ficaria acordada a noite toda, lembrando o desconcertante episódio que vivera com Luke. Não sabia o motivo de ter agido como uma virgem assustada. Embora ele a tenha surpreendido com detalhes da vida dele, a sua própria experiência era recente demais para revelar a alguém que ela mal conhecia. Portanto, se Luke pensava em se aproveitar dela, era melhor cortar o mal pela raiz. Ela suspirou. Isso foi o resultado do contato físico que tiveram quando ele a carregou no colo de um lado para o outro.

Isobel endireitou-se na cama para se concentrar no livro. E se surpreendeu ao ouvir alguém bater à sua porta.

— Pode entrar — ela disse, esperando Eleni e assustando-se ao ver Luke entrar e fechar a porta.

— Vi a luz acesa. — Ele se aproximou da cama com um brilho nos olhos que a deixou em alerta. — Sabia que estava acordada, por isso vim lhe trazer seu telefone.

— Obrigada. Esqueci totalmente.

— O telefone foi apenas uma desculpa. — Ele se sentou na beirada da cama e fechou a cara quando ela recuou. — Isobel acha mesmo que eu ia forçá-la? Você é uma hóspede em minha casa, e ainda se recuperando de acidente. Acha que sou um monstro?

— Claro que não — ela disse de olhos baixos.

— Ainda bem — ele disse secamente. — Então, por quê o pânico?

Ela suspirou, vacilante.

— Recentemente tive uma experiência bem desagradável.

— Um amante que não gostou de ser rejeitado?

— Mais ou menos isso.

— Ele a maltratou? — Luke perguntou preocupado.

Ela acenou a cabeça positivamente.

— Quer falar sobre isso?

— Não.

— Talvez lhe faça bem falar. — Ele suspendeu o queixo dela com um dedo. — Conte-me, Isobel.

Ela ficou indecisa, depois suspirou. E por quê não? Teoricamente, era mais fácil confiar nos estranhos.

— Tenho um problema — ela começou baixinho. — Por não ter família, sou muito intensa com meus relacionamentos. Há alguns meses, conheci um artista que expôs seu trabalho lá na galeria. Ficamos amigos e chegamos a sair para jantar e ir a concertos com frequência, nada, além disso. Mas, um dia, ele pediu para ver minhas últimas aquarelas. Então, pela primeira vez, eu o convidei para subir. — Ela removeu o cabelo do rosto. — Infelizmente, ele interpretou mal o meu convite e quis me agarrar. Tentei me livrar dele, mas como era um homem grande, as coisas ficaram difíceis.

— O cara tentou estuprá-la?

— Sim, e quase conseguiu. Mas eu lutei bastante e consegui acertá-lo em cheio com o salto fino do meu sapato, obrigando-o a desistir. — Ela estremeceu. — Mas fiquei bem machucada, física e psicologicamente.

Luke blasfemou baixinho.

— Se ele conseguisse dominá-la, talvez você estivesse com um filho agora.

Isobel balançou a cabeça meio encabulada.

— Tenho uns amigos, irmãos gêmeos e médicos, que me aconselharam a tomar algumas providências para evitar esse tipo de acidente. — Isobel suspirou. — Imagine que cheguei a pensar que Gavin fosse um amigo como os irmãos Carey. Mas era a mesma história de sempre, ele só queria me levar para a cama. Desde então, nunca mais dormi direito. E desisti dos homens, exceto daqueles que já conheço de longa data.

— Fico feliz de saber que não tenho nenhuma culpa nisso. — Luke sorriu. — Fiquei arrasado quando soube que você não queria jantar comigo. Meus convites para jantar são sempre muito bem aceitos.

— Aposto que sim — ela riu.

— Assim está bem melhor — Luke ficou entusiasmado. — Você fica ainda mais bonita quando sorri, Isobel. Mas se disser isso, vai me acusar de apreciar mais a sua beleza do que seu intelecto.

— Farei uma exceção no seu caso, Luke, já que tem sido tão gentil.

— Então somos amigos novamente? Você disse que gosta de homens que querem sua amizade.

— Quero sim. Mas isso não vai fazer muita diferença. Em breve voltarei para a Inglaterra.

— Ainda não está na hora de você ir. E eu vou voltar dentro de alguns dias — ele continuou, deixando-a surpresa. — Depois do funeral, vou trabalhar duro para poder retornar logo. — ele acrescentou. — Até lá você já estará curada. Portanto, cuide-se bem esta semana. Nada de subir por trilhas íngremes quando o tornozelo melhorar. Se quiser tomar sol na minha praia, Spiro vai levá-la no *Athena*. Spiro, e não Milos.

Ela sorriu sem graça.

— Na verdade, não vou incomodar nenhum dos dois, mas obrigada mesmo assim. Ficarei bem feliz de poder sentar na varanda do meu chalé e, quando estiver em condições, descer até a taverna para comer.

— Acho mais prudente permanecer aqui, Isobel. De jeito nenhum, ela balançou a cabeça.

— É muita gentileza sua, mas preciso voltar para meu chalé. Mas antes de ir eu gostaria muito de nadar na sua piscina, posso?

— Espere que eu retorne e nadaremos juntos — ele falou rapidamente. — Dr. Riga vem visitá-la amanhã e você deve seguir suas recomendações, entendeu?

— Está bem — ela concordou resignada.

— E quando for para o chalé, leve a muleta e a bengala.

— Pode deixar, eu levarei. — Isobel estendeu a mão, mas seus olhos estavam tristes.

Por um momento, os dois ficaram se olhando em silêncio, depois Luke beijou

sua mão. Em seguida, ele se aproximou e disse baixinho:

— Normalmente, gosto de mulheres morenas e voluptuosas. Diferente de você, minha amiguinha inglesa.

— Não faço o seu tipo. Meu cabelo é claro...

— Dourado — ele a corrigiu.

— E não sou nada voluptuosa. Nem sou uma de suas mulheres.

— Não? Mas eu salvei sua vida — ele a lembrou. — Em algumas culturas, isso pode significar que você me pertence de agora em diante.

— Mas não na minha cultura! Além do mais, você só queria se livrar de mim, no início. O que não é a mesma coisa que salvar minha vida, Lukas Andreadis.

— Por quê não? Você estava inconsciente e seu pé preso na pedra. O que teria acontecido se eu não a encontrasse? Meu destino era salvá-la, Isobel. É inútil lutar contra o destino. — Ele removeu uma mecha de cabelo em sua testa. — Este seu cabelo me fascina, *hriso mou*.

— O que quer dizer isso?

— Neste momento, minha lourinha. — Ele sorriu para ela. — Quero ter a sua amizade, Isobel.

Se ao menos ela pudesse confiar nele.

— O que o fez voltar, Luke?

— Tive uma ideia brilhante, ne! Seu telefone! — ele disse e continuou brincando com o cabelo dela. — Foi uma desculpa perfeita. Mas agora preciso ir. — Entretanto, queria ficar. Qualquer que fosse o motivo para Isobel ter ido parar na praia dele, sua vontade era ficar deitado com ela a noite toda, segurá-la e protegê-la, e isso o deixou em pânico. Isobel deveria lhe servir de diversão apenas, e não um problema a mais em sua vida já bem complicada. — Boa noite — ele disse de repente, levantando-se abruptamente.

— Boa noite — respondeu Isobel sem entender o motivo de tanta pressa.

Luke abriu a porta, e virou-se para fitá-la nos olhos.

— Durma bem.

Luke foi contrariado para o seu quarto. Seu plano de seduzir esse passarinho dourado não progredia conforme planejava. Estava intrigado. Passou tanto tempo se dedicando à sua vingança que era de se estranhar que ainda tivesse alguma ternura dentro de si. Seus relacionamentos com mulheres sempre foram superficiais, servindo apenas para satisfazer suas necessidades masculinas, sem envolvimento emocional. Mas essa inglesinha branquinha estava mexendo com ele. E estava de fato preocupado com a sua segurança e bem-estar, e queria que ela ficasse na *villa* em vez de voltar para seu chalé. Ele queria muito se tornar um "amigo" de Isobel pelo pouco tempo que teriam juntos.

Um amigo tão íntimo que em breve faria amor com ela e, com sua competência a livraria para sempre das péssimas lembranças.

CAPÍTULO SEIS

Isobel mal tinha fechado os olhos quando um barulho de helicóptero a acordou na manhã seguinte. Enquanto ouvia o som se distanciar no céu, ela ficou pensando. Luke aceitara sua rejeição melhor do que ela podia esperar. Claro que um simples não de uma mulher que acabara de conhecer não irritaria um homem tão confiante, tão bonito e que provavelmente teria muitas mulheres a seus pés. E com tantos afazeres, na certa se esqueceria dela assim que decolasse no seu helicóptero. No entanto, agora Villa Medusa parecia estranhamente vazia.

Eleni trouxe seu café da manhã mais cedo do que o costume.

— O helicóptero lhe acordou, *ne!* Vou sair para fazer compras hoje — ela avisou.

Isobel sorriu para ela.

— Eleni, pode comprar alguma comida para eu levar para o chalé? Vou voltar para lá amanhã.

Eleni estava decidida a não fazê-lo e disse-o com o pouco inglês que sabia, mas Isobel estava irredutível.

— Você tem sido muito gentil, mas estou lhe dando trabalho demais. Se Spiro me levar até lá, ficarei bem.

— Dr. Riga virá aqui hoje — disse Eleni com firmeza. — Se ele disser que pode, então eu compro comida. Agora, coma. *Kyrie* Luke disse que devo tomar conta de você.

Isobel ficou feliz demais com essa informação, mais até do que queria admitir. E começou a planejar seu dia enquanto tomava café. Antes de o médico chegar, tomaria um banho decente. Mais tarde ela se instalaria numa sombra da varanda para pintar, pois pretendia deixar para Luke uma aquarela da piscina como lembrança da sua hospedagem.

Para começar sua programação, ela retirou a bandagem do pé e o curativo da testa, depois entrou no chuveiro. Deleitou-se debaixo da água quente, sentindo-se tão limpa que perdeu a noção do tempo até que ouviu Eleni batendo na porta do banheiro.

— Pode entrar — Isobel gritou. — Não está trancada.

Eleni entrou apressada, e amarrou a cara ao ver que Isobel tirara todos os curativos.

— Tive que tirá-los. Precisava me lavar direito, Eleni. — Isobel pisou o pé doente com cuidado. — Está bem melhor agora. Pensei em ir lá fora, secar o cabelo ao sol antes que fique quente demais.

O médico chegou pouco depois.

— *Kalimera*, srta. James — ele disse, sorrindo. — Lukas me pediu para vir vê-la antes de ir para a clínica. Como se sente?

— Bem melhor. — Isobel mostrou o cabelo molhado. — Tomei um banho decente, logo pela manhã.

— Está se recuperando bem. — Em seguida, o doutor tomou seu pulso, olhou seu rosto e examinou o tornozelo. — Vou enfaixá-lo de novo para lhe dar mais sustentação — ele disse. — Mas sua testa não precisa mais de curativo, está

cicatrizando bem.

Depois de enfaixar o tornozelo, dr. Riga lhe deu algumas instruções e concordou que ela voltasse para o chalé no dia seguinte, sob a condição de se cuidar.

Quando ele saiu, Isobel ficou em pé e deu alguns passos, com a ajuda da muleta, sentindo mais confiança com a nova bandagem mais firme no tornozelo. Pegou então sua pasta com o material de pintura e rumou para o terraço.

— Viu, Eleni? — disse Isobel toda contente quando Eleni veio lhe trazer café. — Dr. Riga disse que eu posso me arranjar sozinha no chalé agora, por isso, se Spiro puder, eu gostaria de ir amanhã.

— Então irei visitá-la todos os dias para ver se está tudo bem. — Eleni olhou para sua pasta de material. — O que faz com isso?

— Vou pintar um quadro de presente para Luke — Isobel falou e viu a mulher sorrir.

— Bom, muito bom — ela disse. — Spiro vai me levar para as compras, Isobel, mas Milos está fazendo a segurança.

Como as jóias da coroa, pensou Isobel, divertindo-se. Ela tomou o café enquanto arrumava seu material e fez algumas caminhadas até o banheiro para buscar água para encher os potes de tinta, feliz com sua independência. Armou o cavalete que levava com ela e molhou a primeira folha de papel. Com a temperatura amena, o papel secou rapidamente enquanto ela misturava as tintas, e ela logo fez o fundo. Quando Eleni e Spiro voltaram, sua pintura já estava bem adiantada, mas Isobel sentia-se cansada e se sentou.

— Vocês foram rápidos! — ela disse sorrindo para o casal que chegou para vê-la.

Mas Spiro balançou a cabeça, contestando.

— Demoramos bastante, srta. Isobel.

— Nem notei!

— Milos disse que a vigiou do jardim, mas você trabalhou o tempo todo — Eleni falou admirada com a aquarela. — Você é muito talentosa. *Kyrie* Luke vai gostar, Isobel.

— Espero que sim. Mas não lhe conte nada. Será uma surpresa.

— Está com fome?

Isobel acenou entusiasmada.

— Como está seu pé, *kyria*? — perguntou Spiro pegando a bandeja do café.

— Bem melhor. Logo, logo, estarei caminhando sem a muleta.

— Hoje ainda não — Eleni falou decidida.

O celular de Isobel tocou logo após o almoço.

— Como se sente hoje, minha amiga?

— Luke! Onde você está?

— Estou a caminho do funeral. O dr. Riga foi vê-la?

— Veio. Ele enfaixou meu tornozelo de novo e disse que já posso me virar sozinha agora.

— Ligarei novamente esta noite — ele prometeu. — Descanse esta tarde, Isobel. Eu quero... — E o desejo de Luke foi abafado por um forte ruído de estática no aparelho.

O terno escuro de Luke combinava bem com seu estado de espírito ao chegar à igreja no momento que o padre veio à porta receber o viúvo e a família com o caixão. Theo Andreadis o ignorou, mas as irmãs gêmeas de Melina, Zena e Zoe Karras, o fuzilaram com os olhos pelas costas do cunhado. Depois que o cortejo entrou, Luke se acomodou nos fundos da igreja e ouviu o padre encomendando a alma de Melina. Que alma?, pensou Luke com raiva.

Quando a cerimônia terminou, Luke tratou de sair logo para evitar um encontro com seu avô e levou um susto quando um homem surgiu da multidão para atacá-lo com uma faca. Luke reagiu rápido, se jogando para o lado, mas ao dar um soco no estômago do agressor e outro no queixo e derrubá-lo, Luke acabou sofrendo um corte no braço. Imediatamente, ouviu mulheres gritando e polícia por toda parte. Luke vislumbrou de longe o rosto abatido do avô, mas foram os olhos maldosos das irmãs Karras que ficaram na sua lembrança depois, porque a expressão de raiva logo se transformou em decepção furiosa. Por ele ainda estar vivo, claro. Várias ambulâncias surgiram em cena, mas antes de ser atendido pelos paramédicos ele conversou com a polícia e deu o máximo de informação possível.

Inspirada pela conversa com Luke, Isobel logo se concentrou na sua pintura. A luz do sol do meio-dia estava mais forte e vívida do que antes e ela levou mais tempo misturando as tintas para retratar a luz na piscina. A vegetação do contorno também ficou mais difícil de pintar. As plantas pareciam ser de diversas tonalidades de verde, alguns toques de azul e outros de tamariscos, espiroleiras e gerânios, um desafio que exigia muita concentração.

Quando Eleni tossiu para chamar sua atenção, Isobel olhou e sorriu.

— Algo para beber, que ótimo, estou morrendo de sede.

— Isobel, chegou uma visita para você.

— E quem é?

— Alyssa Nicolaides. Não se preocupe, pois ela fala inglês.

— Que bom. — Isobel recostou-se na cadeira e se espreguiçou.

— Vou aproveitar para fazer um intervalo. Pode trazê-la para ai enquanto me lavo? — Ela balançou os dedos cheios de tinta e entrou em casa para se arrumar e trocar sua camiseta manchada.

Quando Isobel voltou ao terraço, uma jovem mulher de cabelos pretos encaracolados admirava sua aquarela.

— Olá. Sou Alyssa. Estive com o dr. Riga hoje e ele me sugeriu que lhe fizesse companhia, já que Luke está fora.

— Que bom — respondeu Isobel sorrindo. — Agora posso agradecê-la por ter empacotado as minhas roupas.

— Fiquei feliz de poder ajudar. Alex me contou sobre o seu acidente.

— Seu irmão também foi muito gentil. Ele está no hospital?

— Está sim. Ficou apenas durante sua folga. Estou impressionada com sua pintura, você é muito talentosa — ela disse.

— Obrigada. Aceita suco ou água?

— Vou tomar um suco. Quer que eu lhe sirva?

Isobel aceitou.

— Sente-se, por favor. Fiquei muito tempo em pé.

Alyssa olhou para o pé de Isobel ao puxar a cadeira.

— Acha que vai conseguir ficar sozinha no chalé?

— Vou sim. Spiro vai me levar até lá. O chalé não tem escada, então com a muleta e a bengala que Luke me emprestou, não terei maiores dificuldades. — Depois olhou bem para Alyssa. — Você fala muito bem inglês.

— Tivemos um excelente professor de inglês na escola. Também estudei inglês na faculdade e trabalhei na Inglaterra. Fiquei vários anos por lá. — Alyssa sorriu. — Ainda tenho sotaque, mas me orgulho de ser fluente.

— O que fez por lá?

— Trabalhei em um banco, em Londres, com vários rapazes elegantes e exímios profissionais. — Ela piscou os olhos seguidas vezes. — Um deles me chamou para dividir um apartamento charmoso junto ao rio.

Com lindos olhos e cabelos negros e cheia de curvas, Isobel não duvidava disso. Alyssa devia ser exatamente o tipo que atraía Luke.

— E você não aceitou?

— Não. Confesso que fiquei tentada, ele era muito charmoso, mas estava com saudades de casa. Assim que consegui juntar um dinheiro, eu voltei. Pouco depois, meu irmão caçula me apresentou a um bonito médico cirurgião do hospital. — Ela balançou a mão exibindo um lindo anel de noivado. — Em breve vou me casar com Dimitri, enquanto isso, pratico meu inglês com os turistas que frequentam a taverna. Mas chega de falar de mim. Conte-me tudo sobre você.

Alyssa ouviu fascinada enquanto Isobel descrevia suas pinturas e seu trabalho na galeria e de repente perguntou sua opinião sobre Luke.

— Luke é uma pessoa muito legal. Você gosta dele? — Alyssa quis saber.

— Sim. Ele é muito gentil.

Alyssa riu.

— Que resposta mais britânica e contida — ela disse.

Isobel sentiu seu rosto corar.

— Na verdade, ele não foi nada gentil quando nos conhecemos. Ficou zangado achando que eu fosse mais um *paparazzo*, esperando por ele na praia. Depois que tudo foi esclarecido, ele bem hospitaleiro. Mas não posso abusar desta acolhida. — ela olhou alarmada ao ver Eleni entrar apressada, falando e gesticulando, e Alyssa deu um pulo, e em seguida começou a fazer perguntas para ela.

— Pegue sua muleta, Isobel — ela disse laconicamente. — Vamos para o escritório de Luke assistir a TV. Eleni disse que o noticiário vai mostrar um atentado em Atenas.

Elas cruzaram o hall de mármore até o escritório repleto de equipamentos eletrônicos. Alyssa acomodou Isobel em uma poltrona confortável e ligou a enorme

TV de plasma.

— Ouvi o nome de Luke. Por acaso ele está envolvido? — perguntou Isobel, ofegante depois da corrida.

— Ela não disse coisa com coisa. Logo vamos saber. Olhe, já vai começar o noticiário.

A TV mostrou um cenário caótico e barulhento, com a polícia contendo uma multidão diante de uma igreja. Uma repórter relatava os acontecimentos enquanto os paramédicos colocavam uma maca dentro da ambulância. Isobel agarrou a mão de Alyssa.

— Conte-me, o que está acontecendo?

— Alguém atacou Luke ao sair da igreja após o funeral de Melina Andreadis, a mulher do seu avô. Você sabia disso?

Isobel acenou impaciente.

— Continue.

Alyssa ouviu mais um pouco e depois repetiu a reportagem.

— O viúvo abalado, acompanhado das duas cunhadas, assistiu chocado enquanto Lukas Andreadis, empresário de sucesso, mesmo ferido derrubava seu agressor no chão...

— *Ferido?* — Isobel repetiu tentando se acalmar enquanto Alyssa ouvia o resto da notícia para traduzi-la.

— Luke foi levado para o hospital. O homem na maca era o agressor. Obviamente, Luke o nocauteou. — Alyssa deu longo suspiro e em seguida se virou para Eleni, que chorava nos braços de Spiro, os olhos grudados na TV. Alyssa segurou-lhe a mão e a consolou em grego, depois tirou o celular do bolso de sua saia de linho laranja.

— Vou ver se falo com Dimitri no hospital ou então com Alex. Não se preocupe. Já vou saber notícias de Luke. — e franziu o cenho ao ver Isobel. — Está tudo bem, Isobel? Está tão pálida.

— Estou assustada, só isso.

Alyssa saiu com seu celular, instruindo Eleni, que foi correndo para a cozinha, enquanto Spiro acompanhou Isobel até o terraço.

— Não se preocupe, srta. Isobel — disse Spiro. — Lukas é forte.

— Sim, claro. — Isobel respirou fundo e abriu um sorriso. — Estou bem. Vá consolar Eleni. Ela está muito abalada.

— Lukas é como um filho para ela — ele disse baixinho. — E para mim, também.

— Sei disso. Não se preocupe comigo — disse Isobel, sentindo-se culpada. — Não deveria estar aqui ocupando vocês.

— *Kyrie* Lukas mandou que cuidássemos de você. — Spiro bateu em sua mão pela primeira vez. — É um prazer para nós, não é trabalho. Eleni está fazendo chá para você.

Assim que Spiro saiu de vista, Isobel limpou rapidamente as lágrimas do rosto e vasculhou sua bolsa para encontrar lenços de papel. Desde que chegara em Skyros ela já chorava mais do que em muitos anos. Mas qualquer notícia de Luke seria em grego, portanto ela precisava esperar, pacientemente, até que alguém lhe dissesse o que estava acontecendo. O primeiro encontro de Luke com seu avô foi

dramático.

Isobel olhou para o jardim enquanto esperava, o que parecia ser uma eternidade, até que Alyssa voltou para o terraço.

— Desculpe a demora. Cuspei a falar com eles. Luke está bem! — Ela pegou a mão de Isobel. — Foi apenas um corte pequeno, alguns arranhões e um olho preto, segundo Dimitri, mas isso foi por mensagem de texto, portanto não tenho detalhes. Alex ficou de ligar mais tarde com notícias. — Ela se abaixou para abraçar Isobel. — Não chore, Isobel. Ou talvez deva chorar, sim. Vai lhe fazer bem. Agora vou dar a notícia a Eleni e Spiro.

— Obrigada — disse Isobel secando as lágrimas com o lenço. — Não sei por que estou chorando.

— Eu sei! — Alyssa lhe abriu um sorriso e correu para a cozinha.

Isobel de repente estremeceu. Se o agressor tinha uma faca, Luke foi muito corajoso, ou imprudente, ao enfrentá-lo. Ela pegou a muleta e seguiu para o banheiro lavar o rosto, depois foi ao encontro de Alyssa no terraço.

— Como eu queria entender grego. É angustiante não compreender o que estão dizendo.

Alyssa a fitou com os olhos brilhando, e falou num tom desafiante:

— Você gosta mesmo de Luke.

— Agora eu gosto. — Isobel fez uma careta. — Mas no início o detestei. Ele foi muito antipático. Pensou que eu fosse mais uma mulher procurando diversão com ele.

— Coitado — disse Alyssa. — Luke sempre sofreu com as mulheres, mas agora que é um empresário de sucesso, o assédio está pior. Aqui ele nunca traz ninguém, Isobel. Este é seu refugio e os moradores daqui respeitam sua privacidade. — Ela olhou em volta. — Você gosta da casa?

— Quem não gostaria? — Sem pensar, Isobel segurou a mão de Alyssa. — Estou tão contente que você tenha vindo aqui hoje. Eu teria ficado nervosa se estivesse sozinha com Eleni e Spiro. Se tiver tempo, dê um pulo no chalé quando eu voltar para lá, vou adorar.

Alyssa sorriu maliciosa.

— Fui incumbida de visitá-la todos os dias.

— Por quem?

— Por Luke, claro. Devo lhe informar se você estiver precisando de alguma coisa. Luke e eu somos amigos de longa data. Estudamos juntos quando éramos crianças.

— E chegaram a ser mais do que amigos?

— Não. — Alyssa balançou a cabeça. — Ele estava sempre ocupado estudando ou ganhando dinheiro, por isso não tinha tempo para namorar. Ele foi me visitar em Londres, quando fazia seu MBA, mas meu namorado na época criou o maior problema ao ver como era lindo o meu colega de escola. Por isso, Luke não me procurou mais.

— Mas você é o tipo de mulher que o atrai.

— Com sabe disso?

— Ele me contou que gosta de morenas e não de loiras.

— Não gostava, até conhecê-la. Acho que ele está louco por você, Isobel. Ou

não mandaria sua equipe cuidar tanto do seu bem-estar.

— Equipe?

— Equipe Lukas, que reúne Eleni, Spiro, Milos e eu, sem falar do dr. Riga. Todos fomos instruídos a olhar por você. Falando nisso. — Alyssa ficou séria de repente. — Quer que eu volte esta noite no caso de novas notícias?

Isobel teve vontade de beijá-la.

— Você faria isso? Venha jantar comigo, ou vai fazer falta na taverna?

— Diante das circunstâncias, papai não se importará. Ele gosta muito de Luke. E eu só vou me encontrar com Dimitri no fim de semana. — Alyssa consultou seu relógio. — Vou voltar para casa, conversar com meus pais e ajudá-los por algumas horas, depois venho jantar com você por volta das 20h.

— Que bom. Vou falar com Eleni.

— Pedirei a ela que venha aqui. E não se preocupe. Alguns poucos arranhões e cortes não vão derrubar Luke.

Logo que sua animada visita saiu, Eleni procurou por Isobel.

— Você está bem?

— Estou. E você?

— Melhor, agora. Vai ser bom para você se Alyssa voltar. Farei um jantar gostoso.

— Seus jantares são sempre gostosos, mais do que isso, deliciosos. — Isobel pegou a mão de Eleni. — Não se preocupe, Luke vai ficar bem.

— Spiro também disse isso. Mas eu sempre me preocupo. — Ela sorriu sem jeito. — Spiro e eu nunca tivemos filhos, mas ajudamos *kyria* Olympia a criar o seu bebê.

— Então ele é como o filho que nunca teve — Isobel disse baixinho.

Eleni balançou a cabeça e limpou suas lágrimas.

— Preciso cozinhar. Se aparecer alguma notícia na TV, Spiro virá lhe contar.

A luz do dia tinha mudado tanto, que Isobel resolveu adiar a pintura até o dia seguinte. Se começasse bem cedinho, poderia terminar antes de partir. Olhou para seus pincéis e depois para o jardim, abalada com a ideia de que Luke poderia ter morrido. Nossa, que loucura. Não podia se deixar envolver tanto assim, pois em breve partiria e nunca mais veria Luke. Mas quando seu celular tocou, ela adorou ouvir a voz dele.

— Isobel?

— *Luke!* Você está bem? Eu vi o noticiário. Com está seu ferimento? Ainda está no hospital...?

— Espere, deixe-me falar! Eleni explicou como aconteceu?

— Não, ela estava tão nervosa que não conseguiu falar inglês. Spiro também. Por sorte Alyssa estava aqui, então nós quatro assistimos a TV no seu escritório, e ela me explicou tudo. Nossa, Luke, você poderia ter morrido!

— Teria ficado triste, Isobel?

— Claro que sim — ela disse. — Quanto tempo ainda ficará no hospital?

— Já sai do hospital. O homem não me machucou tanto quanto pretendia. Fui

mais rápido que ele.

Sua arrogância a fez rir.

— Chegou a levar pontos?

— Não foi necessário. Tomei algumas injeções apenas, para prevenir possíveis infecções.

— Você conhecia o agressor?

— Não... — ele praguejou baixinho. — Desculpe, Isobel. Preciso ir.

O cansaço de Isobel tinha passado, então ela se sentou na escrivaninha e, louca para fazer alguma coisa que não fosse pensar em Luke, começou a escrever cartões-postais. Escreveu para sua amiga Jo falando sobre as belezas da ilha e do clima, pois se contasse exatamente o que acontecia ela ficaria alarmada. Depois, trocou a caneta pela bengala e foi caminhar antes que a atordoante srta. Nicolaides chegasse.

Isobel deu um longo suspiro ao se dirigir para o banheiro. Alyssa era tão elétrica que ela duvidava que Luke e ela nunca tivessem sido algo mais do que apenas amigos. Olhou-se no espelho e ficou satisfeita em ver que a base que usara no rosto tinha disfarçado bem o roxo do olho. O cabelo, depois de lavado, também estava razoável. Nada mal. Como ela teve inveja do cabelo liso de Jo quando elas eram garotas. E Jo, por sua vez, queria ter seus cachos louros. Pronta no seu vestido rosa, Isobel foi ao terraço para ajudar Eleni.

— Está muito bonita, Isobel — disse Eleni sorrindo.

— Obrigada, Eleni. Falei com Luke.

— Ele telefonou para Spiro também. Devia ter ficado mais tempo no hospital.

— Ele não gosta de hospitais!

— Você gosta dele, *ne?*

— Claro, ele foi muito bom para mim.

— Ele gosta de *you*. Nunca trouxe nenhuma mulher aqui antes.

— Mas ele não *me* trouxe para cá, Eleni. Ele foi forçado a me receber aqui.

— Ele gosta de *you* — a mulher repetiu com certeza, depois correu ao som de um carro chegando.

Com uma bela calça branca, estilo *palazzo*, e uma blusa verde de seda, Alyssa estava ainda mais bonita que antes.

— Você está bem melhor, Isobel. E que bonito o seu vestido. — Alyssa puxou uma cadeira. — Está, recuperada do choque?

— Mais ou menos. Luke me telefonou. Ele já saiu do hospital.

— Já soube — disse Alyssa.

— Alguma notícia do homem que o agrediu?

— A polícia o está interrogando.

— Será que tem alguma novidade na TV?

— O jornal mais importante será mais tarde, depois do jantar. Serei uma intérprete mais eficiente depois de comer. — Alyssa fitou Isobel. — Você faz dieta para se manter assim magrinha?

— Não tenho este problema.

— Sorte sua. Eu preciso controlar meu peso sempre.

— Por quê? Você é tão bonita assim.

— Obrigada, *glykia mou*. Mas para ficar com este corpo, preciso me controlar muito.

— Para agradar Dimitri?

— Não, ele adora as minhas curvas. Mas preciso entrar no meu vestido de noiva. Aliás, eu trouxe uma caixa de doces feitos de nozes e mel, para a sobremesa, mas só vou comer um.

— Que bom.

— Trouxe um vinho, também, presente do meu pai. Ele disse que uma taça de vinho é um ótimo remédio para o estresse. — Alyssa alcançou a mão de Isobel.

— Não se preocupe. Luke tem uma saúde excelente, ele vai ficar bem.

— Estou preocupada, só isso — ela disse corada. — Luke me socorreu e sou-lhe grata por isso, e não quero que se machuque. Mas não existe nada entre nós. Acabamos de nos conhecer.

— Uma hora, um minuto já é o suficiente para alguém se apaixonar, Isobel. Mas vamos parar de brincadeira, lá vem o nosso jantar.

Distraída pelas histórias de Alyssa sobre os preparativos para o casamento, Isobel comeu bastante, e quando Eleni veio tirar a mesa, ela não pôde mais se conter.

— Vamos ver o jornal da noite na TV?

Alyssa logo se levantou e ajudou Isobel com a muleta. Ligou a TV e mostrou para Isobel que Luke aparecia na tela.

— Ele recebeu alta do hospital após o atendimento e o agressor está sob custódia da polícia — relatou Alyssa.

— Só isso? — perguntou Isobel ao ver outra notícia surgir na tela.

Alyssa balançou a cabeça ao desligar a TV.

— Se souber de mais alguma coisa, eu ligo para você amanhã. Quando pretende deixar a *villa*?

Isobel já tinha feito seus planos.

— Acho melhor esperar mais um dia, afinal. Se ficar no chalé, não terei notícias. Ao menos aqui, tenho Eleni e Spiro para me informar.

— Boa atitude. Você ficaria um pouco isolada lá em cima. Ouça o meu conselho, fique aqui até estar mais independente.

— *Et tu, Brute?* — perguntou Isobel com ironia.

— Não adianta falar em latim comigo, *kyria*, sou grega! — E acrescentou. — E você é britânica, portanto, é certo gostar de i há. Posso pedir a Eleni que faça um chá para nós? Vou lhe avisar que mudou seus planos.

Isobel teve que rir.

— Está bem, eu desisto, *KYRIA* Nicolaidis. Ficarei aqui por mais um ou dois dias.

— Não deixe de contar a Luke que fui eu que a convenci a ficar, ele me deve esta.

Pelos padrões gregos, jantaram cedo demais. Depois que Alyssa partiu,

Isobel se preparou para deitar sentindo-se exausta de repente. Acomodou-se entre os travesseiros com um livro e a bandeja de sempre do seu lado com as bebidas deixadas por Eleni. Mas, em vez de ler, ficou pensando em como Luke estivera perto da morte naquele dia. E por que ela se importava tanto? Há bem pouco tempo, ela não gostava dele, mas em algum momento seus sentimentos mudaram. Seja qual for o motivo, Isobel deu um grande suspiro de alívio quando Luke telefonou.

— Acordei você, Isobel?

— Não. Como você está?

— Com muita dor — ele logo disse. — Preciso de uma amiga para me consolar.

— Não está falando sério...

— Estou. Já se deitou?

— Já.

— Preciso de uma imagem sua enquanto estou aqui sozinho, então me diga como está vestida.

Ela riu.

— Estou com uma camiseta azul, até o joelho. Prefiro conforto ao *glamour* na cama.

— Já é *glamour* suficiente para mim...

— O que houve?

— Meus cortes e arranhões se fazendo presente. Durma bem. Isobel.

Ela desligou o celular lentamente, depois apagou a luz e se virou na cama, bocejando. Só ouvir a voz de Luke já a deixara com sono.

No dia seguinte, Isobel continuou seu trabalho na aquarela com breves interrupções de telefonemas de Luke.

— Estou feliz que tenha decidido permanecer na *villa*. Espere até eu voltar. Por favor, Isobel.

— Vou pensar — ela prometeu. Mas não disse nada sobre sua ideia de terminar a aquarela da piscina e mais outra da praia. Esta segunda seria mais complicada, pois teria que convencer Eleni e Spiro a deixar que trabalhasse fora da casa. Mas Milos providenciou um *ombrellone* para protegê-la do sol enquanto trabalhava perto do precipício. O quadro da piscina era para Luke lembrar-se dela no futuro. O da praia era para ela mesma, que não precisava de nenhuma lembrança.

Isobel recebeu uma visita rápida de Alyssa, que veio antes do agito da taverna e aproveitou para demonstrar a mesma preocupação de Eleni e Spiro.

— Tem certeza que deveria fazer isso? Apesar de estar lindo — disse Alyssa observando a pintura por cima do ombro de Isobel. — É para Luke, também?

— Não. Esta é para mim.

— Como está o tornozelo?

— Bem melhor. Estou craque com a minha muleta! É um bom exercício, indo e voltando de casa para ir ao banheiro de vez em quando. E antes que você pergunte, estou me enchendo de filtro solar e tomando litros e litros de água, e qualquer outra coisa que Eleni me traga para beber. Mas obrigada por ter vindo,

Alyssa.

— É um prazer. Já ia me esquecendo, Alex lhe mandou um abraço. Esteve com Luke no hospital e mandou lhe avisar que ele está bem.

Isobel olhou desconfiada para Alyssa.

— E por que ele precisaria *me* avisar?

Alyssa pestanejou seguidas vezes.

— Por que será? Isobel, seja boazinha, voltarei amanhã. Vou poder ficar mais tempo, pois teremos ajuda extra na taverna. Se você quiser, claro.

— Sim, vou adorar!

Depois de trabalhar bastante, Isobel já estava cansada quando Spiro e Milos vieram retirar o *ombrellone*.

— Está na hora de parar, *kyria* — ele disse sério, e foi recolhendo seu material de pintura. — Agora você vai descansar e mais tarde comer uma comida gostosa.

Isobel tomou um banho demorado, mas logo sentiu cansaço e resolveu se deitar antes mesmo de terminar o jantar. Chamada para acompanhá-la até o quarto, Eleni foi reclamando o tempo todo por ela não ter se alimentado direito.

— Vou lhe trazer um chá — disse Eleni ao chegarem no quarto. — Vá se deitar agora, *ne*.

— Sim, Eleni — Isobel respondeu resignada, surpreendida pelo frio que entrava pela varanda. Toda encolhida, ela tirou da mala uma *legging* para vestir, e um par de meias grossas para esquentar seus pés.

— Trabalhou demais sob o sol hoje — disse Eleni quando voltou com o chá. — Quer um cobertor?

— Não, obrigada, ficarei bem assim. Boa noite, Eleni. — Isobel tomou o chá quente e se deitou na cama.

E antes que ela se perguntasse se Luke ligaria, o telefone tocou.

— Tudo bem, Isobel?

— Agora estou deitada, mas tive um dia de muito trabalho. Estive pintando.

— Já soube. Passou o dia junto ao penhasco.

— Quero um quadro da praia para levar de lembrança.

— Para se lembrar de Skyros e de mim? Eu não preciso de lembretes. Nunca me esquecerei da linda moça que invadiu minha praia.

Que bom, pensou Isobel, que pintara a aquarela pensando nele.

— Como estão seus ferimentos?

— Cicatrizando rapidamente.

— Descobriu por que o homem o atacou?

— Sim, depois de muita persuasão, ele contou à polícia que fora contratado para me assustar, não para matar. Ele jura que não sabe quem foi o mandante, mas eu não acredito nisso, ele deve estar com medo de citar nomes. Ele disse que recebeu dinheiro e as instruções por intermédio de um mensageiro, e que junto veio uma ameaça contra seus filhos, caso ele se recusasse a executar a tarefa.

— Então, cuide-se Luke, pelo amor de Deus — Isobel o alertou. — Seja quem for que tenha feito isso, talvez arranje outra pessoa para terminar o serviço. Onde você mora aí, é seguro?

— É muito seguro. O prédio em que moro tem instalações de última geração. Também tenho uma equipe de seguranças competente, além da proteção policial que estou recebendo no momento. Mas vou voltar para Skyros assim que puder, e aí nada pode me acontecer.

CAPÍTULO SETE

Isobel demorou demais para dormir. Estava preocupada com a segurança de Luke, e mais ainda por sentir isso. Não devia se arriscar tanto, afinal, mal começara a superar aquele recente e traumatizante episódio da sua vida. Só uma tola iria se aventurar em uma nova experiência sentimental. Especialmente com um homem cuja vida era tão diferente da sua. Isobel se revirou muito na cama até dormir, e quando finalmente conseguiu, acordou para um verdadeiro pesadelo. Alguém com mãos ásperas a arrancou da cama e colocou um pano sobre a sua boca para impedir que ela gritasse.

Quando Isobel abriu os olhos novamente, viu um céu cheio de estrelas e sentiu muito frio. Ouviu um barulho inconfundível de motor, mas não teve medo e sim raiva por estar toda amarrada. Normalmente as pessoas tinham belas aventuras durante as férias, com um caso ou outro de mala perdida, um voo atrasado e queimaduras de sol, mas ela vivia um desastre após outro. Mas o ressentimento logo se transformou em medo quando identificou o barulho. Era um motor de barco e ela estava jogada no fundo dele como se fosse uma bagagem. Quanto tempo teria ficado inconsciente? Para onde estava sendo levada? E o pior, o que pretendiam fazer com ela? Ao menos se livrara do pano que a asfixiara, provavelmente com clorofórmio. Sentiu-se aliviada por não estar amordaçada e se lembrou de Eleni e Spiro, e torceu para que nada lhes tivesse acontecido. Achou melhor ficar quieta e fingir que ainda estava inconsciente, para não ser obrigada a cheirar clorofórmio novamente.

Por que será que a sequestraram? Se fosse para obter resgate, era perda de tempo, pois ela não tinha dinheiro. Estremeceu de frio e nervoso. Estava completamente impotente. Em seguida, o motor parou e seu coração deu um pulso, sentindo o barco ser arrastado sobre um terreno áspero. E agora? Manteve os olhos bem fechados, fazendo-se de morta ao ser colocada sobre o ombro de alguém. Sentiu um cheiro forte de lã mal lavada, suor e cigarro ao ser levada por um terreno acidentado, a julgar pelos solavancos que a pessoa dava. Sua cabeça latejava e o tornozelo também, por causa dos sacolejos que a pessoa dava ao caminhar.

Quando voltasse para casa, ela jurou para si mesma, nunca mais sairia de lá. Isobel ouviu o ranger de uma porta se abrindo e em seguida; foi colocada sobre uma cama úmida de madeira, cheirando a peixe. Abriu ligeiramente os olhos e viu um vulto assustador iluminado pelo luar que entrava por uma janela mínima, e engoliu em seco quando a figura encapuzada e enorme se curvou sobre ela. Ele falou com ela em grego, mas com um sotaque bem diferente do de Luke, e quando ela não

respondeu, ele a sacudiu pelos ombros, obviamente querendo ouvir uma resposta.

— Sou... inglesa. Não falo grego — Isobel disse.

Pela maneira como reagiu irritado, colocando-a sentada na cama, sentiu que ele não gostou da resposta. Isobel estava embrulhada em um tipo de colcha, e isso dificultava seu equilíbrio.

— Fala inglês? — ela perguntou.

Um grunhido foi só o que teve como resposta.

— Poderia soltar minhas mãos? — ela pediu sem muita esperança. — Sinto dor nos ombros e nos pulsos.

Mas, para sua surpresa, ele desamarrou seus pulsos, tirou a colcha e depois prendeu suas mãos na sua frente. Isobel forçou-se para permanecer sentada, mesmo constrangida em ver que usava pouca roupa quando ele mexeu na lanterna pendurada no teto.

Ao ser iluminada, o homem praguejou de novo por baixo do capuz. Assustada, Isobel recuou ao vê-lo pegar nos seus cabelos e arrumá-los em volta do rosto. O que será que pretendia fazer? E quando o viu pegar uma folha de jornal e colocar entre as suas mãos, ela entendeu que ele queria fazer uma foto sua com o celular. Em seguida, ele cortou um cacho do seu cabelo como uma prova a mais para juntar à foto. Determinada a não demonstrar medo, ela o encarou quando ele apontou para uma caixa que continha um pacote e algumas garrafas de água. Depois, ele pegou um balde de metal, colocou-o no canto da cabana, desligou a luz e foi embora. Ele bateu a porta e pouco depois se ouviu um ronco de motor que deveria ser ele partindo, deixando Isobel aliviada por não ter sido estuprada. Pelo menos, por enquanto.

O dia amanheceu pouco tempo depois. E à medida que clareava, Isobel foi se animando e pôde enxergar melhor o local do seu cativeiro, uma rústica cabana de pescador. A cama era o único lugar para sentar e o colchão estava úmido e malcheiroso.

Felizmente, o homem amarrara seus pulsos com uma pequena folga, desta segunda vez, caso contrário ela teria dificuldades para usar o balde, e para comer e beber. Quanto tempo será que ele pretendia deixá-la ali sozinha? E quem receberia a foto com a mecha de cabelo? Luke? O sequestrador agora sabia que ela era inglesa e não era parente de Lukas Andreadis, então será que imaginava que fosse sua amante e que valesse algum dinheiro? Mas era comum os sequestradores se livrarem de suas vítimas, mesmo quando recebiam o pagamento exigido. Isobel afastou esse pensamento e tratou de se ocupar de um problema mais imediato. Precisava soltar suas mãos, que era o primeiro passo para sair da cabana. Não ia ficar esperando por socorro ou para ser estuprada.

Determinada, começou a testar as cordas. Ela havia retesado seus pulsos de propósito quando o homem a amarrou para ter uma folga para se libertar, então começou a puxar a corda com os dentes. Ignorou o cheiro forte de óleo da corda e continuo puxando, mesmo que os dentes doessem e os pulsos se ferissem cada vez mais. Finalmente ela conseguiu. Passou alguns minutos massageando os pulsos, para depois colocar os pés sobre a cama e tentar a soltá-los também. Milagrosamente, a faixa do seu pé estava intacta, apesar de o tornozelo ainda doer. Trabalhando agora com as mãos e não com os dentes, soltar os nós dos pés foi bem mais fácil.

O sol já invadira a cabana e Isobel sorriu ao pensar como suas acomodações

tinham se transformado em tão pouco tempo. Ontem ela estava na luxuosa *villa* de Luke, cheia de criados para servi-la. Hoje estava numa tosca cabana de pescador, cercada de anzóis e redes, sozinha e sem saber para onde ir. Mesmo assim, tinha fome. Bem que podia ter comido mais no jantar na noite passada. Isobel se levantou e andou mancando pelo chão de madeira úmida para examinar seus suprimentos. O saco que o homem deixara tinha pão, um pedaço de queijo duro, um pote com azeitonas e alguns tomates. Voltou capengando para se sentar na cama e se perguntou por quanto tempo deveria durar aquela comida?

Comeu o pão e o tomate, beliscou um pouco do queijo e guardou o resto. Bebeu um pouco de água com sofreguidão, mas parou quando se lembrou que seria mais prudente economizá-la. Quanto tempo teria que esperar? Isobel resolveu dormir um pouco e quando acordou, já tinha se passado uma hora. Contrariada por ter dormido em vez de tentar escapar, ela se ajoelhou na cama para olhar pela janela. A cabana ficava numa enseada estreita, com muitas pedras, cascalhos, pinheiros e arbustos, cercada por penhascos escarpados, um local bem assustador. Isobel foi tentar abrir a porta feita de madeira sólida. Mas lembrou-se de ter ouvido o barulho de pesados ferrolhos quando seu algoz a fechou, portanto seria impossível abri-la.

Pensou então na janela que, apesar de pequena, daria para passar se quebrasse o vidro. Isobel vasculhou o material de pescaria, mas não viu nada de útil ali. Logo pensou em usar o balde de metal para quebrar o vidro da janela. Ainda bem que teve esta ideia antes de utilizar o balde para sua real finalidade. Firmou-se sobre o pé bom e arremessou o balde, mas nada aconteceu a não ser pequenas rachaduras.

Isobel tomou mais uns goles de água para depois voltar à carga. O trabalho era cansativo e barulhento, mas ela continuou com o firme propósito de sair dali. Finalmente, ofegante e coberta de suor, ela cantou vitória. Protegeu a mão com a colcha e retirou os pedaços de vidro da esquadria e, após um breve intervalo para descansar, começou a reunir as provisões que não podia deixar para trás. Amarrou tudo na colcha e a jogou para fora. Depois, fez uma manobra para sair pela abertura estreita passando, em primeiro lugar, a cabeça e o tronco. Ao passar metade do corpo, ela soltou a perna boa, rasgando a *legging* toda ao fazê-lo, segurou firme na abertura da janela e passou a outra perna. Ficou pendurada por um instante, depois se soltou e caiu sentada na areia. Ainda bem. Ficou por alguns segundos, para logo se levantar. Fora o tornozelo que latejava, ela estava bem. Poderia ficar em pé e se apoiar na perna boa.

Isobel firmou-se numa perna e apoiou o corpo na parede da cabana para estudar a situação. Não podia ficar ali se arriscando a encontrar o sequestrador. Precisava sair em busca de ajuda. Mais adiante, na praia, ela viu penhascos ainda mais íngremes dos que haviam na praia de Luke. E ao longe achou ter visto uma trilha subindo, provavelmente levando a outra praia. Parecia bem íngreme, mas ela estava decidida, nem que fosse preciso subir de joelhos.

Isobel pegou a colcha e a rasgou em duas. Colocou um pedaço em volta dos ombros para se proteger, e o outro usou para embrulhar os suprimentos e o amarrou em torno da cintura. Foi mancando pela areia e depois seguiu pelo cascalho, na sombra dos pinheiros. Ao chegar na outra extremidade da praia, ficou decepcionada, o penhasco era íngreme demais, seria impossível subir. Sentou-se para pensar no que fazer. Consultou seu relógio, que ainda funcionava, e viu que era bem mais tarde do que pensava. O processo de se soltar das cordas demorara muito, além de

ter perdido tempo dormindo.

Foi então que ela ouviu um barulho de motor e seu coração entrou em pânico. Escondeu-se por trás das árvores, onde encontrou um grande galho que decidiu usar como arma. Como precaução. Ficou imóvel ao ouvir o barulho crescendo e, de repente, tudo mudou. Ela resolveu reagir. Ficou de pé e esticou-se para enfrentar o sequestrador, em vez de se esconder como uma covarde. Seu coração disparou à medida que o barco se aproximava e, para seu alívio, ouviu uma voz familiar chamar seu nome. Era Luke descendo da lancha que deslizava na areia da praia.

Isobel gritou de felicidade e deixou cair o galho de árvore ao ver Luke correndo na sua direção. Era a cena mais linda de toda a sua vida. Ele a pegou nos braços e a abraçou tão forte que quase quebrou suas costelas enquanto Spiro veio correndo, segurou sua mão e depois pediu licença para dar notícias para Eleni.

— Você está ferida, Isobel? — perguntou Luke que a soltou para examiná-la de cima a baixo.

— Não, mas vamos sair daqui antes que ele volte, por favor!

— Era um homem apenas? — Luke perguntou ao carregá-la para o *Athena*.

— Era.

— Poderia descrevê-lo para mim?

— Acho que não. Estava escuro e ele ainda usava um capuz. Mas era bem grande e falava grego com um sotaque muito diferente do seu.

— Ele devia ser bem forte, isso é certo, pois a carregou pelo penhasco até a praia para chegar ao barco. E eu tinha dificultado ao máximo aquele acesso para desencorajar os intrusos — disse Luke sério.

— Ainda bem que eu estava inconsciente durante o trajeto!

Luke a acomodou cuidadosamente sobre o banco da lancha e a cobriu com um cobertor, ignorando os protestos de Isobel, que dizia não sentir frio. Depois lhe deu água para beber e a segurou nos braços enquanto Spiro soltava a lancha e subia para ligar o motor. Algo dentro dela aflorou quando a lancha rumou para o mar e ela se apoiou no peito de Luke, feliz por estar em segurança.

— A cabana estava trancada. Como fez para sair, pulou a janela?

— Pois é, tive que quebrá-la. — Isobel fez um breve relato dos acontecimentos e sobre o plano de subir o penhasco para fugir. — Mas a trilha era difícil demais e meu tornozelo doía — ela encerrou. — Além dos meus pulsos — ela acrescentou, e Luke praguejou ao examiná-los. — Como conseguiu me encontrar?

— Em criança, passei metade do meu tempo nestas águas. — Ele a abraçou mais forte. — Quando vi a fotografia que meu pessoal de Atenas recebeu, fiquei louco de preocupação. Mas, depois, me acalmei e vi que conhecia a cabana, mesmo tanto tempo depois de ter trabalhado com este pescador. Deve haver um monte de ilhas iguais a esta por aí, mas, com a graça de Deus, eu estava certo. — Então, ele mudou o tom de voz. — Diga-me a verdade, Isobel. Esse animal a machucou?

Ela balançou a cabeça, sabendo que ele se referia a algo bem pior que pulsos feridos.

— Não. Ele me asfixiou com um pano que devia ter clorofórmio e me levou sobre o ombro. E quando estava na cabana, cortou uma mecha do meu cabelo. Você chegou a receber?

— Não cheguei a recebê-la — ele disse. — Já estava a caminho de Skyros depois que Spiro me telefonou falando sobre o seu desaparecimento.

Isobel sorriu para Spiro, mas ele se sentia muito culpado.

— O homem deixou comida e água, por isso imagino que ele fosse voltar. Ele chegou a pedir algum dinheiro?

— Pediu, sim. Tenho um prazo até amanhã, às 22h, para pagar. A mensagem chegou ao meu escritório de Atenas. — Ele fez uma pausa para respirar fundo. — Spiro ouviu um barulho à noite e foi até o jardim para investigar, mas não pôde ver nada por causa da escuridão. Quando ouviu o motor do barco vindo da praia, ele correu para vê-la. As portas do seu quarto tinham sido arrombadas e você não estava mais lá, nem o invasor, pois, se estivesse, Spiro o pegaria.

— Ainda bem que não se encontraram! O homem teria matado Spiro. — Isobel estremeceu só de pensar.

— Mesmo assim, Spiro está envergonhado por ter falhado com a sua segurança. — Luke a apertou nos braços. — E eu também.

— Ninguém teve culpa. E eu estou bem, sério. Onde fica esta ilha, falando nisso?

— É uma ilha pequena, desabitada, a pouca distância, ao sul de Skyros. Provavelmente a escolheram por ele poder levá-la até lá rapidamente sem ser visto.

— *Desabitada?* — Ela revirou os olhos. — Então, se eu conseguisse escalar aquele penhasco, teria sido em vão?

Luke balançou a cabeça.

— Não há praia do outro lado, apenas pedras. O velho Petros era um solitário e passava muito tempo por lá. Ele chegou a criar cabras, mas gostava mesmo era de pescar. Costumava trazer os peixes para vender nas tavernas de Skyros, que foi como o conheci. Por algum motivo, ele gostou de mim e me deu trabalho nas minhas férias. Fui bastante àquela ilha, por isso reconheci a cabana na foto. Não fosse isso...

— Não vamos pensar sobre isso — disse Isobel para logo suspirar aliviada ao ver a ilha surgir no horizonte. — Skyros!

CAPÍTULO OITO

Para surpresa de Isobel, Spiro parou bem longe do cais. Luke sorriu e fez sinal para ela não falar enquanto puxava um tapete para cobrir sua cabeça quando Spiro finalmente embicou o *Athena* para uma enseada numa outra extremidade de Skyros. Ele encostou a lancha bem próxima do carro de Luke estacionado ali e pulou para abrir a porta do carona enquanto Luke saía da lancha e a colocava embrulhada no carro.

— Perdoe-me, mas preciso fazer isso — disse Luke ao colocá-la no chão, entre o banco da frente e o de trás. — Não posso me arriscar que alguém a veja. Mais alguns minutos e você estará em segurança.

Isobel teve dificuldade para ficar quieta toda embrulhada enquanto Luke dirigia feito um louco por uma estrada sinuosa. Ela relaxou um pouco quando percebeu que o carro em vez de subir, agora descia, e quando finalmente ele entrou na *villa*, ela suspirou aliviada. Assim que parou o carro, Luke a pegou e a carregou para dentro de casa, onde Eleni o seguiu nervosa até o quarto de hóspedes no segundo andar.

Luke retirou o tapete e a sentou na poltrona do lindo quarto, depois se afastou para ver Eleni se ajoelhar e agarrar as mãos de Isobel, chorando e pedindo desculpas difíceis de entender, pois a cada cinco palavras, apenas uma era em inglês.

— Estou bem, fique tranquila, Eleni — Isobel a assegurou. — Só estou suja e com sede. E adoraria um chá.

Luke foi carinhoso ao falar com a mulher em grego e ela se levantou secando as lágrimas com a ponta do avental.

— *Me synchoreite!* Vou buscar o chá.

— Muito cuidado, *ne!* — disse Luke para Spiro. — Se alguém telefonar ou vier aqui, ainda não encontramos a nossa hóspede.

Spiro balançou a cabeça afirmativamente e saiu com a mulher.

— Avisaram a polícia? — perguntou Isobel, ao ver o curativo no braço de Luke.

— Assim que recebi o telefonema de Spiro, entrei em contato com a polícia em Atenas — Luke a fitou de tal jeito que Isobel se lembrou de como estava vestida: camisola molhada, grudada ao corpo e a *legging* toda rasgada. — Diga-me a verdade, como está se sentindo.

— Como eu disse para Eleni, só estou suja e com sede, e meu tornozelo dói um pouco, mas isso não é nada perto do que passei. — Ela esticou os braços para mostrar os pulsos esfolados. — Tem alguma coisa que eu possa colocar nestes pulsos depois do banho?

Luke pegou-lhe as mãos e as beijou.

— Isobel, isto foi culpa minha. Quem está por trás disto acha que pagarei qualquer coisa para tê-la de volta. — Ele a fitou nos olhos. — E ele está certo. Mas faria de tudo para colocar minhas mãos na pessoa que a fez sofrer tanto assim. Não posso nem chamar dr. Riga para vê-la, pois correria o risco de alguém saber que a encontrei.

— Não preciso de médico — ela disse com firmeza. — E você também já foi agredido, então nem pense em se aproximar do sequestrador. Ele é um brutamontes.

— Tem certeza que não a machucou? — ele perguntou mais uma vez.

— Sim, mesmo que não tenha sido muito delicado ao me carregar para aquela cabana. E ele ficou louco de raiva ao ver meu cabelo.

E para a surpresa de Isobel, Luke parecia sem graça.

— Por causa da cor. Ele devia estar esperando encontrar uma morena.

— O quê? — ela perguntou intrigada. — Pensou ter levado a pessoa errada?

— Isto mesmo. Estava atrás de uma amiga minha. Neta do industrial Denis Stratos, que também recebeu um pedido de resgate esta manhã.

Então tudo isto que aconteceu foi um grande engano? Isobel ficou louca da

vida.

— Por isso ele ficou tão furioso. Peça a Eleni que traga minhas roupas para cá, por favor? Preciso tomar um banho.

— Todas as suas coisas já estão de volta neste quarto, aqui estará em segurança.

— Mas logo que prenderem o sequestrador, não fará diferença onde durmo, e poderei voltar para o Kalypso — disse Isobel, mas no fundo ela não estava muito preocupada em voltar depois da aventura que viveu.

— Não — ele foi categórico. — Você só sai daqui agora para pegar seu avião para a Inglaterra. Já a socorri duas vezes. Na terceira vez talvez não tenha tanta sorte.

— Mas não tive a intenção de lhe dar trabalho, em nenhuma das duas ocasiões — ela o fitou com um olhar penetrante.

— Sei disso, me expressei mal... — Ele fez uma pausa ao ver Eleni entrar com o chá. — Deve tomar seu chá aqui dentro e não na varanda. Alguém com um telescópio poderia vê-la.

— Fique tranquilo — ela disse, completamente arrasada agora que passara o efeito da adrenalina.

— Vou deixá-la sozinha — ele disse. — Tem certeza que está bem? Parece tão cansada.

— Claro, depois do que me aconteceu. — Ela sorriu para Eleni que lhe servia o chá. — Ficarei ótima depois do chá e do banho.

Logo que Luke saiu, Isobel afundou na poltrona e começou a chorar, então Eleni se ajoelhou diante dela e tomou-a nos braços, dizendo coisas ininteligíveis mas confortantes. Passado um tempo, ela se afastou e examinou as marcas de cordas nos pulsos de Isobel.

— Aquele porco fez isto?

Isobel balançou a cabeça.

— Fale a verdade. Só isto?

— Sim, nada, além disto. É uma tolice eu chorar, agora que estou em segurança.

— É natural! Agora tome seu chá, depois vá para o banho. Quer ajuda?

— Obrigada, mas posso fazer isso sozinha. — Isobel deu um abraço apertado em Eleni. — Meu Deus, Eleni, tive tanto medo que ele tivesse feito alguma coisa com você e Spiro.

Neste momento, a mulher esqueceu todo o seu inglês, e ficou um bom tempo abraçada a Isobel.

Quando Isobel finalmente entrou no chuveiro, sentiu uma certa tristeza. Esperava que Luke ficasse mais animado com a sua volta. Mas, claro, concordara em ser sua amiga. Mesmo assim, ela esperava um carinho ou afago dele. E esta noite ela não poderia nem jantar com ele. Pois no terraço ela estaria tão exposta quanto na varanda.

Isobel fez um esforço para arrumar seu cabelo, já que fora cortado um pedaço. Assim que voltasse para casa iria direto ao cabeleireiro. Ela sorriu ao pensar na vida maravilhosamente monótona que teria na galeria. E para espantar a súbita saudade de casa, ela tratou de passar uma maquiagem no rosto e esconder

os pulsos machucados com uma blusa branca de mangas compridas. Vestiu uma calça jeans e resolveu ficar descalça para não sacrificar seus pés dentro de sapatos. Sentia-se vulnerável sem a atadura do pé, mas estava suja demais para não lavá-la. Ao sair do banheiro, Eleni estava arrumando sua cama, mas ela declinou, sorrindo.

— Vou ficar aqui nesta poltrona confortável e ler um livro.

Passado um tempo que pareceu horas, Luke bateu na porta trazendo sua muleta. Aparentemente, acabara de sair do banho e tinha um novo curativo no braço.

— Está com uma aparência boa, Isobel — ele disse contente. Colocou a muleta nos pés da cama e puxou uma cadeira para se sentar.

— Estou me sentindo limpa agora. Você demorou muito — ela disse, mas logo se arrependeu quando viu o brilho nos olhos dele.

— Sentiu minha falta?

— Achei que queria saber mais sobre a minha fuga milagrosa.

— E quero. Em detalhes. Mas antes tive que levar a lancha *Athena* até o cais enquanto Spiro levava meu carro para me encontrar no cais, para que todos nos vissem. Precisava dar a impressão de que você ainda não foi encontrada.

— Entendi.

— Logo que cheguei no cais, Alyssa veio correndo me perguntar por você. Disse-lhe no ouvido que você estava em segurança, mas que precisava manter isso em segredo. Em seguida, falei bem alto que ainda não lhe encontrara. — Ele sorriu. — Ela fez um teatro, chorando, e de repente estávamos cercados de gente. Depois, juntei-me a Spiro, que me trouxe para casa.

— Nossa, pena que não pude ver essa cena.

— Perdeu a brilhante atuação de Alyssa. Disse-lhe para não telefonar, pois precisamos manter as linhas desocupadas, mas ela vem até aqui amanhã. — Ele retirou uma bisnaga do bolso.

— Dê-me suas mãos.

Ela estendeu os braços para que ele passasse a pomada os seus pulsos.

— Obrigada.

— Tem alguma outra ferida precisando de cuidados?

— Não, apenas alguns arranhões. E meus pés estão doloridos, mas nada que uma noite de sono não resolva.

— Estou vendo que você tirou a atadura do pé.

— Não tive escolha, estava suja demais.

— Assim que puder, vou chamar dr. Riga para enfaixá-lo novamente. Por enquanto, tome muito cuidado ao andar.

— Ficarei bem, agora que você trouxe a muleta. Afinal, eu estava sem ela quando saí da cabana e andei pela praia.

— Ainda me espanto que tenha conseguido. — Ele deu um longo suspiro. — Mas tudo isso foi por minha culpa. Você foi sequestrada não apenas para tirarem dinheiro de mim, mas para me fazer sofrer. Minha sorte foi o local escolhido para o esconderijo. Lembrou-se de mais alguma coisa sobre ele?

— Não. Nada de diferente, a não ser que resmungava e praguejava mais do que falava. Mas quando ele amarrou minhas mãos pela segunda vez, ele deixou a

corda meio frouxa, por isso eu pude soltá-las com os dentes. A corda era oleosa e cheirava coisa podre, mas no final eu consegui.

Luke olhou para as mãos dela, que ainda segurava.

— Tem ideia de como me senti quando Spiro me telefonou avisando do seu sequestro?

— Sentiu-se culpado, talvez, porque sua riqueza foi a razão do pedido de resgate? E também porque os sequestradores raramente deixam suas vítimas vivas.

E quando Luke a fitou, seus olhos estavam brilhando.

— Tudo isso e mais alguma coisa passou pela minha mente. Estava tão desesperado e frustrado que tive vontade de matar quem tinha feito isso.

— Foi assim tão importante para você?

— Você tem alguma dúvida?

Sem saber o que dizer, Isobel ficou de olhos baixos. Ele sorriu e soltou as mãos dela.

— Acha difícil acreditar nos meus sentimentos?

— Fora a parte da culpa, acho sim. Sou apenas uma estranha na sua vida.

— Sinto que a conheço muito bem, Isobel.

— Talvez pelas circunstâncias tão incomuns em que nos conhecemos.

— Segurá-la nos meus braços ajudou bastante — ele concordou.

— Mas ao menos isso você não precisa mais fazer, agora estou independente.

— Mesmo assim, eu ainda quero segurá-la nos meus braços, minha amiga.

— Luke, vou embora na próxima semana. Portanto, por mais agradecida que esteja por ter salvado minha vida...

— Duas vezes!

— Ainda assim, sinto não ter nada além da minha gratidão para lhe oferecer em troca. Posso estar sendo precipitada novamente, mas romances de férias não dão certo comigo.

— Vou tentar não me esquecer, Isobel — ele disse irritado. Depois consultou o relógio. — Descanse até que Eleni lhe traga seu jantar. Estarei no meu escritório falando com meu pessoal em Atenas. Precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada — ela disse chateada.

Luke se curvou numa reverência antes de sair.

— Luke.

— Sim? — ele se virou.

— Obrigada de novo por me salvar. Mas estou preocupada. E se o homem fugir com o dinheiro sem ser preso?

— Ficaré com o dinheiro.

— Sendo assim, vou lhe dever bem mais.

— Você não me deve nada. É uma hóspede em minha casa. Eu deveria ter sido mais cuidadoso com você. Mas isso, de certa forma, eu posso remediar agora.

— Ele voltou para pegá-la no colo e levá-la para a cama. Depois lhe entregou o livro.

— Leia se quiser, mas seria melhor que dormisse.

Isobel sorriu, mas tinha um nó na garganta. Novamente. Precisava parar com

essa mania de chorar. Isso não era do seu feitio, mas também nunca fora sequestrada antes. Que história ela teria para contar quando voltasse para casa.

Luke foi ao seu escritório para se comunicar com seus assistentes em Atenas. Andres foi conciso e eficiente, como sempre, com as informações sobre o dinheiro. Tudo fora empacotado conforme as instruções dos sequestradores, pronto para ser levado até o beco próximo do *kafeinion*, na noite seguinte, que já estava sob a vigilância da polícia. Os sequestradores não fizeram mais contato depois de avisar que só soltariam a vítima após a entrega do resgate.

— Não estou gostando disso — disse Luke. — Tem alguma coisa errada. Quero pegar este bandido, preciso saber quem está por trás disso. Alguém quer me atingir, de uma forma ou de outra. Isto tem que parar.

— Estou de pleno acordo, *kyrie*. E com a ajuda da polícia e o nosso pessoal vigiando, vamos pegá-lo e dar um fim nesta história.

— Estarei aí pela manhã.

— Acho melhor você não vir! Seria um alvo fácil.

— Por isso mesmo. Estão atrás de mim. Eu vou, Andres, preciso ir.

— Então vou lhe dar proteção, *kyrie*.

— Já esperava por isso — disse Luke. — Ari já está com a sua equipe pronta?

— Pronta e aguardando ordens. Como está a moça?

— Está muito bem depois da experiência desagradável. Obrigado, Andres. Mantenha-me informado.

Luke saiu para perambular pelo jardim. Se pudesse, já teria retornado a Atenas para acompanhar de perto o pagamento do resgate. Cerrou os pulsos ao pensar nos riscos que a indefesa Isobel correu nas mãos do sequestrador. Quem estava por trás disso sabia que a melhor maneira de atingi-lo era ameaçando a mulher que eles presumiam ser sua. Mas cometeram um engano na escolha do sequestrador. O homem deduziu que a sua hóspede em Skyros fosse Arianna Stratos, sua mais recente companhia.

Luke caminhou irrequieto pelo jardim. Não sabia descrever o que sentira quando sua lancha *Athena* se aproximou da pequena e deserta ilha, um misto de esperança e medo, e depois um alívio imenso ao vislumbrar Isobel de longe, suja e desafiadora, floreando sua arma como se estivesse pronta para enfrentar uma batalha. Bastou vê-la e todas as suas desconfianças iniciais sumiram, consumidas pela raiva de imaginar que a perdera, de pensar que outro homem pudesse tocá-la, ou até coisa pior. Luke sorriu ao pensar no jeito educado de Isobel de dizer que só teria sua gratidão.

CAPÍTULO NOVE

Isobel acordou com alguém afagando sua mão delicadamente e sorriu ao ver o rosto de Eleni.

— Que horas são? — ela quis saber.

— Hora de jantar.

— Já? — Isobel se espreguiçou e sentou-se na cama. — Devia ter me acordado antes.

— *Kyrie* Luke mandou deixá-la descansar.

— Está bem. Dê-me alguns minutos para me arrumar.

— Spiro colocou seus quadros no quarto de baixo — Eleni avisou.

Ela agradeceu a Eleni. Tanta coisa tinha acontecido desde que os pintara, que ela se esquecera de suas aquarelas. Dez minutos depois, encontrava-se de rosto lavado e cabelo penteado, mas sua blusa estava muito amarrotada. O que não faria diferença, já que jantaria sozinha. Bem que ela apreciaria uma companhia depois de tudo que passou.

Mas, como já acontecera no passado com outros homens, talvez Luke não estivesse interessado na sua conversa, se fosse a única coisa que ela poderia lhe dar. Isobel ficou intrigada, por que estaria tão inflexível? Depois de ter escapado da morte, seria de tal maneira ruim ter um caso de amor com um homem tão atraente? Muito pelo contrário. Um caso com Luke poderia significar alguns momentos gloriosos. Mas ela precisava pensar em como se sentiria depois disso, quando voltasse para casa. Por isso o rejeitava, mesmo morrendo de vontade de fazer amor com esse homem carismático que salvara sua vida. Por duas vezes.

Neste momento, Luke surgiu na porta do seu quarto como se seus pensamentos o tivessem atraído.

— Parece tão séria, Isobel.

— Estava refletindo sobre os mistérios da vida. Alguma novidade?

— Tudo pronto para o pagamento do resgate. — Ele puxou uma cadeira para se sentar perto dela. — Meu assistente me mantém informado.

— É competente?

— O melhor. Andres Stefanides tem sido meu braço direito desde que comprei meu primeiro cargueiro. Confiaria minha vida a ele, Isobel — ele disse e logo se levantou, irrequieto demais para ficar sentado. Ele foi até a varanda e trouxe a mesa e a colocou na frente de Isobel, depois fechou e trancou as portas.

— Acha mesmo que ele pode voltar?

— Prefiro não arriscar. Não vou descansar enquanto a polícia não prender o mandante. Pela sua descrição, o sequestrador deve ter sido contratado apenas para fazer o serviço, portanto, deve haver alguém por trás disso.

— Acha possível que seja seu avô? Por causa da morte da mulher dele?

Luke balançou a cabeça.

— Mesmo que ele fizesse algo tão absurdo, como contratar um homem para matar alguém de sua família, Theo não pensaria em sequestro. O avô de Arianna é seu amigo de muitos anos.

— Quer dizer que o sequestrador pensou que eu fosse Arianna?

— Isso mesmo. É uma grande amiga minha.

— Amiga da modalidade de travesseiros?

— Não. Nós temos uma relação do tipo que você diz que procura, Isobel. Ela é inteligente e bonita, uma companhia bem agradável, mas...

— Ela não é do tipo que você leva para a cama.

— Não. Ela é a prova de que é possível existir apenas amizade entre um homem e uma mulher, Isobel.

— Bem que eu gostaria que mais homens sentissem o mesmo. Quando estava na cabana, pensando se o homem viria me matar, me perguntei se voltaria a ver meus amigos, Joanna principalmente. O que me serviu de estímulo para sair de lá. — Isobel sorriu para ele. — Mas então você apareceu, e tudo fica bem quando termina bem.

— Não era para você ter passado por isso — Luke falou com amargura.

Ela deu de ombros.

— Mas eu sobrevivi. E será que ele duvidou que você fosse pagar para me resgatar, quando descobriu que levava a pessoa errada? É

— De qualquer forma, você era minha convidada. Ele sabia que eu pagaria. Mas cometeu um grande erro com o velho Denis Stratos. Arianna estava praticamente na sala dele quando chegou o pedido de resgate.

Eleni sorriu para os dois ao entrar no quarto para arrumar a mesa. Com dois lugares, Isobel notou feliz, enquanto Spiro entrava trazendo uma bandeja de pratos fumegantes.

Luke agradeceu aos dois e sorriu para Isobel quando eles saíram do quarto.

— Você parece surpresa.

— Achei que jantaria sozinha esta noite.

— Prefere jantar sozinha?

— Claro que não.

— Então, sirva-se — ele insistiu. — Você deve estar faminta, Isobel.

-----Por mais estranho que pareça, eu não estava com fome quando chegamos em casa. Apenas suja e com sede... — Ela fez uma pausa por causa do olhar dele. — O que foi?

— Você disse que chegou em "casa".

Ela corou.

— Acho que era assim que me sentia em relação à *villa*, depois de tudo que passei. — Ela continuou comendo por alguns instantes, depois o fitou. — Quando estava na cabana, achei que não viveria mais para comer uma refeição como esta.

— Não pense mais nisso — ele disse ao segurar a mão dela sobre a mesa. — Juro que estará em segurança de agora em diante.

— Está bem. Vamos conversar sobre coisas agradáveis. Fale-me sobre sua Arianna.

— Ela não é minha! — Luke sorriu. — Arianna é uma mulher bonita que não aceita se casar com os pretendentes arranjados pela família.

— Você é um deles?

Ele balançou a cabeça negando.

— Devido às circunstâncias em que nasci, não sou considerado um candidato

à altura dela.

— Mesmo sendo neto de Theo Andreadis?

— Sim, mas ele não me reconhece como neto.

— Você gostaria que ele lhe reconhecesse?

— E você gostaria se estivesse na minha situação?

— Se ele fosse meu único parente, talvez tentasse me aproximar dele, sim.

— Não tenho a sua capacidade de perdoar. E a sua experiência com avós foi bem diferente da minha — ele a lembrou.

— É verdade, tive muita sorte. Mas conte-me mais sobre Arianna.

— Jantamos às vezes, e quando ela precisa comparecer a algum evento social, eu a acompanho. O que não é nenhum sacrifício. Ela é uma pessoa agradável e eu gosto dela.

— E ela gosta de você?

— Claro. Mas ela ama outra pessoa.

— Então por que não sai com ele?

Luke sorriu.

— Arianna é adepta de Safo, ela ama outra mulher. Mas além de mim, e agora você, ninguém sabe disso.

— É um segredo difícil de ser guardado — disse Isobel. — Mas ela teve sorte de não ter sido sequestrada.

Luke riu e pegou sua mão para beijá-la.

— Ela teria dado mais trabalho para o sequestrador do que você, Isobel. Ela é mais rebelde — ele disse num tom desafiador. — Então, já lhe contei sobre a mulher da minha vida. Agora, conte-me sobre os homens da sua vida. Deve ter tido outros homens na sua vida antes do imbecil que tentou estuprá-la.

— Na escola foram vários, claro, entretanto os mais constantes foram Leo e Josh Carey. A família deles morava perto dos meus avós, portanto crescemos juntos. Quando adolescentes, eles deram uma festa e convidaram a garota nova do bairro, Joanna, e desde então nós quatro ficamos muito amigos. Jo e eu tínhamos namorados, claro, e os gêmeos, que agora são médicos, atraíam muitas mulheres. Mesmo assim, mantínhamos uma amizade estreita. Jo está casada, agora.

— E o marido dela aprova esses amigos?

— Sim. Mas não faria diferença, pois Jo é extremamente leal.

— Você também parece ser, Isobel.

— Tento ser. Além do mais, conheço os gêmeos desde garotinha. Para mim, são como irmãos.

— E eles também a vêem como irmã?

— Claro que sim. — Isobel notou que ele estava sentado em uma cadeira dura, com as pernas esticadas. — Você não pode estar confortável nesta cadeira. Vou me deitar na cama para que você se sente na poltrona. A menos que tenha alguma coisa para fazer.

— E o que poderia ser mais importante do que passar a noite com você, Isobel? — Ele se levantou. — Mas antes disso vou até o escritório tentar falar com Andres. Depois, se não estiver com sono, vou aceitar sua oferta.

— *Não estou.* — Ela balançou a cabeça enfaticamente.

— Tem medo de dormir?

— Não é bem isso. Mas gostaria de ficar cansada antes de tentar dormir. Fiz mal em descansar antes do jantar.

— Descansar foi importante depois de tudo que viveu. — E a fitou sério. — Teria feito qualquer coisa para poupá-la daquele sofrimento.

— Mas você me salvou, de novo — ela salientou.

— Pelo qual ainda não fui adequadamente recompensado — ele disse casualmente ao sair do quarto. — Quer alguma coisa lá de baixo?

— Nada, obrigada.

Isobel se perguntou o que Luke queria dizer por adequadamente recompensado. Quem ele pensava que estava enganando? O que qualquer homem esperaria receber? Ela afofou os travesseiros na cabeceira da cama e recostou-se neles.

— Alguma notícia? — ela perguntou quando ele voltou.

— Não. Está tudo pronto. Viajo amanhã bem cedo. Quero estar lá para acompanhar o pagamento do resgate.

— *O quê?* Você está louco? — Isobel o fitou horrorizada. — Deixe que a polícia cuide disso! Já escapou de ser esfaqueado uma vez, talvez não tenha tanta sorte da próxima.

— Seja qual for o meu destino, eu não posso fugir dele. Tenho que estar lá, Isobel. — Ele se sentou na beirada da cama e pegou a sua mão. — Tente entender.

— Mas eu entendo — ela disse debochando. — Tem a ver com testosterona. Só que não aprovo. — Mas se ele partiria pela manhã, talvez fosse uma boa hora de lhe dar seu presente, no caso de... — Deveria ter lhe pedido para trazer uma coisa para mim.

— Posso pegar agora. O que é?

— As aquarelas que pintei. Spiro as guardou no quarto lá de baixo.

Isobel ficou tensa enquanto ele não voltava com os quadros. Um homem como Lukas Andreadis podia comprar qualquer obra de arte que quisesse. Será que saberia valorizar seu trabalho? O quadro da piscina não era nenhuma maravilha, mas ela esperava que Luke o guardasse mesmo assim.

Ele voltou rapidamente, segurando um grande pacote.

— Spiro os embrulhou com muito cuidado — ele disse ao entregá-los a ela.

— Spiro é muito amável — disse Isobel. — Eleni também. Tem sorte de tê-los.

— Sei disso. — Luke apontou para o pacote impaciente.

— Abra logo.

Isobel desembulhou e lhe entregou o quadro da piscina. Luke olhou para o quadro, analisando-o com uma Expressão que ela não conseguia decifrar.

— Então você pinta mesmo.

Os olhos de Isobel arderam quando ela entendeu o que ele quis dizer.

— Então meus desenhos não o convenceram. Você ainda acha que estou atrás de matéria para o jornal, ou pior, que sou uma turista procurando uma aventura.

— Apesar de ser tão bonita, eu fiquei desconfiado — ele admitiu, olhando-a

sério. — Mas logo descobri que você não era nada daquilo.

— Mas ainda duvidava que eu soubesse pintar!

— Se duvidei, agora não duvido mais. Isto está lindo.

Ele parecia tão sincero que ela se acalmou.

— Você não é apenas uma artista, mas uma artista abençoada, Isobel. Você cria uma atmosfera. Eu quase sinto o frescor da água e o calor do dia na sua pintura.

— É um presente para você, uma pequena retribuição por toda a sua gentileza — ela disse séria.

Ele se curvou numa reverência.

— *Efcharisto poli*, Isobel. Sinto-me honrado. — Ele colocou o quadro com cuidado sobre a penteadeira. — Vou mandar colocar uma moldura e pendurá-lo no meu quarto em Atenas. — Ele a observou desembrulhar o quadro da praia. — Este também é uma beleza.

— Esta é a *minha* lembrança. Para ter certeza que tudo aconteceu de verdade.

Luke colocou um quadro junto do outro, depois se sentou do lado dela.

— Como eu disse anteriormente, Isobel, não vou precisar de nada para me lembrar da minha invasora. Mas vou adorar a pintura, não só por ser linda, mas por ter sido um presente seu.

— Agora você acredita que eu seja uma artista! — ela disse com ironia, para depois fazer um apelo. — Gostaria que você não fosse lá amanhã, Luke.

— Tem medo que eu morra?

— Claro que tenho!

— Fui criado numa escola rígida, sei cuidar de mim mesmo. E também não sou tão irresponsável a ponto de ir sozinho. Estarei acompanhado de Andres e meus seguranças. — Luke a fitou nos olhos, depois a puxou para seus braços. — Não se preocupe, Isobel.

— Não posso evitar. Sei que terei pesadelos com isso esta noite.

— Sei de um remédio para isso — ele falou baixinho.

— Cacau?

Ele riu.

— Experimentei uma vez na Inglaterra, mas duvido que tenhamos cacau aqui. Meu remédio é ainda mais doce, Isobel — ele falou de um jeito que a deixou de pernas bambas. — Preciso avisar a Spiro sobre o horário que vou viajar. — Ele a beijou delicadamente nos lábios e passou-lhe a mão nos cabelos.

Isobel permaneceu deitada quando ele saiu e fechou a porta. Será que aquilo fora um beijo do tipo *boa noite, durma bem*? Ela desceu da cama, pegou a camisola lavada e passada por Eleni e foi capengando até o banheiro, impaciente. Ele deve ter achado que suas dúvidas a deixaram zangada e normalmente teriam mesmo. Mas amanhã ele iria arriscar a vida caçando seu agressor. Ela estremeceu sabendo que dificilmente dormiria essa noite. Deveria ter sido mais direta e simplesmente pedido a Luke que dormisse com ela. Depois de sobreviver ao sequestro, Isobel via as coisas sob uma nova perspectiva, e descobriu que, além de curta demais, a vida podia ser muito doce.

Isobel foi até a porta da varanda para se certificar que estava bem fechada, depois voltou para a cama, sentou e pegou seu livro para ler. Se Luke não voltasse,

certamente teria insônia. Mas poderia ao menos ler e deixar acesa a luz da cabeceira. O livro era de um de seus autores favoritos, mas o mistério medieval, lindamente escrito, não conseguiu prender a sua atenção. Logo depois Luke entrou e trancou a porta do quarto.

— Como eu já imaginava, não temos cacau — ele disse, fitando Isobel nos olhos enquanto se aproximava. — Então teremos que tentar o meu remédio.

— E o que é exatamente esse remédio.

Luke sorriu ao se sentar na beirada da cama.

— É bem simples, *hriso mou*. Vou segurá-la em meus braços, a noite toda, para protegê-la.

— Parece infalível — ela respondeu com voz trêmula.

— Mas é. Só tem um problema. Talvez mais de um.

— É mesmo?

— Se segurá-la nos braços, não conseguirei dormir. Mas ficarei feliz de ter insônia para evitar que você tenha pesadelos, Isobel.

— Parece que estou sempre em dívida com você. Como poderei lhe pagar?

— Eu sei de que jeito. — Ele passou a mão nos cabelos de Isobel.

— Será que é o mesmo jeito que estou pensando?

— Você está me atormentando, Isobel *mou* — ele sussurrou, roçando seus lábios nos dela. — Eu a quero. Diga que me quer também.

Claro que ela o queria. Agora, ela o queria mais do que nunca. Depois de tanto sofrimento, ela *merecia* isso. Seria uma recompensa para eles dois. E se algo desse errado amanhã...

— Fale comigo, *hriso mou*. Disse que sua gratidão era tudo que poderia me dar. Mudou de ideia?

— Mudei. Agora, pare de falar e faça amor comigo, Lukas Andreadis, antes que eu mude de ideia novamente.

Feliz, ele se levantou e começou a tirar a roupa. Mas ao tentar se deitar, ela levantou uma das mãos para detê-lo.

— Espere, fique parado aí exatamente como naquele dia na piscina.

Então ela admirou os cachos castanhos, o rosto bronzeado e os olhos negros brilhantes. Observou seus ombros largos, seu torso se afinando na cintura e suas longas pernas musculosas. E para sua surpresa, o viu corar.

— Não quero ficar aqui parado enquanto você me examina.

— E por quê?

— Porque me corpo está me traindo!

— Já reparei — disse Isobel ao tirar sua camisola e puxar as cobertas da cama para atraí-lo.

Luke deitou-se do lado dela e a tomou nos braços.

— Tenho sonhado com isso — ele disse com o rosto enterrado nos cabelos dela.

Isobel suspirou e se aconchegou nele, encantada de senti-lo estremecer de desejo.

— Eu não me permiti sonhar com isso.

— Por quê? Não queria fazer amor comigo?

— Exatamente por querer tanto.

Luke a beijou com ansiedade. Seus lábios eram quentes e sedutores e, agora que estavam nus, pela primeira vez, só de se encostarem Isobel ficou tonta de prazer e de vontade de se entregar. Quando ela encostou os seios no peito dele, sentiu que os corações batiam no mesmo compasso, e os beijos dele deixavam seu corpo todo em alerta.

— Você é tão encantadora, Isobel. Não entendo como pude me zangar com você na praia.

— Você me assustou.

— E agora, está assustada?

— Não. — Ela se aproximou mais dele. — Faça amor comigo, Luke. Faça-me sentir feliz por estar viva!

Ele a beijou com tanto fervor que o coração de Isobel disparou. Ela o segurou com força, sentindo sua pele tocar na dele até ele interromper o beijo para explorar seu pescoço e depois seus seios. E ao beijar-lhe os seios, ele foi tão carinhoso e delicado que seu corpo foi inundado por um desejo novo e incontrolável fazendo-a estremecer toda.

— Posso parar se quiser.

— Por favor, *não pare!* — Isobel foi levada ao delírio com as novas carícias dele, e emitia sons guturais à medida que a mão dele descia para afagar sua barriga. Mas as carícias se tornaram cada vez mais íntimas, e seus beijos possessivos e incontroláveis pareciam devorá-la a ponto de Isobel achar que explodiria. Então Luke a fitou e, quando achou que Isobel consentia, ele a invadiu. Durante um bom tempo eles ficaram ali deitados, os corpos pulsando, até que os músculos dela se retesaram e eles entraram num estado de êxtase que durou alguns longos minutos de prazer.

Luke permaneceu quieto, em silêncio enquanto seu coração desacelerava, deixando seu corpo ainda sobre o dela. Quando finalmente saiu, ele se deitou do seu lado e a puxou para seus braços.

— Olhe para mim, Isobel — ele disse, afastando seu cabelo suado da testa. — Machuquei você, *hriso mou!* — ele perguntou baixinho.

— Não, você me surpreendeu.

— Como assim?

— Depois da experiência que tive com Gavin, achei que nunca mais ia querer fazer amor. — Isobel o encarou. — Mas com você, parecia que estávamos sentindo a mesma emoção, e eu morreria se não chegássemos ao clímax.

— Mas você conseguiu, não foi, *glykia mou, ne!*

— Consegui e achei maravilhoso!

Luke jogou a cabeça para trás e soltou uma risada de satisfação.

— Como é bom para um homem ouvir isso.

— Está reagindo como um verdadeiro grego.

— Porque é isso que eu sou, e tenho orgulho disso. E você é a minha rosa inglesa, Isobel, e tão linda e inteligente que custo a acreditar que nenhum homem a tenha pedido em casamento.

— Já fui pedida em casamento, há muitos anos. Mas quando ele começou a

falar sobre hipotecas e sugerir que eu arranjassem um emprego decente, eu desisti.

— O idiota queria mudá-la?

— Exatamente — disse Isobel, feliz por ele a ter compreendido. — Então resolvi romper o compromisso. — Ela suspirou. — Ele só queria a mulher, não a artista.

— Mas eu quero as duas — disse Luke, e a colocou deitada de costas e se debruçou sobre ela, perturbando-a com seu rosto bonito e olhar de desejo. — Esqueça todos os outros homens, agora você é minha — ele sussurrou e a beijou, e Isobel pôs os braços em torno do pescoço dele e o puxou.

Ela era dele. Por enquanto. Mas este momento era só o que eles tinham. Em poucos dias ela estaria deixando Skyros para voltar para o mundo real, não havia espaço em sua vida para alguém como Luke Andreadis. Mas aquela sua vida parecia distante e irreal demais quando eles faziam amor e ela então tratou de aproveitar este prazer que ele despertava nela. Os lábios de Luke percorriam seu rosto e pescoço, depois desceram pelo seu corpo até alcançar recantos que nunca receberam esse tipo de atenção. E as carícias levaram Isobel às alturas, deixando Luke feliz por lhe proporcionar isso.

CAPÍTULO DEZ

Mais uma vez Isobel ouviu o barulho do helicóptero partindo, assim que amanheceu, e fez uma oração pedindo proteção para o piloto. Revirou-se na cama pretendendo ficar mais um pouco, mas quando acordou de novo e consultou o relógio, levantou tão apressada para pegar sua camisola que tropeçou e quase caiu ao ver Eleni entrar no quarto.

— Machucou-se? — Eleni veio logo ajudá-la.

— Não, estou bem. Só com pressa de ir ao banheiro — ela respondeu encabulada. — Quero tomar banho antes do café da manhã.

— Kyrie Luke saiu cedo — ela disse com tristeza. — Você ouviu?

— Ouvi, sim.

— Como se sente hoje?

— Estou bem, Eleni. Não me machuquei nada com essa aventura — ela sorriu. — Mas estou com muita fome hoje de manhã.

Isobel tomou um banho rápido, depois se olhou no espelho do banheiro e ficou surpresa de estar com a mesma aparência de sempre. O que esperava? Evidências do seu pecado? Mas foi uma alegria, não um pecado. E seu olhar sonhador logo se transformou em apreensão. Isobel agarrou a toalha junto ao peito ao se lembrar do perigo que Luke enfrentaria mais tarde.

Decidida a ser forte em qualquer circunstância, Isobel se arrumou e foi mancando apressada para o quarto quando ouviu seu celular tocar.

— *Kalimera*, Isobel. Como se sente hoje?

— Luke, você já está de volta? Estou envergonhada de dizer que dormi quase a manhã toda. Mas estou me sentindo bem, até meu olho já voltou ao normal.

— Ao contrário do meu!

— O seu está *muito* sensual. Acho um charme esse estilo pirata.

— Estou feliz em saber. Gostaria de estar aí para acordá-la com um beijo. Mas tenho novidades, Isobel. Quando cheguei ao meu apartamento, encontrei um bilhete escrito à mão na minha correspondência, com a indicação da ilha de Petros. Assim como o homem que me atacou, o sequestrador devia estar sendo ameaçado de alguma forma, mas não era de todo mau, e não quis deixá-la esquecida lá para morrer. Mesmo assim, tome muito cuidado hoje. Fique sempre próxima da casa.

— Sim, Luke.

— Que bom ouvi-la dizer isso. Quando voltar farei outras perguntas para ter esta mesma resposta.

O que será que ele quis dizer com isso?

— Luke, vou ficar tão preocupada aqui. Não deixe de telefonar hoje à noite.

— Fique tranquila, *hriso mou*. Não vou me arriscar, eu prometo. Agora vá comer.

Preocupada ou não, Isobel se deleitou comendo pãozinhos quentes com manteiga acompanhados de café. Nesta mesma hora ontem, ela teria vendido sua alma para ter uma refeição igual a essa. Ela já ia pedir a Eleni mais uma xícara de café quando ouviu um carro chegando e, em seguida, viu Alyssa entrar correndo da cozinha, radiante.

— *Kalimera*, Isobel. Você deveria parecer arrasada depois do que passou, mas está com uma aparência fantástica.

— Eu me sinto muito bem. Estava prestes a pedir mais um pouco de café para Eleni.

— Nem precisa, *glykia mou*. Ela já está vindo com o café.

Quando Eleni saiu depois de servir o café, Alyssa já estava impaciente para conversar.

— Então, Isobel! Luke lhe contou como fui convincente quando ele chegou de lancha sem você?

— Falou sim — ele disse rindo. — Ele disse que você é uma excelente atriz.

— A rainha do drama, ele quis dizer! Poderia fazer o papel de Medeia, ou mesmo de Electra. Mas deixe isso para lá, e me conte o que aconteceu, em detalhes. Imagino o quanto deve ter ficado apavorada, Isobel.

— Por mais estranho que possa parecer, quando acordei no barco minha primeira reação foi de raiva. Mas quando notei que estava toda amarrada, aí tive medo. — Isobel tomou mais um gole de café, depois contou para Alyssa tudo que aconteceu até o momento que Luke chegou com a *Athena* para socorrê-la.

— Pela segunda vez! — Alyssa abriu um sorriso malvado. — Deve ter sido generosa ao recompensá-lo, não?

— Evidentemente — disse Isobel, com um sorriso semelhante. — Eu o presenteei com a aquarela que pintei.

Alyssa revirou os olhos, sem querer acreditar.

— Será que não pensou em algo mais excitante do que uma aquarela?

— Luke gostou muito. — E o sorriso de Isobel desapareceu. — Espero que ele se lembre de mim depois que eu partir.

— Ele nunca vai se esquecer de você, Isobel!

— Não sei, só lhe trouxe problema enquanto estive aqui.

— Duvido. Que problema pode dar uma linda loura?

— Luke me disse que sempre gostou de mulheres morenas e curvilíneas.

— Mas mudou de ideia depois que a conheceu, *glykia mou*.

— O que quer dizer isso?

— Minha querida, algo assim. Luke já disse isso para você?

— Não temos tanta intimidade.

— Se ficasse aqui, em pouco tempo teria — disse Alyssa. — Fique, por favor. Adoraria tê-la no meu casamento.

— Eu também gostaria, mas preciso voltar para o meu emprego. Já usei todas as férias a que tenho direito por este ano.

Alyssa suspirou, depois remexeu sua bolsa e entregou um cartão para Isobel.

— Estes são os meus telefones. Se mudar de ideia, me ligue.

— Claro — Isobel sorriu carinhosa. — Obrigada por vir me ver.

— Tinha que vir! Fiquei pasma com a sua coragem. Se fosse comigo, teria tido pesadelos horríveis. — Alyssa ajeitou o cabelo de Isobel atrás da orelha, depois consultou seu relógio. — Preciso ir. Já que Luke não está aí, por que não vem para a taverna esta noite? Eu posso vir buscá-la, e meus pais adorariam conhecê-la.

— É uma ótima ideia, Alyssa, mas não posso sair ainda, e também não é aconselhável que eu seja vista por aí. Posso adiar a visita?

— Claro que sim. Ligue-me se precisar de alguma coisa. A qualquer hora. E cuide-se. — Ela deu um beijo em Isobel, depois correu para conversar com Eleni na saída e logo saiu com o carro pelo caminho cercado de ciprestes, deixando Isobel inquieta e angustiada, sem saber o que fazer para passar o tempo.

Isobel tentou ler, mas não conseguiu se concentrar, então resolveu pintar. Para variar, ela tentaria fazer um retrato de Luke a lápis. Retrato não era seu forte, mas as feições bonitas de Luke tomaram forma no seu caderno tão rapidamente que no final da tarde o desenho já estava bem parecido com ele. Quando Eleni viu, logo chamou Spiro para apreciar o trabalho de Isobel, e gostaram tanto que Isobel lhes deu e decidiu fazer mais um para se ocupar enquanto se perguntava pelo paradeiro de Luke.

* * *

Naquele exato momento, Luke estava no seu escritório, com Andres e mais alguns membros da sua equipe e alguns seguranças, todos achando que alguém deveria tomar o lugar dele para ir até o local do pagamento do resgate, um *kafeinion* no distrito de Psyrrí de Atenas.

Luke os ouviu até os ânimos se acalmarem para então levantar a mão.

— Agradeço a todos a oferta, mas este é um assunto pessoal. Para se vingar de mim, esse homem atacou uma hóspede da minha casa. Portanto, senhores, devo

confrontá-lo antes de entregá-lo à polícia. Aliás, a própria polícia concordou que eu ficasse escondido até o homem tentar pegar o dinheiro.

— Mas o criminoso conhece você — disse Ari Constantinou, chefe da segurança. — Já escapou de morrer esfaqueado uma vez, *kyrie*. Talvez não tenha tanta sorte na próxima vez.

— Ele nunca teve a intenção de me matar. E para conseguir o dinheiro, ele precisa de mim vivo. Mas cometeu um engano ao sequestrar a moça que estava sob a minha proteção.

Todos os presentes se manifestaram a favor.

— Então este é o plano que elaborei junto com Ari — disse Andres, depois de um aceno de Luke. — Chegarei cedo e ficarei no café observando a calçada pela janela. Dois de vocês ocuparão outra mesa junto à porta. Outro ficará vigiando o banheiro dos homens que dá fundos para a calçada. O chefe vai ficar longe até o horário combinado, e o restante de vocês ficará com Ari no bar do outro lado da rua. A equipe da polícia também ficará fora de vista como pediu *kyrie* Andreadis.

— E eles aceitaram esta ideia? — alguém no fundo da sala perguntou.

— Não — respondeu Luke. — Eles queriam me manter bem distante do local, mas eu vetei.

Mais tarde naquela noite quente, seguindo que seus instintos o empurravam, Luke chegou ao local marcado uma hora antes do combinado e ficou andando pelas ruas do distrito de Psyrri. Foi até o *kafeinion* e parou na esquina oposta, acenando para um de seus seguranças que seguiu o seu conselho e ficou conversando com as pessoas e vigiando a calçada ao mesmo tempo.

— Chegou cedo, *kyrie* — disse uma voz masculina que em seguida praguejou quando um alarme de incêndio soou no *kafeinion*, fazendo com que todos saíssem correndo.

Luke correu no meio da multidão em direção à calçada para se jogar sobre um homem enorme prestes a pegar a bolsa de dinheiro. Ele lutou para segurar o homem até que chegasse o reforço da polícia e, em questão de segundos, todos os seus seguranças estavam em volta dele colocando o homem de pé para entregá-lo à polícia.

— Tive permissão da polícia para acompanhar o interrogatório mais tarde — Luke contou para Isobel quando telefonou pela segunda vez para dar notícias. — Uma vez preso, ele pediu proteção para sua família contra Zena e Zoe Karras. Como eu já desconfiava, eram as mandantes. E exatamente como aconteceu com o meu agressor, a mulher e os filhos do sequestrador também estavam sendo ameaçados por dois capangas. Mas ele jurou não ser assassino, e por isso mesmo me mandou um bilhete com a indicação do local do cativeiro.

— E, na verdade, ele não me machucou — acrescentou Isobel.

— Mas ele a amarrou e a deixou naquela ilha sozinha — disse Luke, depois continuou a contar que a polícia foi direto à casa das irmãs Karras, que ficaram loucas de raiva por terem falhado e despejaram todo o seu veneno, deixando chocados os experientes detetives. -- Luke riu cínico. — Mas a vingança foi mais por conta de ter perdido a generosa mesada que Melina lhes dava do que pela morte dela. Fui informado que elas me culpavam pela morte de Melina e de tudo mais que

deu errado na vida delas.

— Então elas pretendiam matá-lo?

— Não. Apenas me ferir e me atingir de alguma maneira, para descontar a raiva que tinham. Morto, eu não teria utilidade para elas.

Isobel estremeceu ao ouvir isso.

— E o que planejavam fazer comigo?

— Elas estavam histéricas demais para dizer algo que fizesse sentido naquele momento, mas Andres é parente de um dos policiais que estavam interrogando, portanto terei informações em breve. — E acrescentou num tom mais carinhoso. — Mas, não importa o que elas planejavam, agora você está em segurança, *hriso mou*. Poderá dormir tranquila hoje.

— Na certa terei pesadelos!

— Se estivesse aí, poderia evitar isso — ele disse todo meigo.

Só de pensar nessa possibilidade, ela sentiu os joelhos bambos.

— E quando você vai voltar?

— Assim que for possível, Isobel. Preciso resolver alguns assuntos com Andres. Mesmo antes de todo este drama, eu vinha negligenciando muito meus negócios desde que você apareceu na minha vida, sita. Isobel James!

— Sinto muito por isso. Mas não se preocupe, pois logo estarei partindo.

— Sei disso muito bem. Quando eu, voltar, vamos aproveitar ao máximo nosso tempo.

Isobel pôs o telefone sobre a mesa de cabeceira, aliviada por que tudo terminara e Luke estava a salvo. Mas ficou pensativa ao se recostar nos travesseiros. Se Luke pretendia passar todo o tempo com ela antes da viagem, será que quis dizer tanto na cama quanto fora dela? E se assim fosse, o que pensariam Eleni e Spiro? Isobel ficara tão amiga do casal que não queria perder o respeito deles. Ela abraçou o travesseiro contra o peito. Se soubesse que corria o risco de se apaixonar loucamente durante suas férias, teria ficado longe dessas mágicas ilhas gregas. Suas férias foram programadas para ela se recuperar do excesso de trabalho e também do terrível episódio com Gavin.

Mas agora, ao voltar para casa, ela precisaria de muito trabalho para se recuperar da odisséia grega. E de Luke. Ela deu um longo suspiro. E se não voltasse logo a ser a mesma de sempre, Jo concluiria que era por causa das horripilantes aventuras na Grécia. Quando, na verdade, estava sofrendo por causa do homem que a socorrera.

O dia seguinte parecia interminável. Luke telefonou duas vezes, entre uma reunião e outra, mas estava ocupado demais para trocar mais do que algumas poucas palavras. E Alyssa ligou dizendo que não poderia ir, conforme o programado, pois precisava trabalhar na taverna. Para se ocupar, Isobel terminou o desenho que fizera de Luke, para Eleni e Spiro, comeu a refeição que colocaram diante dela e fez algumas caminhadas pelo jardim para exercitar o tornozelo e passar o tempo até Luke chegar. Quando Luke voltasse, eles teriam tão pouco tempo juntos, e ela queria aproveitar cada minuto.

Quando Eleni avisou naquela tarde que atrasaria uma hora para servir o

jantar, Isobel resolveu ir para o seu quarto e subiu a escada com cuidado, apoiando-se na bengala, e segurando no corrimão. Ela ia aproveitar para se preparar para receber Luke, com um tratamento de beleza que ela raramente tinha tempo de fazer em casa.

Quando o sol se pôs, Isobel estava sentada na varanda do seu quarto esperando que o esmalte das unhas do pé secasse e, de repente, ela ouviu um barulho que só imaginava ouvir no dia seguinte. Tensa, ela se debruçou no parapeito da varanda para ver o helicóptero de Luke sobrevoando a casa antes de pousar, e teve que se conter para esperar que ele viesse procurá-la. Caminhou descalça pelo quarto ouvindo a voz dele e depois seu coração disparou ao ouvir seus passos subindo as escadas e finalmente chegar no quarto de braços abertos para ela. Isobel correu para Luke e ele enterrou o rosto nos seus cabelos recém-lavados, segurando-a junto do coração acelerado.

— *Kalispera*, Isobel — ele disse quando levantou a cabeça e a fitou nos olhos.

— Olá — ela respondeu sorrindo radiante. — Não me disse que viria hoje.

— Quis fazer uma surpresa.

— Mas avisou Spiro, porque Eleni atrasou a hora do jantar hoje. E ela não me disse nada.

— Por ordem minha — ele disse. — Queria ver sua reação, e agora que vi e que sei que está feliz em me ver, quero muito beijá-la. Mas se a beijar, não sei se vou conseguir parar e tenho que me preparar para jantar na sua bela companhia.

— Obrigada pela gentileza, senhor. Esperarei por você no terraço.

— Espere aqui, vou levá-la no colo — ele disse logo, mas ela balançou a cabeça.

— Com cuidado, consigo descer sem muleta agora, se andar descalça, depois calço a sandália lá embaixo. Mas não demore, estou faminta.

Isobel não gostava de jantar sozinha mas, por estar na companhia inesperada de Luke, ela fez justiça ao jantar de celebração que Eleni e Spiro tiveram tanto prazer em servi-los, agora que o homem que amavam como um filho tinha vencido seus inimigos e voltado para casa em segurança.

Luke precisou se levantar da mesa algumas vezes para falar ao telefone com amigos que souberam dos acontecimentos pelo noticiário, entre eles, Alyssa Nicolaides, que pediu desculpas por estar perturbando, mas precisava transmitir o abraço de toda a sua família.

— Os deuses estão lhe protegendo, Lukas *mou*. Dê um abraço em Isobel — disse Alyssa.

— Era Alyssa — disse Luke ao sentar-se a mesa novamente. — Ela lhe mandou um abraço. De agora em diante, deixarei por conta da secretária eletrônica. Se houver alguma urgência de Andres, ele usará minha linha privativa. — Então ele deu um enorme bocejo. — Desculpe-me, Isobel, mas dormi muito pouco na noite passada.

— Eu imagino. — Ela largou a romã que estava beliscando. — Quer se deitar?

Imediatamente, Luke deu um pulo para puxar a cadeira dela.

— Zeus, sim. Pedirei a Spiro que feche a casa para mim.

— Agradeça a Eleni pelo maravilhoso jantar, Luke, mas não se demore — disse Isobel.

Enquanto Luke foi até a cozinha, Isobel tirou a sandália e começou a subir lentamente a escada, mas nem chegara à metade dela, e Luke já a alcançara para levá-la no colo até o quarto. Ao chegar, ele fechou a porta com o pé, colocou-a na cama, deitou-se do seu lado, abraçou-a e enterrou o rosto no seu pescoço.

— Ontem à noite, eu só pensava em você quando estava naquela calçada esperando o homem que a sequestrou.

— E eu não pensei em outra coisa, o dia todo. Só depois de falar com você foi que me acalmei.

— Gosta tanto assim de mim?

— Sim — ela se aconchegou mais a ele. — Agora, conte-me tudo de novo. Ficou surpreso em saber que eram as irmãs Karras que estavam por trás desses atentados?

— Não. Depois de vê-las no funeral de Melina, não foi nenhuma surpresa. — Luke a beijou com sofreguidão. — Agora esqueça essa gente, *agapi mou*, e pense só em mim.

Isobel acordou sozinha na manhã seguinte e correu para tomar banho e se vestir antes que Luke fosse procurar por ela.

— *Kalimera* — disse ele ao pegá-la nos braços.

— Bom dia. — Ela sorriu para ele. — Como acordou hoje?

— Agora que você não corre nenhum risco, parece que tirei um peso enorme das costas, Isobel. E também estou com muita fome — ele acrescentou e a beijou. — De café da manhã, você entende. E enquanto comemos, vai me dizer o que quer fazer hoje.

Pouco depois, Isobel fez seu pedido enquanto tomavam o café da manhã.

— Gostaria de nadar hoje — ela disse segurando-lhe a mão. — Agora que está aqui, não pode me negar isso.

Luke pegou sua mão e a beijou.

— Claro. Milos não está aqui hoje, então será perfeito.

— Foi por causa dele que você não me permitiu usar a piscina antes?

— Foi. Eu sei o que você costuma usar para nadar, lembra?

— Meu biquíni é perfeitamente decente.

— Quando a vi pela primeira vez, achei que estava nua.

— Apenas porque ele é cor-de-rosa, ou era. — Ela fez uma careta. — Mas nunca mais vou usá-lo.

Depois de comerem, subiram juntos, ela apoiada no braço de Luke depois de se recusar a ser levada no colo.

— Em dez minutos estarei pronta — ela disse na porta do quarto. Em seguida, correu para tirar a roupa e colocar um maiô inteiro azul forte, sua única alternativa para o biquíni. Isobel examinou as diversas contusões que tinha pelo corpo que agora assumiam uma versão multicolorida, e deu de ombros. Luke já as

vira antes. Vestiu uma túnica transparente por cima do maiô, pegou uma toalha e abriu a porta para Luke.

— Viu? Foi menos de dez minutos — ela disse.

— Por que desperdiçar nosso tempo. — Ele se curvou para pegar Isobel no colo, mas ela não quis.

— Se você segurar minha mão, descerei a escada tranquilamente.

— Não me importa. Preciso segurá-la nos meus braços. Dê-me este prazer, *ne!*

Luke a colocou em uma das espreguiçadeiras na beira da piscina, depois tirou a camiseta e o jeans que usava sobre o calção.

— Quer ajuda para tirar esta blusa?

— Pode deixar, eu faço isso sozinha. — Ela tirou a túnica e ficou de pé sem ajuda.

— Nossa! Isto é ainda mais sensual que o biquíni — disse Luke ao ver seu maiô.

— Achei que ficaria feliz em me ver de maiô — ela disse, e ele riu e a pegou no colo para caírem juntos na piscina ignorando os apelos dela.

Rindo, ela veio a superfície e se afastou para nadar de *crawl*, estilo que lhe rendera muitas medalhas em competições na escola. Mas Luke nadou do seu lado com a mesma graça que ela já o vira fazer, e passou por ela com facilidade. Ao se aproximar dele, Isobel lhe lançou um olhar desafiador e virou para nadar de novo, então Luke foi atrás dela nadando. Quando Isobel se cansou, Luke saiu de dentro da água e a puxou para fora, embrulhando-a numa toalha.

— Você parece uma sereia dentro da água, Isobel. Quer entrar ou vai me esperar enquanto nado um pouco mais?

— Vou ficar aqui e tomar um pouco de sol. Estou fora de forma. Há muito tempo não nado. Além do mais, quero vê-lo nadar.

Luke a beijou e mergulhou de volta na piscina. Isobel ficou olhando, atônita, e chateada por não ter uma câmera fotográfica para registrar aquele momento em que Luke nadava de um lado ao outro da piscina, várias vezes seguidas. Finalmente ele saiu esbaforido da água.

— Acho que você devia entrar agora, Isobel. — Ele a surpreendeu ao tirar o calção e secar-se na toalha antes de vestir a calça jeans. Depois pegou a túnica dela e a ajudou a se levantar.

— Você não deve me carregar depois de tanto exercício — ela falou séria, mas Luke limitou-se a rir e a levou no colo até o hall, sem ao menos ficar ofegante. Logo surgiu Eleni para lhes oferecer café. Luke falou com ela em grego e seguiu com Isobel para o andar de cima.

— Avisei a Eleni que esperasse você se vestir — disse Luke ao colocá-la no chão, no quarto. E ao ver as contusões pelo corpo dela, ele amarrou a cara. — Estava deslumbrado demais pelo seu maiô lá na piscina... e apressado demais para fazer amor com você ontem — ele disse ao ficar de joelhos e encostar os lábios nas contusões. — Foi aquele homem que a machucou?

— Não. Foi a minha fuga pela janela da cabana que me deixou assim. — Isobel passou a mão sobre o cabelo molhado. — Preciso tomar um banho.

Luke se levantou e a puxou para perto dele.

— Minha vontade era de ficar sozinho com você nesta casa — ele sussurrou. Intimamente ela concordava com ele.

— Mas nós não estamos sozinhos, e eu quero muito tomar um café.

Isobel tomou um banho, secou o cabelo na toalha e depois o ajeitou com a mão e o deixou solto para acabar de secar enquanto se vestia. Feliz por ter nadado, ela pegou a bengala resolvida a descer a escada sozinha, e já estava no meio do caminho quando Luke saiu do escritório e a pegou em flagrante.

— Viu só? — ela disse ao descer os últimos degraus.

— Você é uma mulher muito determinada — Luke disse rindo e, antes que ela pudesse impedi-lo, ele a pegou no colo novamente. — Mas eu também sou muito determinado. E você precisa cuidar deste tornozelo até enfaixá-lo de novo. — Ele a levou para a cadeira do terraço, sentou-se do seu lado e pegou sua mão. — Então, como se sente, *hriso mou*!

— Quer saber como estou depois de nadar ou depois de fazer amor com você?

— Eu me referia à ultima parte. Pois no meu desejo de celebrar a vida, acho que acabei sendo muito exigente, *ne!* Machuquei você?

— Não. — Ela corou ligeiramente. — Tive a mesma necessidade de comemorar, Luke. — Então ela o fitou. — Você se arrepende do que aconteceu entre nós?

Ele pegou a sua mão e a beijou na palma.

— Como poderia me arrepender de algo tão sublime, *kardia mou*!

— Mas quando acordei você não estava mais lá.

— Por uma boa razão. Acordei com vontade de fazer amor com você mais uma vez, mas me contive e a deixei dormir. Também achei que você não gostaria que Eleni me visse na sua cama.

— Tem toda razão — ela disse e depois o fitou preocupada. — Luke, será que ela vai me desprezar por ter dormido com você?

— Não — ele foi enfático. — Eu disse a ela, e também a Spiro, que vou ficar do seu lado, noite e dia, para garantir sua segurança. E ambos me apoiaram integralmente. Spiro não se esquece do que passou quando descobriu que você fora sequestrada. — Luke sorriu. — Eles acreditam que foi o destino que me mandou uma moça tão encantadora.

— Ah, meu Deus — disse Isobel secando os olhos com o guardanapo. — Isto me fez chorar de novo. Você não sabe, mas eu raramente choro.

— Não é pecado demonstrar emoção, Isobel. — E seus olhos brilharam. — Como fez nos meus braços, ontem à noite. Então enxugue suas lágrimas, *agapi mou*. Precisamos ir até a clínica do dr. Riga agora e pedir que enfaixe seu tornozelo mais uma vez.

Isobel fez uma careta.

— Como está o meu cabelo? Mal tive tempo de arrumá-lo depois do banho.

— Estes cachos rebeldes são bem sensuais, deixe-o assim. — Ele a entregou a bengala. — Cuidado, tive muito trabalho e me arrisquei muito para preservar sua integridade.

— Eu também me esforcei bastante quando fiquei presa naquela cabana da ilha — Isobel o lembrou rindo, para em seguida ficar séria. — Todo o tempo que

estive lá, eu rezei por um milagre, e ele aconteceu. Você apareceu, Luke.

— Também rezei bastante naquela viagem de lancha — ele disse, e em seguida a beijou. — Quando vi seus cabelos louros ao me aproximar da praia, percebi que minhas preces tinham sido ouvidas.

A ida até a clínica foi tranquila. Isobel fez todos os exames que o médico insistiu em fazer e saiu de lá caminhando normalmente, com o tornozelo bem enfaixado novamente.

— Vou sentir falta de carregá-la — disse Luke ao ajudá-la a entrar no carro.

— Também gostei — ela admitiu. — Mas é muito bom me sentir independente de novo.

— Quanto valor você dá à sua independência! Não pense que vai poder sair por aí descendo em qualquer praia.

— Isso não vai ser nenhum sacrifício. Já perdi um pouco do entusiasmo por praias.

— Que ótimo. Limite seus passeios ao jardim. Quando voltarmos para casa, vou ter que ligar para Andres, e você pode tomar o chá que Eleni já deve ter preparado. Olhe — ele disse ao parar o carro. — Alyssa está acenando para nós.

Alyssa veio ao encontro deles e apoiou-se na janela do carro.

— *Kalispera*. — Ela sorriu para Luke. — Sempre arrumando confusão, não é?

— Não sou eu que procuro — ele respondeu.

— Mas também não faz nada para evitar. — Alyssa sorriu para Isobel. — Desculpe não ter aparecido ontem à noite. Acompanhou os acontecimentos?

— Sim. — Isobel trocou olhares com Luke. — Foi um grande alívio saber que estava tudo resolvido.

— Venham a taverna hoje à noite para comemorar. Meus pais vão adorar vê-los. Aproveite para dar folga para Eleni, Luke — ela sugeriu.

— Você gostaria disso? — Luke perguntou a Isobel.

Na frente de Alyssa, ela não teve jeito para dizer outra coisa.

— Sim, claro.

— Tem certeza que quer vir? — Luke perguntou de novo quando se afastaram. — Planejei tê-la só para mim esta noite.

— Não precisamos ficar por muito tempo — ela disse, depois sorriu para ele ao alisar sua coxa musculosa. — Iremos cedo para a cama depois.

Logo que chegaram de carro, Eleni e Spiro vieram correndo saber o que o médico dissera.

— Espero que não esteja fazendo nada de especial para o jantar de hoje, Eleni — disse Isobel aflita. — Alyssa insistiu que fôssemos jantar na taverna.

Eleni balançou a cabeça sorrindo e conduziu Isobel até o terraço para se sentar.

— Eu nem fiz compras ainda. Spiro vai me levar agora.

Isobel serviu-se de chá enquanto Eleni saía do terraço, mas mal ela tomou um gole de chá, Luke já estava do seu lado.

— Quanto tempo demora para tomar isto?

— Por quê?

Ele abriu um sorriso sedutor ao ouvirem o barulho do carro saindo lá fora.

— Ficaremos sozinhos na casa por algumas horas, e você me parece bem cansada. Precisa descansar. E eu também.

— Neste caso, derrame o chá num canteiro de flores ou sei lá aonde. Até porque, estou com muito calor.

— Eu também estou, *hriso mou* — ele disse com a voz cheia de desejo ao pegá-la no colo.

— Eu já posso andar agora, sabia? — ela protestou, mas ele balançou a cabeça e correu com ela para o andar de cima.

— Demora demais. Não podemos perder tempo.

Como lhes restava muito pouco tempo juntos, antes de ela viajar, Isobel deixou Luke levá-la para o seu quarto arejado onde ele logo começou a despi-la.

— Está com muita pressa — ela disse ofegante quando o viu jogar as roupas pelo quarto.

— Só até chegar nesta parte — ele disse, para depois se ajoelhar sobre ela na cama, com os olhos cheios de desejo. — Prometo lhe amar com toda a calma.

Aquelas palavras ditas num tom sedutor, mais a noção de estarem sozinhos na casa, criou um clima afrodisíaco para Isobel. Assim como muitas outras coisas desde a sua chegada a Skyros.

— Está tão silencioso aqui, parece que estamos sozinhos no mundo — ela sussurrou, estremecendo ao toque daquelas mãos habilidosas e estimulantes.

— Só nós dois, *hriso mou*, como Adão e Eva. Mas não existem mais serpentes no nosso paraíso. — Ele lhe acariciou os seios com muita doçura, depois lhe beijou os lábios, e à medida que o desejo aumentava, Isobel ficava mais excitada, segurando Luke pelos cabelos e puxando-o para perto e respondendo ao fogo que ele emanava. Finalmente, quando os dois tremiam de desejo, ele ergueu o corpo sobre o dela e a fitou:

— Não consigo manter minha promessa — ele disse ofegante e Isobel sorriu para ele de um jeito que Adão compreenderia.

— Então quebre-a — ela sussurrou, para em seguida sufocar um grito quando ele a obedeceu.

Desta vez, eles não foram se entusiasmando aos poucos. Desde o início Isobel foi tão impetuosa quanto Luke e em pouco tempo atingiu o clímax, e Luke também alcançou o prazer máximo logo depois. Ela permaneceu deitada, atordoada, enquanto o coração desacelerava lentamente, e quando sentiu falta de ar fez sinal para Luke se afastar, e ele se deitou do seu lado trazendo-a para ficar por cima dele.

— Está melhor assim? — ele perguntou sorrindo.

— Gosto de senti-lo deitado sobre mim, mas no final não conseguia respirar. — Ela abaixou a cabeça para beijá-lo. — Será que vai ouvir o carro chegando?

— Spiro vai acelerar e fazer bastante barulho quando chegar — ele a assegurou sorrindo.

— Mandou que ele fizesse isso?

— Não. Mas Spiro é homem, e é um grego. Não preciso falar nada.

— Imagino que esteja acostumado a isso — ela choramingou.

— O que quer dizer com isso, *kyria* Isobel? — ele perguntou espantado.

De repente ela se sentiu vulnerável demais deitada ali, nua, e com os braços dele a impedindo de sair. Ela desviou o olhar, sem poder encarar o seu jeito possessivo e licencioso.

— Jamais trouxe uma mulher para Villa Medusa antes — ele disse enfático.
— Este é o meu refúgio. Ou era...

— Até que eu o invadissem — ela completou. — Solte-me, por favor.

— Não. Primeiro terá que se retratar por desconfiar de mim. Isobel o fitou brava e se contorceu para se libertar, mas ele a segurou firme e, tarde demais ela notou que suas tentativas de fuga tinham um efeito excitante nele, e logo ela estava deitada de costas com Luke a prendendo de uma forma inteiramente diferente.

— Está bem, eu acredito em você — ela disse.

— Tarde demais, agora terá que pagar uma penalidade.

Em seguida, Luke começou a fazer amor com ela de novo com uma intensidade que deixou seu corpo todo eriçado enquanto ele o reivindicava com perícia, levando a ambos ao deleite máximo em pouco tempo e ainda melhor do que na vez anterior.

— Então, agora você acredita em mim? — ele perguntou ofegante.

— Acredito. Mas você tem outra mulher em Atenas...

— Não tenho mais, juro a você. Fui criado para dizer a verdade, sempre. — Ele lhe virou o rosto. — E você também, *ne!* Então, conte-me, *agapi mou*, já gosta mais de mim agora?

— Mais do que quando?

— Ora, você era muito hostil comigo, no início.

— Só porque você foi hostil comigo, Lukas Andreadis.

Ele retirou uma mecha de cabelo da testa dela.

— Quando voltar, vai falar de mim para sua amiga Joanna?

— Claro que vou. Ela vai gostar de saber que encontrei alguém que me fez esquecer de Gavin. Joanna não gostava dele, nem March, o marido dela.

— Gosta do marido de sua amiga?

— Muito. A felicidade deles me faz até repensar minha opinião sobre casamento.

— Mas não a ponto de querer se casar.

— Nunca. Já lhe disse que casamento não me interessa nem um pouco. Gosto muito da minha liberdade... — Ela ficou tensa ao ouvir o carro entrando em casa. — Luke, depressa, eles chegaram!

CAPÍTULO ONZE

Eles ainda demoraram bastante até sair para a taverna naquele dia. Isobel tomou um banho de chuveiro, logo que Luke saiu do quarto, depois dormiu um pouco enquanto Luke foi falar com Andres por telefone e, quando ele finalmente foi tomar banho, ficou um tempo enorme embaixo do chuveiro perdido em seus pensamentos.

Então Isobel não pretendia se casar. O que era bom, por que ele também não pensava nisso. Mas nada impedia que eles se tornassem amantes. Ele sorriu ao se deitar em sua cama, que era bem maior que a que havia no quarto de hóspedes. Precisava levar Isobel para dormir com ele ali ao menos uma vez depois de convencê-la a ficar por mais tempo. O entusiasmo e o prazer de fazer amor era algo que ele experimentara muitas vezes em sua vida, mas no passado isso logo desaparecia deixando apenas um enorme vazio quando chegava a hora da separação.

Mas com Isobel era diferente. Fazer amor com ela superava todas as outras experiências que vivera a tal ponto que tocava sua alma. Além disso, ele tinha grande prazer na sua companhia quando conversavam, nadavam ou simplesmente ficavam juntos. Ele a convenceria de que ainda não era hora de partir. Mas precisava ser sutil, deixá-la acostumar-se aos poucos com a ideia. Era melhor esperar até o último momento, pois as chances de vitória seriam maiores. A srta. Isobel James tinha que compreender que o destino não só a mandara para ser dele, como quis que ela ficasse ali com ele.

A noite foi muito agradável na taverna. O casal foi recebido de braços abertos e Luke muito elogiado por sua atuação no resgate da linda sita. James. Nikos Nicolaides, particularmente, sentiu uma certa responsabilidade já que Lukas conhecera a moça porque ela fora passar as férias em uma de suas propriedades.

A noite acabou se transformando numa celebração à vida de Isobel, uma hora de festejar com pessoas que tinham uma profunda admiração por Luke e também pela mãe dele.

— Todos eles gostam demais de você — Isobel comentou a caminho de casa.

— E eu também gosto deles. É por isso que Skyros é um lugar tão especial para mim. Todos aqui me conhecem e sabem o quanto trabalhei para conquistar o que tenho. E você, Isobel, deixou de gostar da ilha depois dos problemas que enfrentou aqui?

— Não, claro que não. Sempre guardarei boas lembranças de Eleni e Spiro, assim como de Alyssa e sua família. E de você. — Ela deu um longo suspiro. — Planejei fazer tantos passeios durante minha estada aqui, conhecer Serifos e algumas outras ilhas e também pintar alguma aquarela para futuramente vender na galeria.

— No entanto, a única viagem que fez foi na base da força, para uma ilha deserta sem lendas. Então, devo levá-la para onde quiser — ele prometeu ao entrar no caminho arborizado da *villa*. — Aliás, conversei com Andres mais cedo hoje. As irmãs Karras finalmente confessaram que contrataram aqueles dois homens para fazer o serviço, eram empregados da casa de campo da família ao norte.

— Será que o sequestrador tinha ordem para me matar depois que o resgate fosse pago? — perguntou Isobel enquanto Luke a ajudava a descer do jipe.

Luke a segurou e a beijou antes de colocá-la no chão.

— Se tinha, elas escolheram o homem errado para executar o serviço. Mas

isso não fez diferença, tendo em vista que eu já tinha encontrado você.

— Graças a Deus — disse Isobel e em seguida enterrou o rosto no peito dele.
— Confesso que estava um pouco assustada.

— O suficiente para ter pesadelos — ele disse ao entrarem em casa. — Acho melhor protegê-la esta noite também, ne?

— Sim, *por favor* — ela suplicou no momento em que Luke se curvou para pegá-la no colo. — Já posso andar, agora.

Então ele passou a mão em volta da cintura dela.

— Está bem.

— Esta noite foi tão agradável, Luke.

— Também achei, *hriso mou*. Está cansada?

— Estou.

— Aonde gostaria de ir amanhã?

— Quero explorar mais Skyros — ela disse. — Desde que cheguei à *villa* mal pude conhecê-la. E no dia que você me salvou, fiz a viagem de volta enrolada num tapete como se fosse Cleópatra.

Assim que chegaram no quarto dela, Luke fechou a porta.

— Faremos o que você quiser amanhã. Mas, esta noite, faça o que eu quero. Diga que também deseja isto, *kardia mou*.

— Você sabe que sim — ela disse antes de ser colocada na cama por ele.

Mais tarde, quando Isobel estava finalmente quieta nos braços de Luke, ele permaneceu com o rosto enterrado nos cabelos dela por um longo tempo até levantar a cabeça e encará-la.

— Nunca me senti assim com as outras — ele disse de um jeito que a deixou sensibilizada.

— Nem eu. Apesar de ter tido muito menos *outros* em *minha* vida, Lukas Andreadis.

— Sei disso — ele disse com certa satisfação.

— Como sabe?

— Por você ser tão clara e encantadoramente surpreendida pelo prazer que temos juntos, ne?

Surpreendida não era bem a palavra. As carícias de Luke não só eram novidade para ela, como lhe despertaram reações exageradamente desinibidas.

— Eu lhe disse que com você era diferente — ela o lembrou.

— Por que, sou um bom amante?

— Quer receber uma nota pela sua performance? — ela perguntou rindo.

— Não. A sua reação já foi um elogio e tanto, *agapi mou*.

— Agora durma. Amanhã exploraremos a minha ilha.

O programa que Luke planejara era tudo que Isobel poderia querer, exceto pelo fato de fazer o tempo passar rápido demais. Ele a levou num passeio fora de Skyros no dia seguinte, como prometera, além da *villa* numa estrada que terminava numa plantação de oliveiras e uma floresta de pinheiros. Passaram por um

monastério que parecia uma cúpula branca reluzente como uma pérola numa coroa de cipreste, e logo depois Luke parou numa elevação da rocha perto do local mais alto da ilha, com uma vista tão linda que Isobel se arrependeu de não ter levado seu material de pintura.

— Poderá fazer um quadro daqui quando voltar.

— Não vou voltar — ela disse.

— Não vem para o casamento de Alyssa?

— Não, Luke. Meu chefe não vai querer que eu tire férias de novo. E eu preciso desse emprego.

Luke olhou para ela por um bom tempo, depois se encaminhou para o carro. O que deixou Isobel mais infeliz do que nunca. Bem que ele poderia ser mais persuasivo.

Durante o jantar, Luke deu mais detalhes sobre a conversa que teve com Andres mais cedo enquanto ela lia na varanda.

— Foi uma pena a conversa ter demorado quase a tarde inteira, mas havia muitos problemas para resolver sobre a empresa aérea, e também com os fretadores — ele disse. — Andres tinha notícias sobre as irmãs Karras. Depois de perderem o dinheiro do resgate e ficarem isoladas na prisão, elas não resistiram e surtaram. Foram transferidas para uma clínica de doentes mentais. — Ele se esticou sobre a mesa para segurar a mão de Isobel. — Portanto, você pode dormir tranquila agora, *agapi mou*. Quer dar um passeio na *Athena* amanhã?

— Por quê? Tem alguma coisa que você prefira fazer?

— Zeus, claro que tem. Acho que Eleni e Spiro vão tirar folga amanhã para visitar a família.

— Pensei que eles não tivessem família.

— Eles não têm filhos, mas têm muitos parentes morando na ilha. Eleni poderá deixar alguma comida pronta para nós e Spiro levará o Cherokee.

Isobel ficou corada.

— Eles não vão querer saber por quê?

Luke ficou de pé e a ajudou a se levantar também.

— Pensarão que quero tê-la só para mim no seu último dia antes de partir. O que é verdade. Gosta de ideia, Isobel?

— Sim, gosto muito.

— Não que eu planeje ficar o dia todo na cama, você entende. Ficarei feliz de ter a sua companhia na piscina, passeando no jardim e aproveitando cada minuto. Apesar de esperar, e precisar, passar *algum* tempo fazendo amor com você. — E acrescentou. — Mas ainda podemos sair de lancha, se você preferir.

Isobel ficou na ponta dos pés e pôs os braços em volta do pescoço dele.

— Prefiro o seu plano — ela o assegurou.

E um dia inteiro assim, pensou Luke ao abraçá-la, era tudo que ele precisava para convencer Isobel de que ela deveria ficar para viverem muitos outros dias juntos.

* * *

Seu último dia em Skyros com Luke teria sido perfeito, exceto por um pequeno detalhe, partiria na manhã seguinte. Como ele queria, passaram quase todos os minutos do dia juntos. Assim que o barulho do motor do Cherokee se distanciou, levando Eleni e Spiro para bem longe, Luke sorriu para Isobel com profunda satisfação.

— Finalmente sozinhos!

— Então podemos conversar — ela disse. — Fale-me sobre a sua vida, Luke.

— Nem tudo é interessante, Isobel — ele avisou, e passou a contar sobre os fretes, que foi como tudo começou, quando construiu sua frota, que foi um sucesso comercial, e o possibilitou comprar a empresa de aviação que Melina Andreadis achou ser sua propriedade particular. Agora a empresa era dele e em breve teria outra reputação, o de luxo e confiabilidade em vez de voos baratos e frequentes. — Tenho um apartamento em Atenas e outro em Tessalonica. Você vai gostar de lá. Os turistas adoram a cidade. Ela fica perto das montanhas, onde você pode visitar desde o oráculo de Delfos até o monte Olimpo, a morada dos deuses para os antigos gregos.

— Vou adorar fazer isso algum dia — disse Isobel ao se levantar.

— Quer voltar para a cama?

— De jeito nenhum, *kyrie* — ela retrucou rindo e tirando o vestido. — Vamos nadar.

Eles nadaram e tomaram sol, comeram a salada que Eleni deixou e depois Luke não resistiu.

— Agora vamos para a cama.

Bem mais tarde, quando estavam abraçados na cama, felizes depois de se amar, lágrimas surgiram no rosto de Isobel.

— Por que está chorando? — quis saber Luke, que a beijava.

— Porque estou feliz — mentiu Isobel, disfarçando sua angústia com um bocejo.

— Durma, *hriso mou* — ele disse carinhosamente.

Parecia uma tremenda perda de tempo, mas Isobel estava tão cansada que obedeceu, e quando acordou ele estava do seu lado fazendo cócegas no seu nariz com uma mecha do seu cabelo.

— Deixarei que tome seu banho, para caminharmos no jardim antes de o sol se pôr. Depois disso, tomaremos um vinho para observar as estrelas surgirem no céu. — E lhe deu um beijo rápido. — Dez minutos, *ne!*

Isobel ficou aliviada por Luke não querer tomar banho junto com ela. Não ficava muito elegante ao se equilibrar num pé só. Mas teria sido mais uma lembrança para ela guardar. E também teria sido a primeira para ela. Sua vontade era de experimentar tudo que um homem e uma mulher podem fazer juntos quando estão apaixonados... Nossa! Pronto, tinha que assumir. Era inútil fingir que não estava loucamente apaixonada por Luke. Será que ele também sentia o mesmo? O pouco tempo que passaram juntos foi tão atribulado que parece ter tornado o relacionamento deles muito mais profundo. Luke a queria fisicamente, disse ela não tinha dúvida, mas se havia amor também, ela não podia dizer. Não que fizesse alguma diferença. Amanhã estaria partindo e nunca mais voltaria a vê-lo.

Luke estava do lado de fora do banheiro quando Isobel abriu a porta, num vestido azul de alcinhas, curto e transparente. Ele deu uma olhada nela que a fez corar e em seguida pegou sua mão para descenderem juntos a escada.

— Por que não entrou para me esperar?

— Porque a teria levado para cama de novo. E você teria reclamado por amassar seu vestido sedutor.

— Que bom que você gostou dele, eu o guardei para uma ocasião especial.

— Cada noite ao seu lado é uma ocasião especial. Como está o pé?

— Está bem, agora. Ainda bem, pois ele vai me levar para casa amanhã.

— Deixe-me levá-la para o aeroporto de helicóptero — ele pediu.

— Não, obrigada. Vou voltar de barco, do mesmo jeito que cheguei. Assim vou voltar à realidade aos poucos. A vida em casa vai ser muito monótona daqui para frente.

— Quem vai buscá-la no aeroporto?

— Joanna. Vou lhe mandar uma mensagem de texto antes de entrar no avião.

— Isobel sentiu o cheiro de flores ao passarem perto da piscina a caminho do penhasco. Ela olhou para a praia. — Tem tão pouco tempo que você me encontrou lá embaixo, no entanto parece que nos conhecemos a vida toda.

— Acredito que nos encontramos em vidas passadas — ele disse e pôs o braço em torno dela. — Venha. Vamos brindar o pôr do sol com uma taça de vinho.

Isobel não sentiu fome mais tarde para comer os *mezedes* que Eleni deixara para eles, apesar de o petisco ser delicioso como todas as comidas feitas por ela.

— Estou sem fome, hoje — ela se desculpou.

— Eu também estou. — Ele lhe pegou a mão e a beijou. — Isobel, preciso falar com você. E o melhor lugar para isto é na cama.

— Segredinhos ao pé do ouvido?

Luke balançou a cabeça.

— É conversa séria.

Isobel não estava gostando do tom dele, e sua apreensão só aumentou quando ele lhe abriu a porta do quarto e permaneceu do lado de fora.

— Vá se trocando que eu já volto.

Seu tom de voz deixou Isobel insegura e, depois de tirar o vestido, ela achou que não convinha ficar despida, então vestiu a camisola rapidamente. Sentou-se na cama para esperar por Luke e aproveitou para mandar uma mensagem para Joanna confirmando que voltaria no dia e horário previstos e que telefonaria antes de embarcar.

Logo que terminou, Luke entrou no quarto.

— Com quem estava falando? — Usava um roupão de toalha e puxou uma cadeira para se sentar ao lado da cama, deixando Isobel mais tensa.

— Enviei uma mensagem para Joanna confirmando meus horários de amanhã. Tem alguma coisa errada, Luke?

— Você está indo embora amanhã e ainda me pergunta se tem alguma coisa errada? — Como ela não respondeu, ele inclinou-se para frente, sério. — Preciso conversar com você assim, sem tocá-la, para saber que falo sério.

— Será que pode falar logo. Está me deixando preocupada.

— Não é esta a minha intenção, acho que cometi um engano. Deveria conversar depois de fazer amor.

— Pelo amor de Deus, Luke. Diga-me, qual é o problema!

— Não há problema, *agapi mou*. Se tivéssemos mais tempo juntos eu teria esperado, mas você irá embora amanhã. O que tenho para dizer é muito simples. Quero muito mais tempo com você — ele falava encarando-a nos olhos. — Escute o que planejei. Comprarei uma casa para você em Atenas, ou Tessalonica, onde quiser. Poderá pintar à vontade. Eu lhe darei o que quiser e passarei todo o tempo possível ao seu lado. — Ele se aproximou mais. — Pense em quantos dias e noites felizes, passaremos juntos, Isobel.

Ela ficou em silêncio pensando, por tanto tempo que o deixou apreensivo.

— Está falando sério? — finalmente ela perguntou.

— A ideia não lhe agrada?

— Luke. — Ela respirou fundo. — Somos de culturas diferentes, portanto não sei se compreendi bem. Está me propondo que seja uma de suas amiguinhas?

— Não! Não haverá mais ninguém na minha vida enquanto estiver com você, Isobel.

— Então oficialmente serei sua amante?

— Não será minha amante — ele sorriu. — Mas minha amada!

— E o que acontecerá quando você se casar?

— Isso não vai acontecer. Assim como você, eu não quero me casar. Mas eu a quero tanto que estou sofrendo com a sua partida, *hriso mou*. Diga que aceita, Isobel.

Ela soltou um suspiro e balançou a cabeça.

— Desculpe-me. A resposta é não.

Luke ficou de pé em seguida, como se não pudesse acreditar que ela recusava sua oferta. O seu olhar ficou sério e depois frio.

— Cometi o mais humilhante engano. Acreditei que você gostasse de mim, e que também sofresse com a separação. Ambos não queremos casar, por isso achei que meu plano fosse perfeito. Obviamente, eu me enganei. — O sorriso triste a deixou arrasada. — No futuro eu vou rir desta minha arrogância. Mas por enquanto, não. Boa noite, Isobel.

Isobel o viu sair e fechar a porta, depois ela afundou o rosto nos travesseiros com a sensação de que seu mundo estava desabando.

Mais tarde, Isobel foi até o banheiro lavar o rosto banhado de lágrimas. Esperava passar a última noite na cama com ele, mas como isto não iria acontecer, era melhor fazer a mala. Tirou a mala do armário e começou a dobrar as roupas, colocar os sapatos nos sacos plásticos.

Ela se sentia meio anestesiada, sua cabeça ainda em choque com a proposta de Luke. Podia estar apaixonada por ele, mas a oferta de Luke, ou exigência, significaria abandonar sua vida e seus amigos. E para quê? O casamento era uma relação arriscada demais, mas a insegurança de viver como amante, amada ou qualquer outra coisa de Luke, estava fora de questão. Provavelmente ele não deixaria que nada lhe faltasse, talvez lhe desse uma mesada. E com dinheiro envolvido nessa história, Isobel sentiu um gosto amargo na boca. Além disso, o que seria dela quando tudo acabasse? Podia amar Luke com uma intensidade que até a

assustava, mas valorizava demais sua independência, e seu amor-próprio, para concordar com um arranjo desse tipo. Mesmo que fosse com Lukas Andreadis.

Mas não havia motivo para se criticar já que nada disso iria acontecer. No momento, precisava voltar para casa, para sua vida e aprender a viver sem Lukas Andreadis. Mas deixá-lo desse jeito, como se fossem inimigos e não amantes, estava partindo seu coração. Se eles não iriam se ver mais, ela queria levar uma boa imagem dele para seus dias de solidão em casa.

E antes que mudasse de ideia, Isobel correu até a porta do quarto de Luke e bateu. Como não houve resposta, ela se virou para ir embora, mas bateu de frente com o corpo sólido e familiar de Luke, que logo a pegou no colo, beijou suas lágrimas e a levou de volta para o quarto.

— O que queria, Isobel? — ele perguntou ao deitá-la na cama.

Não tinha sentido mentir.

— Não queria ir embora sem fazer as pazes com você.

— Nem eu.

Luke deixou seu roupão cair, tirou a camisola dela pela cabeça e cobriu-lhe o corpo com o seu, devorando-a com seus beijos ardentes e desesperados que ela respondia com tanto fervor que, transbordando de emoções após a discussão, logo alcançaram o clímax, e Isobel estremeceu nos braços de Luke.

— Isto significa que você mudou de ideia? — Luke quis saber.

— Não. Mas está perdoado por pensar isso por eu ter...

— Feito amor com tanta entrega?

Ela riu.

— Sem vergonha, você quer dizer.

— Não existe vergonha entre um homem e uma mulher que se entregam um ao outro com tanto entusiasmo, *agapi mou* — ele a garantiu, segurando-a e roçando seu rosto no dele. — Imagine quanta alegria poderemos nos dar no futuro, Isobel. Você pode fugir amanhã, mas eu não vou desistir. Fomos feitos para ficar juntos. Quando me roubaram você, eu fiquei arrasado achando que a perdera. — Ele a beijou com sofreguidão. — O destino mandou você para mim e o que eu encontro me pertence. Não se pode lutar contra o destino, *hriso mou*. Você me pertence.

CAPÍTULO DOZE

Ao primeiro sinal do amanhecer, Luke se apoiou no cotovelo e olhou para o rosto de Isobel.

— Vou lhe dar seis semanas. Passado esse tempo, você volta, caso contrário, irei buscá-la.

— Você é muito seguro de si, Lukas Andreadis.

— Foi assim que tive sucesso na vida — ele disse com brilho nos olhos. — Quero você para mim, Isobel. Você entendeu?

— Entendi. Mas o que vai fazer se depois de seis semanas eu lhe disser que não quero vir?

— Isso não vai acontecer — ele afirmou com tranquilidade e a puxou em seus braços. — Não permitirei.

Foi um dia de despedidas sofridas, a começar por Eleni e Spiro, depois Milos, que também veio dizer adeus. Antes de embarcar, houve uma breve parada na clínica para Isobel se despedir do dr. Riga, e outra na taverna para falar com Alyssa e seus pais. Quando Luke entrou com sua bagagem no barco, Isobel já estava louca para ficar sozinha na sua tristeza. Mas, para sua surpresa, Luke se sentou do seu lado, decidido.

— Vou até o aeroporto com você.

— Mas como vai fazer para voltar?

— Ficarei em Atenas. — Ele a abraçou com força. — Vou ter que trabalhar muito para preencher meus dias longe de você, *kardia mou*. — Ele abriu um sorriso torto. — Achou mesmo que eu a deixaria ir para o aeroporto, sozinha? Precisa de alguém para levar suas malas, ne?

Isobel se apoiou no peito dele, seu coração querendo que ela mudasse de ideia e dissesse que voltaria para fazer, e ser, qualquer coisa que ele quisesse. Mas depois, sua cabeça assumiu o controle e segurou firme suas emoções até mesmo no momento difícil de se despedir de Luke no aeroporto.

A viagem de avião deu a Isobel o tempo que ela precisava para repensar tudo. Mesmo que Luke lhe tivesse dado seis semanas para se acostumar com a ideia, ela já sabia que nunca poderia aceitar fazer o papel de amante. Se a tivesse chamado para viverem juntos em seu apartamento em Atenas, ou em Tessalonica, ela teria concordado sem hesitação. Mas ficar sozinha em uma casa esperando que Luke tivesse tempo para vê-la estava fora de questão, por mais que o amasse. E ela o amava loucamente. A separação de Luke foi tão sofrida que parecia ter deixado seu coração com ele.

Isobel ficou feliz em ver Joanna esperando por ela no aeroporto. Com um olhar radiante, a amiga acenou desesperadamente quando viu Isobel chegando com a bagagem no carrinho. Depois de uma breve explicação para a bengala, Isobel esperou enquanto a amiga foi buscar o carro.

— Então, Isobel James — disse Jo quando estavam na estrada a caminho de casa. — Na única vez que você sai de férias sozinha, volta para casa machucada. Pode começar a me contar tudo, nos mínimos detalhes.

Mas Isobel se recusou a obedecer a amiga.

— Não vou lhe contar nada enquanto estiver dirigindo. Está com pressa de voltar para Arnborough?

— Não. — Ela olhou preocupada para a amiga. — March sabia que teríamos muito assunto para conversar. Tenho a noite toda.

— Ótimo. Vamos comprar alguma coisa para comer no caminho de casa e conversar durante o jantar.

A galeria já estava fechada quando chegaram. Isobel abriu a porta lateral e olhou com desânimo os dois lances de escada. Já se preparava para subir quando a amiga insistiu em fazer duas viagens para levar tudo para ela. E ao interromper a arrumação das roupas para enviar uma mensagem para Luke, avisando que chegara bem, a amiga tomou seu lugar. Depois as duas sentaram na cozinha para fazer sanduíches. Em seguida, Jo se sentou na frente de Isobel e ordenou:

— Legal. Agora comece a falar.

— Nossa! Que história — ela disse baixinho ao se esticar e tirar o cabelo do rosto da amiga. — Ainda bem que eu não soube do que estava acontecendo. E esse homem...

— Lukas Andreadis.

— Esse mesmo. Ele quer que você se torne sua *amante*?

— Não fale como se estivesse chocada!

— Mas é muito atrevimento — disse Jo impaciente. — Pensei que só homens casados tivessem amantes. E como foi que você reagiu?

— Na primeira vez que sugeriu, eu logo disse que não e ele ficou irado. Luke está acostumado a ter a mulher que quiser, por isso quando uma lhe diz não, é um choque e tanto.

— Incrível! E então, está decidida?

— Ele me deu seis semanas para me acostumar com a ideia de deixar tudo para trás e me instalar em algum apartamento em Atenas ou Tessalonica. Lá poderei pintar à vontade e esperar que ele tenha tempo para me visitar.

Joanna estava de queixo caído.

— Em que século ele vive? E se você disser que não, de novo?

Isobel deu um suspiro.

— Ele tem uma visão de destino tipicamente grega. Por ele ter me encontrado desmaiada na sua praia, acredita que o destino me entregou de bandeja para ele. Tem tanta certeza disso *que* disse que não vai desistir de mim nunca.

— Nossa! — disse Jo impressionada. — E imagino que deseja bonito, já que as mulheres se jogam aos pés dele?

— Isso ele é — disse Isobel ao tirar um retrato dele de sua mala. — Bonito demais. E estou tão apaixonada que é muito difícil dizer que não quero ficar com ele.

Nas semanas seguintes, Isobel sentiu demais a falta de Luke. Trabalhar na movimentada galeria normalmente já era bem cansativo, mesmo com a ajuda do estagiário que passava parte do dia lá, mas com o tornozelo ainda em recuperação, ela terminava o dia, exausta. E antes das férias, ela não dava a menor importância por morar em cima de uma galeria cheia de quadros valiosos. Mas agora, mesmo

com o excelente equipamento de segurança, ela ficava nervosa e quase não conseguia dormir à noite. E quando conseguia, acordava com pesadelos onde lutava para se livrar de panos que lhe cobriam o rosto. Sem Luke para protegê-la durante a noite, a melhor hora do dia era quando ele telefonava. E como ele a lembrava sempre, o prazo de seis semanas estava quase terminando.

Luke lhe passou os recados de Alyssa, que mandou que ele lhe contasse todas as novidades da ilha e que a convencesse a voltar para o casamento. Isobel achava estranho sentir tantas saudades de um lugar onde ficara tão pouco tempo. Ela também mandou recados para Alyssa, por intermédio de Luke, e ficou com o coração apertado quando ele disse que estava voltando a Skyros para passar o aniversário de Eleni que, segundo ele, coincidia com o fim do prazo das seis semanas.

Isobel mandou um xale de caxemira de presente para Eleni. Mais tarde, escreveu uma carta sofrida para Luke, colocou-a no correio, jogou fora seu antigo celular e comprou um novo.

— Mas por que você fez isso? — perguntou Joanna.

— Meu prazo terminou, mas não poderia encarar Luke para lhe dizer que não iria, então resolvi escrever. Não coloquei endereço de remetente e me liberei do celular, portanto, não lhe dei chance de me localizar — ela disse com um ar cansado.

— Então está resolvida?

— Estou. Na verdade, nunca imaginei que seria diferente. Lá no fundo, sou fruto da educação que recebi dos meus avós.

Uma vez que tomou sua decisão, Isobel escondeu o retrato de Luke, mas manteve na galeria a aquarela que fez da praia com uma etiqueta de vendido colada nela.

Jo aparecia na cidade uma vez por semana para levá-la para jantar, hábito que manteve mesmo depois de casada. Uma noite seu marido veio junto, e ocasionalmente Isobel conseguia encontrar com Josh e Leo Carey, em raras folgas do hospital, e passavam uma noite divertida como no tempo que os quatro saíam juntos. Jo também a levou para passar o dia na casa dos seus pais, num domingo. Isobel aceitou de bom grado, feliz por poder ver Kitty e Tom, os filhinhos de Jo. Ela podia aguentar bem a rotina de trabalho durante a semana. Mas quando a galeria estava fechada aos domingos, Isobel tinha tempo para pensar se tomara a decisão certa ao cortar Luke da sua vida.

Dois meses após seu retorno da Grécia, Isobel estava fechando a galeria quando um carro estacionou na calçada em frente. Ela resolveu se aproximar do carro para avisá-lo que não podia parar ali, mas ficou pálida ao ver quem descia do veículo para encará-la.

Ah, meu Deus! A boca de Isobel ficou seca e o coração disparou quando aqueles conhecidos olhos negros a fitaram. Teve vontade de correr para a galeria e trancar a porta. Mas ficou e sorriu.

— Olá. Que surpresa!

— Uma surpresa nada agradável, imagino — disse Luke ao trancar o carro. Ele usava calça jeans, suéter e botas de camurça, bem diferente das roupas que

costumava vestir em Skyros. Mas o rosto, belo como sempre, era enigmático ao se aproximar dela. — Já devia esperar por isso, depois da carta que me escreveu.

— Não esperava — ela disse. Como será que a encontrou?

— Já encerrou o trabalho por hoje?

— Sim. Estava fechando a galeria. Quer entrar?

Luke a seguiu e a observou fechar a porta. Sentindo seus olhos a seguindo, Isobel digitou os números para acionar o alarme da galeria e abriu a porta de sua casa.

— Talvez queira dar uma olhada nos quadros enquanto faço um café, ou prefere uma bebida? Tenho vinho...

Mas Luke balançou a cabeça.

— Vou dar uma olhada nos quadros. Tem algum trabalho seu aqui, Isobel?

— Sim. Tem um canto só de quadros meus. — Como ela não fez menção de mostrá-los, Luke começou a examinar as obras de arte. E ao chegar na outra extremidade da sala, Luke parou e ficou observando as aquarelas de Isobel.

— Você vendeu a aquarela que fez da minha praia?

— Não. Coloquei essa etiqueta só para evitar que alguém quisesse comprá-la.

— Pretende ficar com ela?

— Sim.

— Por quê?

— É uma lembrança das minhas férias. Certa vez eu lhe disse que, em vez de tirar fotos, eu prefiro pintar ou desenhar.

Luke quase se traiu ao se aproximar dela.

— Spiro me mostrou o retrato que você fez de mim. Fiquei muito lisonjeado.

Ela deu de ombros.

— Também achei que ficou bem parecido. Mas raramente faço retratos. Não é o meu forte. — Nossa isso era tão doloroso. Por que ele não a xingava logo ou pelo menos dizia por que viera?

— Seu cabelo está mais curto — Luke comentou. — Prefiro ele comprido.

— Eu também, mas não tive outro jeito depois de me cortarem um pedaço.

— Por culpa minha. — Ele se aproximou mais. — Parece cansada, Isobel.

— Estou, trabalhei muito hoje.

— Não tem ajuda de ninguém, aqui?

— Tenho um assistente, mas ele sai cedo. — E cansada de perder tempo, ela resolveu encurtar a conversa. — Não coloquei endereço na carta, como foi que me encontrou?

Luke riu e a deixou nervosa.

— No início fiquei tão furioso que não tive vontade de encontrá-la. Mas ao ver o quadro da piscina, meu fiel Andres, que estava tendo dificuldades em trabalhar comigo depois da sua carta, me alertou que você devia vender seus trabalhos em algum *website*. O resto foi fácil. Esqueceu do poder da internet, Isobel?

— Não. Só achei que depois de receber a minha carta você ficaria tão zangado que me esqueceria para sempre.

— Essa foi a minha primeira reação — ele admitiu. — De todas as emoções que senti, a pior foi a de raiva pela sua covardia, Isobel. Você me dispensou por carta. Mas depois que a raiva passou, tive vontade de ouvir o que você tinha para me dizer. Queria saber seus verdadeiros motivos. — Ele se aproximou ainda mais. — Por isso estou aqui.

Isobel o fitou por alguns segundos e depois se afastou.

— Sempre deixo as luzes da segurança acesas por causa dos quadros expostos na vitrine, mas neste horário desligo as outras luzes da galeria. — Virou-se com um sorriso educado. — Talvez queira subir até o meu apartamento. Estou louca para tomar um chá. — Besteira, mas era verdade. Sua boca estava tão seca que mal conseguia engolir.

— *Efcharisto*, Isobel. Pensei em levá-la para jantar, mais tarde.

Sem responder, ela abriu a porta que dava para a escada.

— Temos que subir dois lances, infelizmente.

— E o seu tornozelo, está melhor? Imagino como deve ter sofrido com esta escada, assim que chegou — ele comentou ao segui-la.

Muitas coisas foram sofridas. E a maioria continua sendo.

— Meu tornozelo está ótimo agora — ela respondeu educadamente e, ao chegar ao seu apartamento, ela abriu a porta e o convidou a entrar. — Sente-se. Vou fazer um chá.

Deixado sozinho, Luke aproveitou para inspecionar a sala. A decoração do ambiente revelava o lado artístico de Isobel. O sofá de veludo verde tinha uma manta azul jogada por cima e na poltrona de couro havia almofadas de seda vermelha e dourada. Pequenas mesas de estilos variados, espalhadas pela sala, serviam de apoio para livros e abajures com cúpulas coloridas.

Uma sala que era uma caixinha de jóias, pensou Luke, e virou-se quando a jóia que morava ali entrou com uma bandeja.

— Deixe-me ajudá-la — ele disse ao pegar a bandeja. — Onde devo colocar?

Isobel abriu espaço em uma mesa ao lado do sofá e Luke a colocou com cuidado, sentindo-se desajeitado num ambiente tão feminino.

— Sente-se na poltrona — ela sugeriu. — Fiz café para você.

— *Efcharisto*. — Ele pegou a xícara com cuidado e a pousou na mesa, com medo de fazer um movimento brusco e derrubar tudo. — Então. Por que não foi ao meu encontro, Isobel? — ele perguntou logo.

Isobel deu um gole no seu chá antes de responder.

— Eu pensei na sua proposta durante um bom tempo. Mas aconteceu uma coisa que mudou todos os meus planos. Por isso resolvi escrever aquela carta.

Luke pegou a xícara de café e tomou, ignorando a alta temperatura que queimava a sua boca.

— Conheceu outro homem?

— Não. — Isobel respirou fundo na esperança de acalmar seu coração que disparara dentro do seu peito. — Descobri que estou grávida, vou ter um filho, Luke.

Luke parecia ter recebido um soco no estômago.

— O filho é meu? — Ele ficou imóvel, seus músculos tensos ao vê-la empalidecer.

— Não.

— E de quem é? — ele perguntou, ficando ainda mais pálido que ela.

— É meu.

— Você me disse que fazia esse controle direito.

— Tem razão. Mas fui sequestrada, lembra-se? Não foi possível levar minhas pílulas. — De repente, ela se levantou e correu até o banheiro para vomitar. Teria feito qualquer coisa para permanecer trancada no banheiro pelo resto da vida, mas acabou saindo quando Luke bateu na porta insistindo para que ela a abrisse.

E barrou sua passagem quando ela quis passar direto por ele.

— Tem certeza disso?

— Tenho. Mas não se preocupe, não vou lhe pedir nada. — E ao fitá-lo seus olhos brilharam como safiras. — Só de ver sua reação agora já sei que estava certa em terminar tudo entre nós.

Luke a segurou pelos pulsos.

— Perdoe-me, Isobel. Fui indelicado com você, mas só porque me assustei pensando que você tivesse outro homem.

— Mas que drama — ela disse ao se soltar dele. — Quem sabe você não vai embora, agora. Volte para o seu hotel. Estou muito cansada.

— Mas nós temos que conversar. Como acha que eu vou dormir depois de receber uma notícia destas?

— Francamente, Lukas Andreadis, não estou preocupada se você vai dormir ou não. Só quero que vá embora.

— Claro — ele respondeu friamente. — Não vou aborrecê-la mais com a minha presença. Mas eu vou voltar, Isobel, e vamos conversar.

Depois que Luke partiu, Isobel resolveu adiar seu jantar por um tempo.

— Comerei mais tarde — ela prometeu ao alisar a própria barriga. — Desculpe-me pelo seu pai, neném. Infelizmente, será só você e eu. — Mas mesmo que conseguisse comer, ela não poderia dormir mais tarde sabendo que Luke voltaria. Só esperava que ele chegasse num horário razoável para dar tempo de se recuperar do seu enjoo matinal.

A campainha da porta soou mais tarde quando ela secava o cabelo após o banho. Ela estranhou, pois não estava esperando Jo e nem um dos irmãos Carey. E seu chefe, dono da galeria, estava curtindo um sol nas ilhas Maurício. Quando a campainha tocou novamente, ela pegou o interfone.

— Deixe-me entrar, Isobel — disse a voz inconfundível de Luke.

— Não esperava que você voltasse esta noite — ela respondeu friamente.

— Não importa, estou aqui. E chamando muita atenção. Então abra logo esta porta — ele ordenou.

Isobel apertou o botão para abrir a porta, praguejando, pois não teria tempo de se vestir. Correu até o quarto, colocou seu roupão velho de veludo azul, amarrou o cinto e passou os dedos pelos cabelos ainda úmidos. Depois respirou fundo e abriu a porta ao primeiro toque de Luke.

Ele usava outras roupas agora, estava de barba feita e o cabelo molhado,

como o dela.

— Já comeu? — ele perguntou ao vê-la de roupão.

— Não. Nós não estamos com fome.

Ele achou graça quando ela disse "nós".

— Mas você precisa comer — ele a criticou. — Vou levá-la até o meu hotel para jantar.

— Não, prefiro não ser vista com você em público.

— Por quê? — ele perguntou encabulado. — Não estou bem vestido?

— Esta é uma cidade pequena. Todos me conhecem aqui. Farão perguntas.

— E você não vai querer respondê-las.

— Por que está tão zangado? Sou eu quem está grávida aqui!

Luke fez um esforço para se controlar.

— Venha. — Ele a pegou pela mão. — Vamos conversar como pessoas civilizadas.

— Sim, claro. — Isobel se deixou ser levada até o sofá. Sentou no canto e gesticulou para que ele se sentasse na poltrona.

Ele parecia tão másculo na sua sala delicada que o coração de Isobel começou a pular dentro do peito.

— Se eu não tivesse vindo aqui, não iria me revelar a existência desta criança? Nunca?

— Não sei. Pensei em esperar até que ela nascesse para ver como me sentiria.

— Então já sabe que é uma menina?

— Oficialmente, não. Mas é o que sinto.

Ambos ficaram em silêncio por um breve momento.

— É muito ruim para uma criança crescer sem pai — ele finalmente falou. — Eu mesmo passei por isso.

Isobel sabia muito bem disso. Ela esperou que ele continuasse.

— Precisamos nos casar — ele disse.

— É mesmo?

— Não — ela disse.

Luke se debruçou sobre ela.

— Não pode dizer não desta vez, Isobel. Você tem que considerar o futuro de outra pessoa desta vez, não só o seu ou o meu.

— Como vou me casar se você nem acredita que o filho seja seu, Lukas Andreadis?

— Eu sei que o filho é meu — ele disse impaciente. — Quer que eu me arrependa pelo resto da vida pelas besteiras que disse num momento de forte emoção?

— Você me magoou, Luke. — Isobel cruzou os braços. — Mesmo porque, antes de saber do bebê, eu ia lhe propor algo diferente ao final das seis semanas.

— E o que era?

— Não me agradava a ideia de ser uma namoradinha que você visitasse quando tinha tempo...

— Não pretendia que fosse assim!

— Mas era assim que me parecia. De qualquer forma, eu ia lhe sugerir que morássemos juntos, como todo mundo faz. No seu apartamento em Atenas, ou na casa de Tessalonica, ou qualquer outro lugar. Enfim, eu queria compartilhar a sua vida toda e não só em pequenas doses, Luke.

Ele a fitou abismado.

— Está falando sério?

— Sim, estou.

— Se tivesse feito esta proposta, eu teria acatado de bom grado, depois de tanto tempo longe de você. E o que a fez mudar de ideia?

— Descobri sobre ela — Isobel alisou a barriga. — Não poderia sugerir que morássemos juntos depois de saber que estava grávida.

— E por que não?

— Você acharia que esta era a única razão da minha proposta. Além do mais, tive medo que desconfiasse da paternidade do meu bebê. E eu estava certa — ela acrescentou ressentida.

— Não acredito que teria coragem de me esconder a existência do nosso filho.

O coração de Isobel apertou quando ele falou "nosso" filho.

— Acho que não — ela falou baixinho.

Luke lhe pegou a mão e a beijou.

— Nosso bebê foi feito com amor, *ne!* Então ele...

— Ela!

Ele riu.

— Então, nada mais justo que cresça na segurança de uma família, e com pais casados.

— Isto é chantagem emocional — ela protestou.

— Chame do que quiser. Mas deve concordar comigo, Isobel. Ambos já sofremos com a falta de uma família formalmente constituída. Se aceitar se casar comigo, nunca mais sentirá falta de uma família. — Ele abriu aquele sorriso que tocava o seu coração. — Não pode lutar contra o destino, *kardia mou*.

Luke a ajudou a se levantar do sofá, fitando-a nos olhos, e com um suspiro Isobel se entregou aos braços dele para se beijarem demoradamente. Depois, Luke a pegou nos braços e sentou-se com ela no seu colo.

— Diga que me ama, Isobel.

— Já vem você me dando ordens, como sempre — ela riu. — Mas não importa, pois amo você, Lukas Andreadis.

— Então por que me fez sofrer tanto? Quando li sua carta, achei que ia enlouquecer. Não me deu seu endereço e disse que tinha destruído o celular. Foi Andres quem me salvou, Isobel, quando sugeriu uma maneira de encontrá-la.

— Eu também estava sofrendo muito — ela admitiu com lágrimas nos olhos. — Achei que a atitude que tomei era a mais acertada.

— Mas agora tudo parece bem claro para nós, *ne!* Mesmo que você nunca quisesse se casar, juro que seremos felizes!

— E você também nunca quis se casar!

— Mudei de ideia quando a conheci, *agapi mou*.

— Você me pediu para ser sua amante...

— Amada, não amante — ele disse. — Tive medo que não aceitasse meu pedido de casamento, Isobel. Estava tentando mantê-la perto de mim do jeito que imaginei que gostaria.

O estômago dela fez um ronco bem alto e os dois caíram na gargalhada.

— Estava dizendo oi para o papai? — Luke falou com tanto carinho que Isobel sentiu um nó na garganta.

— Acho que ela está me pedindo para dizer sim desta vez!

Normalmente Isobel gostava do voo curto de helicóptero até Skyros, mas desta vez ela deu graças a Deus quando pousaram em Villa Medusa.

— Você está bem? — Luke quis saber ao ajudá-la a descer da aeronave.

— Estou — ela mentiu, tentando sorrir ao ver Eleni e Spiro se aproximarem.

Abraçaram-se alegremente e logo Eleni olhou preocupada ao ver Isobel respirando fundo a caminho de casa.

— Já começou?

— Creio que sim — Isobel disse tensa.

— O que foi que disse? — perguntou Luke apressando para acompanhá-las.

— Sua filha resolveu nascer.

Luke praguejou enquanto a ajudava a subir até a suíte máster.

— Não devia ter dado ouvidos a você. Devíamos ter ficado em Atenas, perto do hospital.

— Nem pensar — ela falou com dificuldade. — Quero que nossa filha nasça aqui em Skyros, como o pai.

E 12 horas mais tarde, quando Isobel já estava exausta e Luke desesperado, a criança deles veio ao mundo chorando a plenos pulmões. Dr. Riga cumprimentou Luke quando a enfermeira Pappas entregou um volume bem embrulhado para Eleni, que o passou toda orgulhosa para Isobel.

— Você não teve pressa — ela falou para o bebê quando estava sozinha com o marido pálido e desfigurado. E sorriu quando Luke se ajoelhou na cama para beijá-la. — Ela é linda, não é, querido?

— Quase tanto quanto você, *hriso mou* — ele disse. — Mas nossa criança é um menino, Isobel. Temos um filho, não uma filha.

Isobel o fitou sem querer acreditar.

— Tem certeza?

Ele balançou a cabeça rindo.

— Com toda a certeza ele é um macho.

— Como o papai. — Ela riu baixinho e o aconchegou ao peito. — Bem, meu filho, teremos que tentar uma irmã da próxima vez.

— Não! — Luke sacudiu a cabeça vigorosamente. — Não vai ter uma próxima

vez. Nunca mais. — Ele lhe pegou a mão e a beijou apaixonadamente. — Eu não suportaria.

— Não terá que suportar. Eu faço esta parte.

— Não estou de brincadeira! — ele falou sério e curvou-se para beijá-la. — Vou descer. A enfermeira Pappas tem que cuidar de vocês dois. Precisa de alguma coisa antes disso, *glykia mou*?

— Uma grande jarra de chá e o meu celular, por favor — ela respondeu.

— Pode ter seu chá, mas sou eu que vou telefonar para Joanna e Alyssa, e também para Andres, que pode espalhar a notícia em Atenas. — Ele sorriu orgulhoso. — É um privilégio do pai, *ne*!

— Está orgulhoso do seu filho, Lukas Andreadis?

— Não tenho palavras para dizer o que sinto, mas teria ficado igualmente orgulhoso se fosse uma menina — ele disse ao fazer um carinho na cabeça de Isobel. — Embora esteja mais orgulhoso da minha mulher. Você não reclamou uma única vez.

Isobel riu.

— Não podia desperdiçar meu fôlego. Até porque, todas as mulheres passam por isso, Luke.

— Mas não sou casado com as outras, só com você, Isobel. — Ele sorriu ao ver o bebê se mexer no colo dela. — Qual o nome que vamos dar ao nosso filho?

— Estava tão certa de Olympia para uma menina, que nunca pensei em nomes de meninos.

— Qual era o nome do seu pai?

— Paul. Existe em grego?

— Sim, Pavlos. Mas também se usa Paul. Gostei, soa bem.

— Agora que lhe dei um filho, Lukas Andreadis, gostaria que me desse algo em troca.

— O que seu coração pedir. O que deseja, *hriso mou*?!

— Quando estivermos recuperados disto, quero dar uma festa para celebrar o nascimento de Paul, e enviar um convite para o seu avô.

Luke ficou chocado com aquele pedido.

— Você me pede isso porque sabe que não posso lhe recusar nada, *ne*?

— Exatamente — ela sorriu. — Você disse que poderia pedir o que meu coração quisesse.

— Então, claro que vou concordar. Até porque, talvez ele não venha. — Ele a beijou. — Agora preciso ir. Vou deixá-la aos cuidados da enfermeira Pappas e Eleni. Preciso fazer um brinde com o dr. Riga. — E ao sair ainda lhe mandou um beijo da porta e acrescentou. — Mas farei um brinde secreto para mim. Para o destino que me trouxe de presente a mulher e o filho mais lindos do mundo.

Fim

